Neste Número:

Coluna CULTíssimo....5
Filmes brasileiros que são paródias de filmes famosos....5
"A Droga" e a Chuva....9
A Bênção de São Melécio, Patriarca de Antioquia....11
A cachorrinha Mariana....16
A Cadeira....18
A casa da minha avó....21
A espera....22
A Gente Enfrenta....25
A ilha....27
A mensalidade....28
A Mulher ao Piano....29
A prova de Abraão....30
A rosa ferida....32
Participem do Projeto “Cartas para a Vida”....33
Abismo....35
Admirável Mundo Líquido....36
Alme-se....37
Amanda....38
Amar é….....41
Amo Meu Irmão....42
Amor....43
Amor em Quatro Estações....44
Ao fim da Rua....45
Artista do Mês....48
Amácio Mazzaropi....48
As cicatrizes do sertão....50
Ato e potência....51
Ausência....52
Avatar....53
Avistamento....54
Brexit....55
Calendas....56
Cartão de memórias....58
Casinha de sapê....60
Casulo....61
Cenas de Black Mirror....62
Cerveja Adultera....64
Choramos....65
Chuva Sem Valor....66
Cisne Negro....67
Com sequências....68
Comemoração....69
Conto de Vida....71
Criação....75
Crônica do Busão....76
Crônica do Corredor de Rua....77
Culpa....80
Doença Terminal....81
Dunas....82

E então vejo a enfermagem....84
Ela....86
Emoções....87
Entre o amor e o medo....89
Espantalho....91
Espelho Cego....92
Eterno....96
Farsantes....99
Flor e chuva....100
Folha em branco....101
Folie Deux....102
Fonte....107
GargalhECO....108
Haikai Engraçadinho....109
HAIKAIS....111
Homem do Rio....112
Inventário....115
Lama (aos culpados)....116
Lentes....117
Liberdade....118
Liberdade: Uma Palavra Machucada....119
Maria....121
Maternidade do Pobre....122
Mediante Quaisquer Julgamentos....123
Meros Jardins....124
Metáforas são máscaras....125
Na reponta da maré....126
Nada detém a fera....128
Nas Estações Quero Estar Contigo....129
Natureza....130
No Caminho da Serpente....134
Nobre Professor....136
Nossa Dança....137
Nunca mais chegam....138
O (L)ego....139
O Canto de Resistência da Periferia....141
O Despertar....143
O Dia Em Que Acordei Morto....144
O Hóspede Misterioso....150
O idiota....152
O morador de rua e a lição de gentileza....153
O que sobrou....155
O que Você Vê Quando se Olha....156
O rapto de Hélade....158
O sujeito possuído....162
O Vôo da Monarca....164
Ocê....166
Ode À Natureza....167
Olhares....170

Os anos de Bernadeth....171
Os caminhantes....172
Os tapetes....174
Os traços e os cigarros....178
Paixão....181
Pedaços de Palavras....182
Pena perpétua....183
Preces e promessas....184
Que idade tem sua alma?....185
Que Palavrão É Esse?....186
Saudade Foice....189
Ser Idoso....190
Silêncio....191
Silêncios....194
Sinal de Bondade....195
Singeleza....196
Solitário....197
Tem alguém aí?....198
Tic, tac na parede....199
Tribunal Virtual....200
Tudo muito calmo....201
Ultramarino....202
Uma luz para um sentimento reprimido....207
Versos Versados....209
Lançamento das coletâneas da Elemental Editoração....210
V Antologia Mulheres Pela Paz....211
Cinema e Cult – venha se apaixonar pela sétima arte!!....212
Academia Independente de Letras abre inscrição para novos membros....213
Seleção de livros da autora Renata Soltanovitch para baixar gratuitamente....214
LiteraAmigos....215
Modelo de envio de textos para publicação na revista....221

NOSSAS INSCRIÇÕES ESTÃO SEMPRE ABERTAS!!

ACESSE NOSSO SITE, SIGA O REGULAMENTO E PARTICIPE!!

http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Está passando por um momento difícil?
Ligue
188
As ligações para o Centro de Valorização da Vida (CVV) agora são gratuitas em todo país
Você não precisa se identificar
cvv.org.br

Coluna CULTíssimo

Filmes brasileiros que são paródias de filmes famosos

A paródia, forma cômica de "recontar", é por si só uma arte. O cinema, com suas muitas vertentes, ainda marginaliza a paródia como algo inferior e pouco digno de atenção.

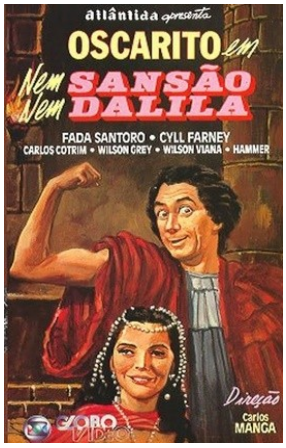
Mas em inúmeras ocasiões, a paródia conseguiu fazer mais sucesso que seu inspirador original, como é o caso do hilário *"Apertem os Cintos… o Piloto Sumiu"(Airplane! - 1980)*, do famoso trio *Jerry Zucker, Jim Abrahams e David Zucker (conhecidos pelo acrônimo "ZAZ")*, famosos pelas comédias-pastelão mais nonsense, que arrecadaram milhões de dólares em bilheteria, batendo de longe os números dos filmes de catástrofe aérea que serviram de inspiração para a obra.

O grande Mel Brooks também imortalizou paródias de diversos segmentos, indo do faroeste ao terror, com clássicos como: *"Banzé no Oeste, 1974", "O Jovem Frankenstein", 1974, "Alta Ansiedade, 1977"* e muitos outros.

Infelizmente, após o ano 2000, as paródias americanas se tornaram sinônimo de filmes ruins, repletos de críticas negativas e piadas sem graça.

O Brasil, é claro, não podia ficar de fora e criou paródias incrivelmente

interessantes, com destaque para o "épico" *"Nem Sansão, nem Dalila"* de 1954, dirigido por *Carlos Manga*, onde *Oscarito* mostrava que literalmente tinha *"força na peruca"*. O grupo de comediantes "Os Trapalhões", realizaram diversas paródias que fizeram muito sucesso nas bilheterias. Infelizmente ou felizmente, é um pouco difícil de julgar, a maioria das paródias brasileiras pertenceram ao movimento da *"Pornochanchada",* o que restringiu os filmes a um publico mais "seleto". Com títulos hilários, esses filmes brincaram de forma sensual com os grandes filmes da época, destacando: "A Banana Mecânica, 1973"; *"Costinha e o King Mong, 1977*; *"O Homem de Seis Milhões de Cruzeiros Contra as Panteras, 1978"; "Nos Tempos da Vaselina, 1979" e "O Beijo da Mulher Piranha, 1985"(rsrs).*



Recentemente, indo contra a corrente dos filmes americanos, os diretores brasileiros realizaram paródias 100% nacionais, que conseguiram atrair o público; dois grandes exemplos são os longas "Totalmente Inocentes, 2012" e "Copa de Elite, 2014".

Como não poderia deixar de ser, trago para vocês três exemplos de paródias bem interessantes e que merecem uma análise especial, espero que gostem.

Obrigada e até a próxima!

Bacalhau (Bac's – Brasil – 1975), dirigido por *Adriano Stuart*, foi um sucesso de bilheteria na época do seu lançamento e também nos idos tempos do VHS e recria, com aquele "jeitinho brasileiro", o grande clássico do cinema americano **"Tubarão" (Jaw's – E.U.A. - 1975)**. O filme possui uma trama simples e bem

estruturada: um monstro marinho desconhecido começa a comer banhistas numa praia, no litoral de São Paulo, espalhando o medo entre moradores e turistas. Um oceanógrafo português é contratado para identificar a criatura e descobre tratar-se de um *"Bacalhau da Nova Guiné"*, um dos seres marinhos mais mortíferos do oceano. Para combater o monstro, o oceanógrafo tenta "pescá-lo", utilizando como isca discos da cantora *Amália Rodrigues (??)*. Divertidíssimo, Bacalhau conta com um elenco experimente no humor, muita sensualidade e um monstro capaz de deixar *Steven Spielberg* morrendo de inveja, devido ao "*realismo"* da criatura, fabricada em fibra de vidro e cortiça e movida por cabos de aço e fios de náilon. Em algumas cenas, o bicho é tão realístico e assustador que podemos ver em sua cauda a inscrição: "*Made in Ribeirão Preto".* Nada que comprometa a "seriedade" deste cult brasileiro.

Gênero: Comédia - **Direção:** Adriano Stuart

Classificação: 18 anos

Jeca Contra o Capeta (Brasil – 1976), é um dos grandes filmes do mega cineasta *Amácio Mazzaropi,* responsável por diversos trabalhos memoráveis, sem nunca deixar de lado a combinação perfeita entre o humor, a crítica social e a cultura regional brasileira. Neste filme(segunda maior bilheteria de 1976), uma corajosa paródia do assustador **"O Exorcista" (The Exorcist – E.U.A – 1973)**, *Poluído(vivido pelo próprio Mazzaropi)*, precisa provar a inocência de seu filho *Augusto(Roberto Pirillo)*, acusado de assassinar o bandido *Camarão*, enfrentar a chantagem da rica fazendeira *Dionísia(Néa Simões)*, que, aproveitando a assinatura da *Lei do Divórcio*, quer obrigar *Poluído* a se divorciar de sua esposa, *Dona Poluição(Geni Prado)*, para se casar com ela em troca da liberdade de

Augusto e ainda lidar com a "possessão" de Dona Poluída. O longa é uma mistureba de Faroeste, comédia, terror/terrir e crítica social, usando metaforicamente o divórcio (em discussão na época e aprovado definitivamente em 1977) como referência ao demônio que "destruiria" as famílias e como sempre, beneficiaria os mais ricos. Um filme interessante e divertido, com participação especial de ninguém menos que Jesus Cristo.

Gênero: Comédia **- Direção:** Amácio Mazzaropi **- Classificação:** Livre

Etéia, A Extraterrestre Em Sua Aventura No Rio (Brasil – 1983), mais que uma paródia do clássico **"E.T.: O Extraterrestre" (E.T. The Extra-Terrestrial – E.U.A – 1982)**, este filme pode ser caracterizado como uma continuação nunca executada do filme original. Após deixar a Terra, nosso querido E.T. retornou para casa, mas não chegou ao seu destino, pois, Etéia (Zezé Macedo) sua namoradinha, vem para a Terra em busca do amado, só que perde o controle da nave e aterriza no Rio de Janeiro. A partir daí, a pobre extraterrestre, que tem o incrível poder de se transformar nas mais lindas garotas, se vê envolvida em todo tipo de confusão. Com direito a detetive que adora se vestir de mulher, crush canastrão e outras loucuras, o longa, dirigido por Roberto Mauro, é um filme leve, engraçado e raro de encontrar, normalmente exibido em mostras culturais, mas que vale muito a pena ser assistido, apesar do conteúdo e trash.

Gênero: Comédia – **Direção:** Roberto Mauro – **Classificação:** 10 anos

Para contato e/ou sugestões:

anarosenrot@yahoo.com.br

Conheçam meu livro "Cinema e Cult":

http://cultissimo.wixsite.com/anarosenrot/livros

"A Droga" e a Chuva

Evandro Ferreira, IWA

Caucaia/CE

Confesso que bateu saudade. Lembrei-me da minha infância e passou um filme em minha cabeça, hoje. Não tinha contas para me preocupar e nem pagar. Os estudos eram o grande vilão do tempo. Eu me encontrava com ele na escola e antes de dormir, ficávamos "namorando". Eu, o caderno e os livros. Antes era momento de ser criança... jogar futebol na rua com duas sandálias em cada lado, marcando "as traves", o chão era batido na rua cheia de poeiras e buracos...era divertido, principalmente quando chutávamos a bola no portão de ferro do vizinho e fazia aquele estrondo. Quando a bola caía dentro do quintal dele, era "batata". Ficávamos tristes, pois ele tinha um facão e cortava nossa bola "artilheiro ou atleta". Tudo era tão difícil e acabava o futebol. Bom, tínhamos a brincadeira da bandeirinha, pique, queimado (que se chama "carimbo" aqui no Ceará) e tantas outras coisas que nos faziam bem. Não tinha celular, conversa pelo zap ou facebook. O contato era direto e a hora de brincar, todos já sabiam. Brigávamos, saímos no tapa por bobeiras, mas depois tudo era resolvido. As mães que ficavam mal entre si. Dependíamos dos colegas para completar o futebol e outras brincadeiras. Não tinha maldade.

E quando chovia? Xiiiiiii! Era uma loucura, mas nos sujávamos de lama e ainda sujávamos os outros. Pobres mamães que lavavam nossas roupas em tanque de pedra. Como fomos ingratos sem malícia. Inocência! A festa na rua se dava quando os malditos políticos prometiam asfaltar a mesma. A "droga" vinha e todos iam vê-la. Era ela passar na rua e vir chuva. A desculpa para não asfaltar era sempre a mesma: a chuva! As pedras apareciam, buracos e nosso futebol, ficava ainda mais animado num chão mais plano. Inocência que acreditava nesse asfalto. Passavam 20 dias, 30 dias e lá se vinha a droga da "droga" e nossos ânimos aumentavam novamente. O céu se escurecia de nuvens carregadas e cinzentas. Era sinal de muita chuva e mais lama. Os nossos pais tinham que ir e

voltar do trabalho com sacolas amarradas nos pés para não sujarem o calçado de trabalhar no dia e no seguinte.

Tudo era tão difícil, mas tão prazeroso. Sei que cresci vendo nossas bolas sendo furadas ou rasgadas por esse vizinho. Era a vingança dele pelas boladas no portão. O que sei é que, cresci, terminei o ensino médio, perdi minha mamãe, entrei na faculdade e a rua não foi asfaltada. Prefeitos cretinos! Políticos mentirosos! Arrecadar IPTU, pedir votos e mentir para quem não tinha consciência política! O que sei é que quando ela vinha, "a droga", já sabíamos que ia chover e acabar com nossa alegria na rua. Essa "droga" era a tão temida draga da prefeitura. Hoje com asfalto na rua em que eu morava já não se brinca mais dessas brincadeiras de crianças. Xô "droga"! Xô, draga!

https://www.facebook.com/evandro.rodrigues.1806
@escritorevandroferreira
evandrocaucaia2012@hotmail.com

A Bênção de São Melécio, Patriarca de Antioquia

Nuno Marques Pereira
Guaratinguetá/SP

"Basta somente eu dizer que 'o ódio apenas pode vir a nascer dentre aqueles que se conceituam
dissímeis' para que possa se realizar uma imitação de Balzac; e, após fazê-lo, hei de poder escrever
uma nova Madame Bovary para contigo."
(Davi Mendonça Cardoso)

Há uma montanha ao leste de França onde dizem ter andado São Melécio de Antioquia, e dizem alguns sábios que São Melécio, após fazê-lo, teria lançado à montanha uma bênção para se realizar alguns anos depois. O tempo passou, até que a montanha se tornou um cemitério onde veio a ser enterrado um dos homens mais notáveis que já existiram na face da Terra: o padre Barcelos.

Após o seu perecimento, padre Barcelos passou a morar ali, um ermo cemitério da cidade de ***, cujo nome eu não quero recordar. Ele possuía um diário feito de ossos, onde anotava os segredos do cemitério na língua arcaica dos fantasmas com o fim de que ninguém compreendesse o que nele encontrava-se escrito – porquanto havia um grande infortúnio (que quem possui diário consegue apreender distintamente): o diário não era trancado.

Certo dia, quando Barcelos participou de um concurso que ocorreu no cemitério à madrugada de uma sexta-feira 13 – dia considerado de azar por nele ter sido crucificado Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, filho de Davi –, conseguiu enfim ganhar uma chave para o seu diário! Tal ocorrência tornou-se febre no cemitério, pois outros fantasmas que ali moravam sempre apreciavam dar uma espiada em seu diário, mesmo sem entender coisa alguma. Uma vez, quando padre Barcelos regressou de um passeio que deu pelo cemitério logo após ouvir o canto do galo, viu que a chave desaparecera.

"Onde foi que eu deixei o diabo dessa chave?", perguntava o fantasma para si mesmo. "Eu a havia deixado sobre o túmulo no qual durmo durante o dia, e fui passear pelo cemitério. Quando volto, a chave desaparece! Que desventura a minha!", e continuava a murmurar acerca do azar.

Alguns minutos depois, padre Barcelos ouviu uma grossa voz que vinha do céu: – Ei-la aqui, padre Barcelos! Eu a peguei para abrir um misterioso baú que encontraram nos Lares Celestes do Conde Alucárd!

– Por qual móvel tu não me questionaste se podia pegá-la? – perguntou o fantasma, encolerizado com o morcego. – Possua mais cuidado com as propriedades alheias!

– Não te questionei, padre, pelo móbil de nós, morcegos-vampiros, sermos descorteses – respondeu o morcego, demonstrando a maior falta de educação em sua face sarcástica. – E nós não somos morcegos, somos vampiros!, concluiu, transformando-se em vampiro.

– Eu não era para ter deixado a droga dessa chave em cima do túmulo, era para guardá-la no bolso de minha casaca! Não sou um idiota, não, sou o idiota! – resmungou padre Barcelos consigo mesmo, dando tapas em sua face.

– A meu ver, idiota é negócio com o Sr. Fiódor Mikhailovitch Dostoiévskii! Faça esta chave ser perduravelmente do Conde Alucárd ou hei de transformar-te num vampiro maléfico.

– Jamais farei a chave ser uma propriedade do malévolo Conde Alucárd e jamais hei de lhe deixar transformar a mim num maléfico vampiro, porquanto eu sou padre Barcelos, entendeu? O eterno fantasma que vence vampiros. Não se recordas de mim?

– Não – respondeu o morcego, cinicamente.

– Narrar-te-ei, pois, uma das minhas maiores façanhas, e aí verás como sou um ilustre fantasma do cemitério ***.

Sou padre Barcelos, o eterno fantasma que vence vampiros, O ETERNO FANTASMA QUE VENCE VAMPIROS!...

Na década de 1830, havia lá em Estrasburgo um pescador chamado Samuel da Silva Perdomo que era casado, todavia não tinha filhos – e tal fato dava-lhe desprazeres em abundância.

Certo dia, ele foi pescar no Rio Reno com o fim de deslembrar dos seus problemas, e sucedeu que veio na rede um só peixe. Quando o pescador foi tocá-lo, para a sua grande surpresa, o peixe lhe falou: "Não me mata, por favor! Não me mata!". O bom homem resolveu colocá-lo novamente na água, e naquele dia não conseguiu pescar mais nenhum outro. No dia seguinte, ocorreu-lhe o mesmo quando foi pescar. Passaram-se três dias, e quando o pescador foi pescar na fictícia Lagoa dos Estados Unidos da Europa (lagoa que apenas há de vir a existir no dia em que se formar uma nação extraordinária. Tal nação há de ser grandiosa, algo que não impedi-la-á de ser independente; ela igualmente será ilustre, rica, pensadora, pacífica e cordial para o resto da humanidade [...]. Esta nação terá Paris como capital e deixará de se chamar França para se chamar Europa. No século XX chamarse-á Europa e, nos séculos seguintes, mais

modificada ainda, chamar-se-á Humanidade – qual proferiu Victor Hugo) e jogou a rede, o mesmo peixe voltou a aparecer, mas desta vez ele disse: "Mata-me, por favor, e divida-me em seis postas fritas; duas serão dadas à sua esposa, outras duas à sua cadela e as outras duas terão que ser enterradas próximas à bananeira do seu jardim".

O homem, então, obedeceu ao que disse o peixe, e em sete dias a sua esposa achou-se grávida. Ao fim de nove meses, a mulher deu à luz dois meninos, que eram gêmeos – um deles era eu; e no mesmo tempo a cadela deu à luz os mais belos cavalos do Mundo, e próximo à bananeira do jardim nasceram duas lanças – uma significação de que os dois gêmeos seriam soldados.

Quando os dois meninos chegaram à idade na qual haviam de servir o rei, o pai os chamou para dizer-lhes: "Ide-vos servir a nossa pátria tão amada e idolatrada e tornem-se os maiores guerreiros de todos os tempos; vós possuístes os mais belos cavalos e as duas lanças invencíveis".

Partiram os irmãos gêmeos ao palácio para servir e o rei, e o mais velho – que era eu – disse certa vez ao caçula, Vladimir: "É necessário separarmo-nos, e, ao fim de um ano, encontrar-nos-emos para um contar suas proezas ao outro. Tome este pé de melancia; quando ele se encontrar emurchecido vá à procura de mim, porquanto isso significará que eu estou em apuros". Dito isto, nós nos separamos por um ano; eu fui ser ajudante do rei e Vladimir Perdomo viajante em terras do interesse do rei.

Depois de um tempo, houve um entreouvido no palácio que um grande terror atingira o reino devido a um monstruoso dragão de sete cabeças que atacava a cidade durante a madrugada e que já teria assassinado mais da metade da população, e até se cria temerosamente que ele repentinamente atacasse o palácio. Até então não aparecera ninguém interessado em atrever-se a lutar com o dragão, apesar de o rei ter anunciado que quem lhe apresentasse as sete cabeças do monstro desposaria a princesa Fedra, sua filha. Então, arrisquei-me e disse que se os deuses do Olimpo quisessem, ajudarme-iam a assassinar o monstro. Preparei-me, dirigi-me ao local e confiei na divina providência a aguardar o monstro a sair da mata na qual morava à madrugada e então vi a mais horrenda criatura de todos os tempos (que depois descobri ser o chefe de todos os vampiros malignos). Após uma grande e bela luta, espetei-lhe a lança no peito e imediatamente o dragão deu o seu último suspiro.

Cortei as suas sete cabeças, então. Essa tão boa ocorrência foi logo anunciada no reino, e não demorou muito para o rei ordenar-me que dirigisse à sua presença, pois ele queria nomear-me o "General das Armas" e dar-me a mão de sua filha.

Meu irmão Vladimir, que vira que o pé de melancia que lhe havia encontrava-se murcho, dirigiu-se ao reino o mais rápido possível, e deparou-se comigo

tomando a estrada do palácio. Quando tudo lhe foi contado, eu lhe concedi as seguintes belas palavras: "Mano, você compreende distintamente que eu, pelo fato de ter entrado no seminário secretamente para seguir uma vida eclesiástica, jamais hei de me casar; vá você, então, conversar com o rei, mostre-lhe as sete cabeças e ele julgará que sou eu (pois somos idênticos) e dar-lhe-á a mão da sua filha; após a cerimônia, diga ao rei que faça de mim o Padre Representante do País". Assim tudo se fez, e eu me tornei o maior eclesiástico de França, e sempre com uma tão grandiosa virtude batalhei pelo Bem da pátria que mereci depois da minha morte poder vagar pelo cemitério *** durante a noite. Apenas deito em meu túmulo quando o galo canta.

Após a minha morte, Vladimir lançou um livro medíocre em tributo a mim (que fora encomendado pelo Imperador da República Imperialista do Brasil, Pedro MCM) – A História de Minas Gerais – sob o pseudônimo de Bernardo Guimarães, e tal livro (mesmo medíocre!) obteve um suntuoso sucesso pela sua tão má qualidade.

Sou padre Barcelos, o eterno fantasma que vence vampiros, O ETERNO FANTASMA QUE VENCE... – Antes, porém, de pronunciar "vampiros", ele desmaiou. O morcego conseguira lhe vencer.

O vencedor escreveu, pois, sobre a lápide onde padre Barcelos dormia durante o dia a seguinte poesia,atribuindo-a falsamente ao notável Alphonsus de Guimaraens (1870—1921):

I. Orações, juramentos e declarações
É o que eu NÃO faço para ti, meu desamor,
Pra JAMAIS demonstrar-te minhas caridosas compaixões
E SEMPRE aproximar-te de toda angústia e dor,
Pois és tu uma verdadeira Moby Dick sem manejo!
– E por isso hei de detonar-te com o amparo dum ferro malfazejo!

II. Como és maldita, ó Moby Dick!
Cruel, rude, feroz e ingrata!
Fazes-me deslembrar que olhos em minhas "asas" tenho;
Furta-os com a fúria da cascata!
Marte encontra-se em ti, baleia branca,
Malevolente sejas pelo Ideal perdido!, pelo mal que me fizeste com o mais vasto prazer!,
pelo amor que perecera sem haver sequer nascido!, ó malfeitora, fútil, demoníaca e cretina, animal ferrenho!
Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio!

– E com uma robustez tão brutal e impetuosa qual a dum bombardeio.

Feral como uma carranca: Assim... assim... assim... assim... assim... assim... assim...

Fatigaste a minha vida, ó Moby Dick!

Como consequência da árdua aversão que me lançaste, agora expiro...

Como és cruel, ó Moby Dick!

A cachorrinha Mariana

Marcos Andrade Alves dos Santos

Canaan/Trairi/CE

A beleza arrumou uma companheira de viagem chamada Mariana. Esta doce amiga era uma cachorrinha muito bonita, toda lavradinha de vermelho com branco. Todas as vezes que a Beleza botava a bacia de Colorau na cabeça, a Mariana corria e ficava esperando na porta para acompanhar a amiga na andança.

O povo da Lavagem ficava impressionado com a disposição da cachorrinha para fazer os caminhos mais a "dona". E ninguém acreditava quando a Beleza se virava para eles e dizia:

– Na verdade, a Mariana é minha amiga. Não posso ser dona de outro destino que não o meu.

Estas palavras só podem ser entendidas por gente que ver mais do que a superfície das coisas, das relações do ser humano. Desde muito tempo, que os homens deixaram de serem amigos dos outros seres na natureza e até mesmo entre si.

Acabou que muita gente não conseguia enxergar a profundidade da afetação entre a Mariana e a Beleza, por que isso demandaria deles um desaprendimento de tudo que lhes eram preciso para ser vazios. Mas para as pessoas desimportantes isso era algo possível, por causa de sua mística antiga.

A Felicidade, que era amiga da Beleza, não tinha cachorrinha, no entanto conversava com as Caraúbeiras e diziam que ela mesma dava flores amarelas em seu sorriso. E sempre que recebia a Beleza, a Felicidade falava assim para a Mariana:

– Eu sei que seu nascimento foi por causa de uma memória. Eu sei de seu acometimento de memórias. Eu sei de seu falamento.

Porém, a Mariana só olhava para a Felicidade com aqueles olhinhos arregalados, como se tivesse entendimento de tudo. Outra resposta não havia, ainda assim o pensamento da Felicidade não se despedia. Então ela olhava para a Beleza, que sorria e nada confirmava da suspeita da amiga.

Quando voltavam para casa, no caminho das Caraúbas, a revelação aconteceu e tudo o que a Felicidade falava sobre a Mariana se realizava. A cachorrinha fazia um espreguiçamento no meio do caminho até que parava de uma vez, se voltava para a Beleza e tinha um acometimento de fala:

– Gosto da sua amiga árvore, Beleza. Ela parece que entende de memórias, pelo menos sabe arriscar dizer de onde eu venho e pertenço. Mas será que ela sabe mesmo que nós duas conversamos? Será que ela descobriu nosso segredo? Sabe, minha amiga, enquanto ela estava falando me lembrei do meu próprio nascimento. Você sabe que eu venho das bandas do Reino de Pedra Azul, lá onde mora aquele que canta assim: "morei no segundo andar do Reino de Pedra Azul / Sou morador lá das varandas, por nome Castelo Azul"... Foi ele mesmo que descobriu a chave pra que eu voltasse aqui. Era a Memória. A memória é uma força impressionante. É através dela que nos conhecemos desde as mais profundas arestas. Suas linhas invisíveis nos alcançam e nos recuperam por meio de chamados. A memória sabe cantar o passado de um jeito que valide a experiência do presente. A memória traz os fragmentos da Beleza para que com ela aprendamos a olhar a vida por outras óticas. A memória é o acerto dos desimportantes pela continuidade da vida.

Depois de dizer suas palavras, a Mariana teve de se calar. Embora quisesse continuar a conversação com sua amiga, pois também a Beleza esperava falar suas impressões e as imagens que tinha da vida, alguém apareceu no beco. A Beleza, ainda arriscava umas poucas palavras, mas para não serem descobertas a Mariana se espreguiçou mais uma vez e retornou ao estado de cachorro que não tem o escutamento tão bom quanto o falamento. Nem toda passagem do passado é perfeita. Às vezes só uma coisa escorre, a outra espera em silêncio. O mistério deve ser preservado de quem não compreende.

Dizem que quando a Beleza foi morar nas nuvens, a Mariana ficou sem companhia na terra e de tanto ficar em casa, engordou tanto que quase não podia se mexer. Depois de perder a amiga de andanças e de escutamentos, a Mariana nunca mais quis sair. A única coisa que fazia era se deitar na boca da noite no terreiro. Olhando para o alto, ela esperava que a amiga lhe sorrisse das alturas e abrisse ainda os ouvidos para lhe escutar sobre seu transportamento para o presente.

marcos.andrade@aluno.uece.br

A Cadeira

Leonardo Salles
Belo Horizonte/MG

Enfim encontro algo que me agrada. Queira acreditar ou não, meu caro leitor, estive a desprezar todas as ideias que me vinham à mente nessas últimas semanas. Verdadeiramente frustrante é faltar à escrita uma ideia digna de registro. Seja como for, é dada a hora de dissertar um pouco sobre a cadeira.

Não, você não leu equivocadamente. Como o título e o fim do último parágrafo sugerem este texto há de tratar sobre a cadeira. Antes que desista e deixe estas palavras de lado, prezado amigo, rogo que me escute, prometo que lhe trarei assuntos e reflexões, no mínimo curiosas.

Convido-lhe a pensar um pouco nas seguintes questões: O que seria da vida humana sem a invenção da cadeira? O que levou a uma invenção tão simples e, mesmo assim, tão revolucionária? A primeira vista, devo admitir que tais pensamentos não parecem dotados de um caráter de relevância, mas com uma análise mais cautelosa há de se aceitar que as perguntas apresentadas acima são dignas de atenção. A final não me restam dúvidas de que cada fase da vida humana pode ser representada facilmente por suas cadeiras, de acordo, é claro, com as necessidades individuais de cada estágio. Antes que eu apresente e defenda tal ponto de vista, acho de bom grado contar de forma breve a gloriosa história da cadeira.

Imagina-se que os primeiros artefatos a lembrarem uma cadeira pertençam ao homem primordial. Este teria lapidado pedras de modo a formar objetos que tornassem o sentar mais confortável. A, primeira, cadeira de que se tem registro

data do Antigo Egito. Desde então, o artefato, como era de se esperar, se popularizou pelo mundo. Durante a Idade Média, o objeto era responsável por fazer a distinção entre as classes sociais. O poder burguês, séculos mais tarde, padronizou e massificou a produção da cadeira e o produto trouxe, indubitavelmente, grande fortuna para seus produtores, para os donos da produção, se temos de ser honestos. Hoje, é imprescindível a presença do produto na vivência do homem moderno. Não hei de prolongar mais esta breve aula de história, com certeza o tédio do leitor anseia pelo apito do despertador.

Dada é a hora de retomar o raciocínio do penúltimo parágrafo. Hei de justificar minha ideia passando por cada etapa da existência humana e, consequentemente, pelas cadeiras de cada uma. No primeiro momento de vida, a cadeira é, para o homem, símbolo unicamente da alimentação e do repouso. Veja bem, estimado leitor, a mãe senta para amamentar o bebê, o neném é posto na cadeira para comer sua papa e para acompanhar os pais nas refeições, assim temos a cadeira da comida. A cadeira do repouso surge da necessidade do descanso, seja para dormir ou para relaxar, uma cadeira é sempre um bom lugar.

Logo em seguida, com o desenvolvimento natural do ser humano, temos as novas cadeiras da infância e adolescência. Agora, além da associação com a alimentação o homem aprende a dar à cadeira significação relativa à diversão e aos estudos. Diversão, pois, o cinema, as conversas e alguns jogos exigem o ato de sentar, e nada mais conveniente que uma cadeira para dar o conforto necessário. Já a cadeira dos estudos se apresenta como um verdadeiro problema para o homem principalmente no período da adolescência. Acredito, e aqui leitor segue uma consideração pessoal, que o grande problema na relação homem e cadeira, nesse caso, é que o tempo dentro dessa relação é muito mais quantitativo do que qualitativo, por culpa do próprio homem, vale acrescentar. Tenho certeza que os cabelos de desespero caíram em menor quantidade com um pouco mais de qualidade vivida no relacionamento. Há ainda outro problema nessa relação e, dessa vez, por culpa do objeto. Este tem se acumulado em tamanha proporção, que creio que a sua produção tem menosprezado as peculiaridades, preocupando, agora, em acomodar os Agilufos, pois, os homens que desejam ocupá-las já se encontram todos sentados. Infelizmente, tenho ouvido muitas propostas e discursos prometendo aumentar, ainda mais, a produção. Assumo me decepcionado ao ouvir tais coisas, em meu ver, se devemos esquecer a qualidade para aumentar os números, que façamos tal expulsando Agilufos e integrando quem existe. Veio a minha atenção agora que em frase anterior culpei a cadeira por tudo isso. Como pode uma falha grotesca passar despercebida? Pois, bem! Como não posso culpar um objeto inconsciente de sua existência, culpo, pois, o produtor. Mas, como já havia dito, essas são

considerações pessoais e não vou estendê-las, a final é hora de seguir com o texto, meu pobre leitor já deve estar entediado.

Antes que eu prossiga com minha teoria das cadeiras em cada fase humana, acho razoável responder as questões que propus no início do terceiro parágrafo. O que dizes leitor? O que seria do homem sem a cadeira? Eu digo que teríamos uma vida exaustiva e desconfortável. Imagine, meu caro, sentar sempre ao chão ou até mesmo ficar horas sem sentar, seríamos uma verdadeira sociedade de exaustos. Horrível seria a vida sem a invenção desse produto. Relativo à outra pergunta, acredito que a resposta já se encontra perambulando por este texto, contudo, é de minha crença que o leitor exigirá uma resposta direta. O que teria, então, levado à invenção da cadeira? A meu ver, a demanda por conforto e repouso, nada além.

Para em breve dar fim a esta escrita, prosseguirei logo com me raciocínio. Tendo tratado dos bebês, das crianças e dos adolescentes vou logo aos adultos. Na fase adulta, acrescenta-se às outras a cadeira do trabalho. Nela o homem passa grande parte de seus dias. Alguns amam essa cadeira, mesmo que ela não seja muito luxuosa, outros a odeiam, mesmo que estejam decoradas com os artigos mais luxuosos possíveis.

Finalizando a vida humana tem-se a velhice. A esta fase da vida não, necessariamente, se acrescenta cadeiras, ao contrário, várias são removidas. Os estudos são desnecessários, o trabalho já terminou e a diversão se vai, mesmo que em dado momento volte para visitar. Aqui o ser humano retorna às duas cadeiras primordiais da alimentação e do repouso. Porém, estas também se vão e, como este texto, tudo acaba em um ponto final.

https://diariosemanallsfs.blogspot.com/

A casa da minha avó

Vera Raposo
Teresópolis/RJ

Como voa o pensamento
Lembranças da infância, daquele quintal
Sonhos que vão com o tempo
Frutas no pé, galinhas, curral
Logo cedo no café
Naquele bucólico vilarejo
Sobre a mesa uma toalha de crochê
Broinhas de milho e pão de queijo
No alpendre muitas flores
Cadeira de balançar
Vontade de brincar
E nunca sair de lá
Afeto, carinho, saborear
As comidinhas que só a vovó sabe preparar
Amor com vontade de abraçar
Uma vida vivida para se lembrar
Os doces na cristaleira
Alegria só de olhar
Nos potes da cristaleira que escondida ia roubar
Os retratos na parede
Tinham histórias para contar
Deitada naquela rede
Deixava o pensamento voar
Dos meus avós vou sempre lembrar

A espera

Diego da Silva Teles dos Santos
Ilhéus/BA

O dia raiara, quando a mulher do sobrado amarelo ligou o rádio. O bolero logo foi ganhando a rua, sinalizando para os moradores do bairro que o marido estava viajando. Os filhos do casal, criados, ganharam o mundo, restando à ela, na ausência do esposo, a única companhia do som daqueles boleros que embalavam a casa e davam a impressão de que a qualquer momento o companheiro entraria pela porta tomando-a pelos braços.

O homem viajava a negócios, ao menos uma vez por mês. Nesses dias, a casa ficava vazia, sem graça, preenchida apenas pela ansiedade da espera e pelo som daquele ritmo. Os móveis lustrados, o chão de taco, de causar inveja às colegas que por vezes recebia, brilhava encerado. Nada fugia aos olhos da mulher, permanecia vigilante nas tarefas que tomara para si.

Sempre no dia que antecedera a chegada do marido, a mulher preparava uma feijoada caprichada, do jeitinho que o homem gostava. Ele costumava dizer que feijão bom era feijão curado, de um dia para o outro. Maldade com os carteiros. Geralmente passavam pela redondeza por volta do horário do almoço. Vinham andando a avenida principal todinha, desciam a ladeira do metrô, passavam por algumas vielas, subiam a ladeira da esperança e desembocavam quase defronte ao sobrado amarelo. Desvalidos de fome, sentiam o cheiro do feijão da mulher invadindo suas entranhas.

O zelo que ela dedicava ao marido motivava embates de opiniões na vizinhança. Algumas vizinhas se afeiçoavam ao modo como a mulher cuidava da casa, do cônjuge, utilizando-a como inspiração para modelo de senhora do lar. Outras achavam absurda tamanha dedicação. "Não sabe nem ao certo o que o marido faz quando viaja!" dizia uma. "Homem nenhum merece isso tudo!" falava outra. Entre os homens do bairro não havia discordância, todos cheios de elogios à mulher do sobrado amarelo. Isso quando as respectivas esposas não se encontravam por perto, do contrário, permaneciam mudos.

Blin, blon! Certa manhã a campainha tocara. A mulher que estava distraída, observando os peixes bailando no aquário, assustou-se. Dando por si do que aquilo certamente significaria pôs-se de pé com um impulso, arrastando para trás a cadeira que estava acomodada. Enquanto ajeitava o vestido que a compunha, passando as mãos de cima a baixo, como se o calor delas aquecessem o tecido e o alinhasse, escutou a campainha novamente. Blin, blon.

- Já estou indo! – sua voz ecôo sob a sala, quebrando a hegemonia sonora do tic tac do antigo relógio pendurado na parede.

A mulher apressou-se para porta. Só podia ser ele, não estava esperando mais ninguém. Com a chave em riste, deu a primeira volta na fechadura para destrancar a porta. Antes de completar a segunda volta sentiu a frieza do chão beijar seus pés. "Minha nossa! Não posso recebê-lo descalça." Sussurrou.

- Sss...só um segundo!

Correu até o quarto e abriu o guarda roupa. Afastou algumas sacolas, em seguida pegou uma caixa. Sentou-se na cama. Com um profundo suspiro tirou a tampa da caixa que estava aconchegada em seu colo, tal qual um recém nascido desfruta do colo da mãe. Lá estavam eles, o par de saltos que o marido a presenteara na comemoração do quadragésimo aniversário de casamento. Enquanto calçava-os, suspirou ainda mais profundamente, lembrando-se daquela noite em que jantaram e dançaram juntos. Deu um leve sorriso de contentamento como se sentisse novamente as bolhas nos pés que herdara no dia seguinte a celebração.

Pela terceira vez a campainha tocou, trazendo-a de volta das recordações. "Ora! Porque ele não abriu a porta de uma vez?". Pensou. "No mínimo perdeu as chaves novamente!". Balançou a cabeça em negativa, fazendo muxoxo. "Já sei! Ele quer me fazer uma surpresa." Caiu em si.

A mulher foi se aprumando enquanto voltava para frente da porta. Passou as mãos nos cabelos, ajeitou mais uma vez o vestido e completou a segunda volta na fechadura destrancando a porta. Lá estava o homem à sua frente. Pensou ela, o quanto os dias faziam bem para ele. Como estava belo posto naquele casaco jeans. Os cabelos enegrecidos lambuzados de gel penteados para o lado, fizeram dele ainda mais jovem do que quando partira. Não teve como evitar a lembrança do primeiro beijo.

Estavam sentados no banco de uma praça, conversando e observando os pombos residentes do local, as crianças brincando no parquinho, uma tarde agradável. Repentinamente a respiração do companheiro foi ficando pesada, como se o ar estivesse faltando. E faltara-lhe mesmo. Asma. O desespero foi tomando conta da moça, quando percebeu que o rapaz não portava a bombinha. Ela abanando-o com as mãos, vendo-o desfalecendo sobre o banco, pedia que ficasse calmo. Quando a moça começou a gritar socorro, o rapaz passou a apontar para a boca como se quisesse comunicar algo. E queria mesmo. "Ele precisa de respiração boca a boca!" ela pensou e logo em seguida, hesitando um pouco, por não saber como proceder, encostou os lábios nos lábios do moço. Soprando ar na boca do desfalecido, percebeu que ele ia se acalmando. Nada mal para sua primeira respiração boca a boca. Continuou até sentir algo molhado invadindo a sua boca. Arregalou os olhos percebendo que tinha sido enganada. Mesmo assim demorou alguns instantes antes de reagir. "Atrevido!", praguejou ela dando um tabefe na cara do rapaz, que ficou no banco extasiado com o beijo, observando-a ir embora pisando duro.

- Ele bem que podia ter me pedido! – As palavras saíram baixinho com um leve sorriso.

- Mãe! – desta vez a voz do homem a sua frente despertara das lembranças - O que houve? Por que demorou tanto para abrir a porta?

Silêncio.

- Mãe! Está sentindo alguma coisa?

A mulher virou-se com o semblante desarmado da esperança que a envolvera minutos antes e em marcha lenta rumou para logo desabar o seu corpo no sofá. O filho confuso com a situação entrou atrás dela, viu a mesa posta para dois.

- Eu pensei que fosse o seu pai.

Silêncio.

- Mãe! O papai morreu.

Aquelas palavras não pareceram abalar a viúva, que subitamente se ergueu para acolher o filho em um abraço caloroso. Beijou-lhe a testa e o tomou pela mão conduzindo-o à mesa.

- Sente-se querido! Pelo avançar das horas o seu pai não deve voltar de viagem hoje. Minha nossa, imagino quanto trabalho tem tido!

O filho sentou-se a mesa atônito sem tirar os olhos da mulher.

- Ma... Mãe...

- Não tem desculpas. Você janta comigo!

A viúva colocou a comida no prato do filho sem esconder a satisfação que a envolvia no momento. Duas colheres de arroz, uma concha de feijão, com um bife à milanesa entre ambos. Como o marido gostava. Pôs o prato na mesa, defronte ao filho; ao lado, um pirex com salada de alface e tomate, a preferida do seu cônjuge. Preparou o seu prato juntando-se ao moço para comer.

- Precisamos conversar, mãe.

- Coma! – a mulher lançou um olhar fulminante para o filho, como se o rapaz quisesse estragar aquele momento sublime.

O rapaz sabia que não adiantaria insistir. Conhecia o suficiente, pouco mais de três décadas, a mãe para saber que ela não admitiria ser contrariada naquele instante. Terminaram a janta ao som do tilintar dos talheres manobrados ora no prato, ora na boca.

- Agora que terminamos de jantar, podemos conversar um pouco, mãe?

- Querido eu estou exausta. Amanhã terei um dia cheio. Veja! Preciso organizar a casa. Vou me recolher, agora. Quando sair, leva a chave reserva e volte amanhã para almoçarmos. Pode ser que o seu pai já esteja em casa.

A viúva beijou a testa do filho, em seguida trancou-se no quarto, iniciando o seu rito noturno. Sentou-se na cama, no lado em que o marido dormia. Pegou uma fotografia dele fixada em um porta retrato, em cima da mesinha de cabeceira. Com os dedos longos acariciou a minúscula face coisificada à sua frente. Em seguida, encobriu o sorriso largo do marido com seus lábios ressequidos desde que ele partira. Sempre neste momento uma lágrima ousava a escapulir dos olhos dela, que logo limpava, recompondo-se. Minutos depois a viúva adormecia agarrada no travesseiro banhado com o perfume favorito do morto, quando vivo. Na manhã seguinte dava início a toda rotina de espera novamente.

A Gente Enfrenta

Aline Eni - Guará
Brasília/DF

A minha alma chora
Mais um jovem se cortou
A minha alma chora
Ela se ilude
Pensa que isso vai acabar com sua dor
Coração no peito implora
Um basta em tudo isso que a gente vê
Mais um negro descriminado na escola
Na rua pensam que é ladrão
Ligando a TV posso ver
Tem muito ladrão de terno
É tanto horror
Não tem para onde correr
Vejo o protesto
Mulheres nuas saindo para a rua
Bastava apenas despir o coração
Toca mais o que se tem para dizer.
Mendigos pedindo esmola
Feito pobres tapetes surrados
em nossas calçadas
Ao invés de ir à escola
Brincar e jogar bola
Tem criança no sinal
Pedindo o pão
Ao invés de investir
Em saúde e educação
Estão a viajar de avião
Mais uma mulher foi morta
Vítima do marido
Ou companheiro
Ou vítima da síndrome de Narciso.
Ela comeu
Depois se arrependeu
A numeração não deu
Respeite suas curvas
Mais um idoso maltratado
No canto jogado
Deficientes e cadeirantes
Foram votar
Não tinha rampa lá.
Como no transporte publico
Nada funciona.
Mais um morreu na fila do hospital
Erro médico.
Aquela que era para dar amor
A sua criança espancou
Até que seu choro se calou
Morte da esperança
Ainda pequeno
Teve sua trajetória interrompida
Alguns impedidos de nascer
Não conheceram a vida

Mas tem muitas vidas
E muitas delas
Talvez melhor não conhecer
Tem coisa que é difícil.
Se perdeu no vicio
O criminoso preso
Já esta solto.
Aqui esta tudo revirado
Bem bagunçado
Crimes por ódio
Número um no pódio
Escolha nenhuma merece sentença.
Protestou de forma bruta
E grotesca
Cuidado com os excessos
Ordem
E Progresso
Trate como quer receber
Sem guerra entre grupos
Conquiste o seu espaço
Sem ser só mais um
Apenas ame
Respeite as diferenças
Saiba ouvir
Não sejamos como "animais"
(Que me desculpem os animais)
Vamos ser racionais
Menos regras
Menos rótulos
Menos grupos
Já tentaram isso
E como pode ver não deu certo
Seja esperto
Vamos ser todos Um.
Somos iguais em nossas diferenças.
Cada qual com a sua crença.

https://www.facebook.com/linnyeny/
https://www.instagram.com/alineeniescritora/

A ilha

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

Ah! Quando a vi
A bela ilha a nos deslumbrar!
A mistura de cores e flores
O mar de dentro e mar de fora
Despertando os sentimentos
Mais alentadores nestes momentos
De contemplação do verde e azul
Das ondas ao sabor do vento
No êxtase esquecemos o sofrimento
Uma onda de amor nos invade
Despertando o espírito aventureiro
A vontade de descer o despenhadeiro
E com os peixinhos brincar
A vontade de nos aventurar
No mar adentro mergulhar
Estes instantes são para sempre lembrar.

A mensalidade

Guilherme Hernandez Filho
Santos/SP

Ela não conseguiu identificar, de imediato, aquele som horrível, mas também, vinha de um sono profundo, e aquilo que ouvia era seu despertador tocando, como programado, todos os dias, às sete horas da manhã.

Bateu a mão sobre ele, sem nem abrir os olhos. Sabia de cor onde era a tecla soneca que lhe dava mais sete minutos. Repetiu este ato por cinco vezes e aí começou a xingar bem alto, com todas as palavras de baixo calão que conhecia.

Sentou-se à beira da cama, colocou seus pés sobre os chinelos, sem calçá-los, apoiou os cotovelos sobre os joelhos, e, com o rosto entre as mãos, ficou estática. Onde estará aquele desgraçado? O sangue subiu em sua cabeça. Pegou o celular e ligou para ele.

— Estou aonde venho todos os dias, neste horário, na academia, fazendo ginástica.

Ela desatou a chorar.

—Você não me ama mais e tenho certeza que estás aí para encontrar tuas "namoradinhas".

Bateu o telefone e soluçou mais um pouco. Virou uma fera.

— Se souber de alguma coisa deste pilantra vou capá-lo.

Tinha certeza que ele devia estar rindo junto com alguma outra, falando de sua gordura e feiura, conforme se julgava, olhando-se no espelho do banheiro. Atirou a escova de cabelos no chão, depois de desistir de quebrar o espelho com ela.

Namoravam havia uns meses e ele dizia que a amava, mas hoje ela tinha acordado com este pressentimento. Ele era lindo, e ela o amava. Começou a chorar novamente. Ela sabia que também era bonita, mas naquele dia se achava horrível.

Mas ai dele se aprontasse alguma. Seria a última coisa que faria.

Arrastou-se até a sala, abriu o armário e se acalmou comendo meia caixa de bombons "cherry" da Kopenhagen, que tinha ganhado dele há dois dias. Antes não tinha tido esta fúria, mas agora precisava disso e aí lhe ficou claro o que acontecia. Logo ficaria tudo bem, até o próximo mês.

A Mulher ao Piano

Rosangela Maluf
Nova Petrópolis/RS

os mariscos, o vinho
a lareira acesa
o restaurante
à beira-mar
onde pescadores
recolhem redes
- uma paisagem

a névoa, o frio
céu cinzento
clareado apenas
pelo azul
daqueles olhos
sedutores
- uma cena

sozinhos no salão
(já se vai a tarde)
grande emoção
lhes invade
- um beijo

a mulher
senta ao piano
executa com paixão
uma canção de amor
- um longo abraço

A prova de Abraão

Carlos Barth
Macaé/RJ

Em sua longa carreira o delegado Pilatos já tinha visto de tudo. Filho matar o pai? Comum. O contrário, pai matar o filho, não era tão corriqueiro, mas acontecia. Entretanto, com esse enredo inusitado jamais havia visto. Olhou com certa curiosidade para o acusado à sua frente, Abraão da Silva, 133 anos (certamente houve algum erro de digitação nesse registro), casado, aposentado, residente na comunidade de Nova Harã, sem antecedentes criminais.

– O que o levou a tentar matar seu próprio filho, vovô?

– Era uma prova de fé ao meu Senhor. Ele me ordenou "Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi."

É doido mesmo, não há dúvidas. Basta lavrar a ocorrência e chamar o psiquiatra para atestar a insanidade mental. Quanto ao filho, Isaque da Silva, 33 anos, autônomo, residente à mesma comunidade já citada, é preciso encaminhar para o Serviço de Assistência Social. Provavelmente vai ter que comparecer à algumas consultas com um psicólogo. O rapaz passou um perrengue difícil de superar. Não fosse a patrulha da Polícia Militar passar na hora certa teria sido morto pelo próprio pai. Do mandante do crime, o tal "Senhor" de Abraão, não havia nenhuma informação que comprovasse sua existência. Nada. Nenhum documento, cadastro ou perfil em rede social. Nem ao menos um retrato falado foi possível elaborar pois o próprio executor do crime tinha dificuldades em descrevê-lo. Ao que tudo indica não o tinha visto, apenas escutado sua voz. Aliás, que "Senhor" é esse que pede para um pai matar o próprio filho como prova de fé? Deve ser coisa de magia negra.

– Meu senhor, vou lhe expor os fatos. O senhor está enrascado até o pescoço. Foi pego em flagrante tentativa de homicídio com o agravante de que a vítima era seu próprio filho. Seu filho único! O senhor premeditou o crime levando-o até o topo da comunidade e o amarrando. Para agravar, fez isso tudo induzido por um motivo fútil: uma tal "prova de fé" ditada por uma "voz" dentro da sua cabeça. Consegue perceber como qualquer um o julgaria um louco perigoso? No entanto, você não me parece um sujeito ruim. O senhor é um homem idoso e eu realmente quero te aliviar e te diagnosticar como desequilibrado mental para você ir para uma Colônia Penal. Caso contrário, tu vais amargar o resto da vida na penitenciária no meio de um monte de bandidos de verdade.

– Eu não sou maluco! – exaltou-se Abraão – Fiz somente o que me ordenou meu Senhor!

Era um caso perdido. Melhor chamar logo o repórter, que esse é um prato cheio. O sacana iria ficar devendo uma à Pilatos. Podia ver a manchete: "Lunático ouve vozes e tenta matar o próprio filho!" Primeira página, com certeza, ao lado do novo reforço do Flamengo. Se imaginasse que sairia no jornal teria feito a barba. Se bobear aparece até o repórter da TV por aqui.

Bom, não há muito o que ser feito. Melhor chamar logo o escrivão e registrar a ocorrência. Em suma, foi relatado pelo sargento Longino, do 33° Batalhão, que às 21 horas do dia corrente, no alto da comunidade Monte Moriá, o indivíduo identificado como Abraão da Silva foi surpreendido em flagrante delito tentando assassinar seu próprio filho, Isaque da Silva, com um cutelo (anexado aos autos do processo). A vítima encontrava-se imobilizada por cordas. O agressor foi rendido e preso pelos policiais enquanto a vítima era socorrida pelo SAMU em estado de choque. Isso é o suficiente para descrever o cenário, depois o escrivão enche de abobrinhas para dar uma engordada no texto.

Pilatos estava intrigado com a postura do acusado. O ancião parecia convicto do que fez e nem um pouco arrependido. Uma curiosidade mórbida acometia o delegado.

– E se o senhor recusasse? O que aconteceria?

Pela primeira vez Abraão pareceu confuso. Jamais havia lhe passado pela cabeça descumprir uma ordem do seu mestre.

– Não sei… – balbuciou – acho que seria castigado...

– Castigado você será pela justiça dos homens! – Pilatos deu um soco na mesa, perdendo a paciência – Levem esse demente daqui e só me chamem quando chegar o repórter!

Sozinho na sala, recostou-se na cadeira e jogou os pés por cima da escrivaninha. O plantão ainda estava na metade, tinha uma madrugada inteira pela frente. Acendeu um cigarro, tragou a fumaça e fechou os olhos. Fizera o que era possível para aliviar a barra do velhinho. Lavava suas mãos.

A rosa ferida

Thiago Sabino de Oliveira
Franco da Rocha/SP

Quem nunca errou no caminho?
Quem nunca sufocou uma rosa com espinho?
Pois que és ferida, se distancia?
Se um dia já causou as feridas

Na realidade é que não esperamos
Que estes espinhos venham de quem Amamos
Por isso nos frustramos e sufocamos
Porém se parares para pensar

Todos têm o direito de errar
Cabe a ti escolher
Entre perdoar ou sofrer

Da mesma forma que podes ferir sem perceber
O contrário pode acontecer
Certo que as marcas irão ficar

Mas com o tempo vão cicatrizar
Não terás mais que odiar
Alguém que possa voltar a amar.

Participem do Projeto "Cartas para a Vida"

Texto: Ananda Lima

O Projeto *"Cartas para a Vida",* nasceu de uma parceria da Academia Barreirense de Letras - ABL e a Polícia Militar da Bahia.

A proposta do projeto é levar palavras de esperança, de acalento a quem está vivendo problemas emocionais, especialmente os que têm pensamentos de morte e depressão.

Qualquer pessoa pode escrever, qualquer idade, formação...

Temos recebido cartas de cunho religioso, cartas simples, cartas mais elaboradas, cartas com relatos de superação... uma diversidade. Inclusive temos recebido poemas com mensagens lindas.

Quem escreve, tem ciência que as cartas serão publicizadas. Então, a pessoa decide se identifica ou deixa anônima. Temos as duas situações. Há quem usa pseudônimo.

Em qualquer ponto do planeta a pessoa pode escrever ou pode ter acesso à carta. Quem escreve, envia para o e-mail: *cartasparaavida2018@gmail.com*

As cartas serão publicadas nas redes sociais que poderão ser amplamente compartilhadas até chegarem aos seus destinatários, que pode ser eu, você, qualquer pessoa a depender do dia que estamos vivendo.

O projeto nasceu em setembro de 2018, com a força do Setembro Amarelo, mas não se restringe apenas a este mês. Ocorre permanentemente.

Agora, estamos organizando para ter um livro com as cartas já recebidas.

facebook - https://www.facebook.com/cartasparaavida/

Intagran - @cartasparaavida1

WhatsAp: (77) 9-9998-3406

Cartas para a vida
Participe do projeto escrevendo uma carta de esperança.
Suas palavras podem salvar vidas!
E-mail: cartasparaavida2018@gmail.com
cartasparaavida
@cartasparaavida
SETEMBRO AMARELO

Abismo

Alberto de Oliveira

Pinhalzinho/SP

Joe tropeça, cai no bueiro; uma boca imensa baba.

Sair? Ela suga pernas, braços; quer a cabeça...

Boca e cabeça somem na noite fria!

Admirável Mundo Líquido

Lucas Natan Alves dos Santos
Aracaju/SE

Economizando segundos
Racionando momentos
Para dar mais atenção
Ao que deveria ser desatenção
A resmungos e recusos
Racionalizando sentimentos
Para prestar mais atenção
Ao que deveria ser desatenção

Esse começo que nunca chega ao fim
Esse antes que nunca há depois
Esse hoje que nunca vira amanhã
Essa intro que nunca leva à uma conclusão
Tô no meio, tô no agora
Tô no hoje, tô no desenvolvimento
E é isso que me importa

E outra vez
O talvez, o porém
O sim e o não
O cansei, o amém
Já nem sei
O que tá em questão
Se opinião se muda
Como de inverno pra verão

De vez em quando
A quase sempre
A existência da gente
É o acostumando
Do odeio ao amando
A opinião de certa gente
É completamente
Os de cima manipulando

Esse toque que não se sente
Esse grito que não se ouve
Esse amor que não se compreende
Esse sangue que não se percebe
Isso não me é estranho
Não me é de longe
Isso não me é de agora

E outra vez
O talvez, o porém
O sim e o não
E outra vez
O talvez, o porém
O sim e o não

Alme-se

Luiza Moura
Feira de Santana/BA

A vida é pra se lançar
Se entregar
A mar azul
Pra mergulhar
Com calma
Pra contemplar
Com a alma
Ir bem no fundo
Almar profundo
Sentir o mundo
E retornar
Reinventar
Amar a mar
No infinito
Se deixe almar.

Instagram: @luiza.moura.ef

Amanda

Cláudia Clemente de Melo
Belo Horizonte/MG

Quando me deparo pronta para seguir em frente, tentar coisas novas, a vida me prega uma peça e faz com que essas coisas se tornem, talvez, mais complicadas que as que eu tinha antes... Me vejo em frente de dois caminhos completamente opostos (mais uma vez), só que dessa vez não é convivência e histórias de muito tempo envolvidas, e sim sentimentos que eu nunca imaginei que iria sentir.

Você chegou de repente, sem avisar, do dia para a noite e linda do jeito que é da cabeça ao pé, com o seu jeitinho que me encanta, me seduz, me provoca e ao mesmo tempo me enche de dúvidas e de incertezas. Do nada você chegou e do nada se tornou o que é hoje para mim, e saiba de uma coisa, se você quiser mil razões para eu te querer eu te darei duas mil.

Lembra aquele dia em que eu te procurei e me declarei para você? Pois é, tu não tens noção do quanto foi difícil tomar aquela iniciativa, principalmente pela nossa diferença de idade. Mas a surpresa foi tamanha quando você disse que também me queria, que me desejava.

Dias depois nos reencontramos e saímos para passear, e quando menos esperamos já estávamos no motel. Tudo parecia mágico e irreal, mas era tudo realidade e nosso sonho estava prestes a se realizar, passamos a noite juntas e no dia seguinte já combinamos o nosso reencontro que se daria em dois dias.

E em dois dias nos reencontramos e te levei para almoçar, depois te deixei em casa e voltaríamos a nos ver a noite, pois te convidei para jantar comigo. E assim, depois de um jantar delicioso e romântico te levei para dançar, pois queria aproveitar cada instante contigo, e é claro que a noite mais uma vez acabou no motel.

E chegando lá você perguntou se eu poderia realizar um sonho antigo teu, e é claro que eu falei que sim, e aí nos beijamos e eu tratei imediatamente de realizar o teu sonho. A suíte era linda e parecia que tudo indicava que seria uma

grande noite, uma noite de muito sentimento cercado de muito desejo. O tesão que sentíamos uma pela outra exalava pelo ar. Nossos corpos unidos de tal forma que parecia um só. A minha mão percorrendo cada milímetro do teu corpo com a finalidade de te dar todo o prazer que você queria e merecia sentir. A princípio beijei a sua boca, e me deliciei com os teus seios, que por sinal são lindos, e te coloquei na posição que você já havia me falado que mais gostava de fazer amor.

Mas você não se conteve e me puxou para o banheiro para tomarmos banho juntas. Eu fui passando o sabonete por todo o teu corpo, me envolvendo em cada curva dele, e me deliciando com toda aquela beleza, e do nada você falou bem baixinho no meu ouvido: "Vem sentir o meu gosto"! E eu não resisti, atendi o seu pedido e imediatamente me ajoelhei, abri as tuas pernas e comecei a te chupar, pois era isso que você queria, e queria muito..... e eu comecei a sentir o tremor em tuas pernas, a pulsação na parte do teu corpo onde eu estava me deliciando, sentindo o teu gosto e a cada chupada que eu te dava você gemia cada vez mais, puxava os meus cabelos e empurrava a minha cabeça mais de encontro à sua vagina, e para te falar a verdade, eu estava me segurando para não gozar só em ouvir o teu gemido e sabia perfeitamente o quanto me queria dentro de você.....

Até pensei em te levar de volta para a cama, mas o clima no banheiro estava maravilhoso, e sem falar que você me disse que sempre teve vontade de fazer amor embaixo do chuveiro, e eu estava ali disposta a realizar todas as tuas vontades, as tuas fantasias, pois você é a minha menina e eu a tua mulher decidida a te dar todo o prazer do mundo.

Assim, te chupei mais e mais e foi inevitável o teu gozo em minha boca, e eu amei sentir e ouvir o teu prazer..... E você chegou até a pensar que eu iria parar por ali, mas eu ainda não estava satisfeita, eu queria mais e mais, queria te ver louca de prazer.

Com isso, lá mesmo te penetrei com três dos meus dedos e percebi que você estava absurdamente molhada, quando eu entrei em você e fiz um rápido movimento de entrar e sair você me mordeu de tesão no pescoço, tanto tesão que chegou a deixar uma marca em mim, mas eu não me importei, pois o que eu

mais queria era te enlouquecer de prazer e de vontade de querer bis. Aí senti vontade de te comer de 4, e assim o fiz, te coloquei na posição que eu queria no chão do banheiro e te penetrei, te penetrei muito e senti mais uma vez a sua explosão de gozo..... e dessa vez você disse baixinho e ainda com a voz trêmula bem perto do meu ouvido "eu não agüento mais" e eu simplesmente falei "agüenta sim, vem cá que eu ainda não estou satisfeita", aí comecei a te chupar mais uma vez e não demorou muito e você gozou de novo, e assim eu percebi que realmente você estava satisfeita e eu havia cumprindo o meu papel de te dar muito prazer. Sabendo disso, agora eu queria colocar para fora todo o gozo que eu havia guardado só para ti, então subi em você e encostei os nossos órgãos um no outro e com aquele rebolado eu gozei muitooo, e em seguida te beijei, tomamos banho de novo e voltamos para a cama para descansar um pouco e logo após recomeçarmos mais uma vez a nossa maratona de prazer.

A nossa noite foi perfeita, muito amor, muito tesão, muito prazer e muito carinho. E antes de te levar para casa eu olhei fundo nos teus olhos e perguntei: "Quer namorar comigo?". E logo percebi que os teus olhos se encheram de lágrimas, e muito emocionada você me disse: "Pensei que não iria me perguntar isso nunca, é claro que eu quero, e quero muito mais, quero me dedicar a você". Em seguida te beijei e te dei um abraço bem apertado, e a minha vontade era permanecer ali com você em meus braços, mas infelizmente não podia, pois eu precisava te levar de volta e ir trabalhar.

Com isso, no decorrer do dia muitas vezes me imaginava mapeando a dedo as tuas sardas, as tuas curvas, o teu sorriso, o teu encanto, pois eu estou completamente encantada por você, pois eu não consigo esquecer que o teu cheiro só tu tens, tua boca só tu tens, me tens...

Instagram: @escritoraclaudiaclementedemelo

Amar é...

Alan Gandur
Niterói/RJ

Amar é…
Ai, quem confundiu
o amor com a amizade
jamais o amor sentiu!
diante do seu fogo
que arde noite e dia
até a felicidade é fria...
as noites, são só,
para as minhas dores
nas tardes vazias
procuro em vão, amores,
não sei,como e´a felicidade
alguém me diria?

https://www.facebook.com/groups/543803029064044/

Amo Meu Irmão

Wagner Trindade (poeta arara azul)
Campo Grande/MS

Sofri de depressão!
Sim...E daí? Ainda tenho coração!
posso ter uma paixão!
desabrochar do silêncio
que insiste em envolver – me
nessa tal escuridão...
quantos somos?
Não sabem?
Também não!
São tantos escondidos
por não darem o perdão!
até quando meu irmão?!
Caiam as cortinas!
o que importa é UNIÃO!
essa é a coragem,
que supera a ingratidão,
ainda amo o verão!
a luz que ilumina
nossos dias de PAIXÃO,
o outono em mansidão,
com as flores que encantam,
os jardins de uma canção
melodias que aquecem
um inverno sem a dor
dessa tal escuridão!

Amor

Laerte Tavares

Florianópolis/SC

O sentimento mais superlativo
É o amor - superior a tudo!
O amor nos faz loquaz, nos deixa mudo,
Mudando-nos sem razão por seu motivo.

O amor é o próprio ser por instintivo
Dom da existência e é, sobretudo,
"Eternizante", pois segundo estudo,
Até pós-morte o amor ainda é vivo.

O ser é anímico porque amor sente
E a sua alma contraria a mente
Pelo amor, que dá à razão, luz

E dá à luz a um novo ser ou ente
Com objetivo tão inconsciente
E natural, que faz os corpos nus.

http://silolirico.blogspot.com/

Amor em Quatro Estações

Vadô Cabrera
Jacareí/SP

Plantei estrelas no seu jardim,
que faíscam sob a chuva fina da Primavera,
perfumando seu caminho multicores.

Lancei flores brancas no negro véu do seu céu,
em noite clara de Verão, donde a Lua as tingiu de prata
e os astros, encantados, sorriam ao te verem feliz e cordata.

Com as folhas esmaecidas, caídas e bailando pelo chão,
criei um caminho, feito um tapete de procissão,
 para que possas desfilar seu charme nas tardes mornas de Outono.

E, aos pés da lareira aquecida, exalando o perfume do eucalipto,
compus em versos, a mais bela sinfonia pra te servir de agasalho,
neste gélido e intenso Inverno que insiste em querer ficar mais um pouco.

Sou seu poeta e para cada estação dedico-lhe inspiradas linhas.
Tu és meu planeta, sou teu astro-rei, orbitando pelo infinito Universo.
Terra e Sol, um Amor imensurável. Eternamente minha!

Ao fim da Rua

Rafael Reginato

Florianópolis/SC

As casas seguiam o traçado da rua no terreno plano, sem variações. A longa parede descascada de ora porta, ora janela, em intervalos precisos, se misturava às roseiras que cresciam em frente a cada uma das casas para florescerem na mesma estação.

Não era primavera. A rua se alongava como um deserto de paralelepípedos sob derramadas pétalas, jogando no ar o cheiro de todas as manhãs. Ao sair, voltei os olhos para a casa, examinando a pintura destratada, decaída como as roseiras fustigadas pelo verão. Ao correr o olhar pela borda da rua, naquele corredor geminado, pude rever no final uma única saída de emergência como se quisesse esquecer da numeração linear das portas e do desenho da calçada ladrilhada cruzando cada janela, cada passo dado. Logo eu que empunhara bandeiras por diferentes esquinas, gritando meus motivos, combatendo digressões, suportando a ardência dos vergões na alma, agora ali, naquele beco sem saída, condenado a viver toda a vida com aquelas mesmas pessoas e torturado pelas longas paredes que se fechavam para comprimir o ar de meus pulmões. Por um momento, retive a atenção na fachada das casas como visão do espólio de minha guerra terminada: a paz e o silêncio conquistados para sempre ao lado daquelas pessoas que nada me diziam. Mas permaneciam todas ali, convivendo a minha volta, espelhando o meu retrato.

Guardava admiração pela família dos Ramos, filhos educados, ambos cursando faculdade, os pais trabalhavam o dia inteiro e cultivavam uma púrpura vida familiar. Passeavam sempre de mãos dadas, os semblantes lívidos, o caminhar discreto. A roseira defronte a casa deles era a mais bem cuidada da rua e a primeira a florescer todos os anos, espinhando inveja nos demais moradores. Os Ramos eram a família que qualquer pessoa, até mesmo eu, sempre sonhava ter.

Em frente ao mar de rosas dos Ramos morava o Alcides, funcionário público, o cabelo alinhado, a barba impecavelmente aparada, o passo firme marcando o cloque-cloque do solado de couro sobre o basalto da calçada. Alcides se encontrava, naquela hora, regando sua roseira, o olhar fixo nos tísicos galhos, talvez imaginando o dia em que ela pudesse também florescer como a dos Ramos.

Mais à frente, percebi a casa quarenta e três fechada. Dona Zena devia estar dormindo. A voz desafinada, vivamente irritante, apagada. Acendi o rosto com um lampejo de que talvez pudesse estar apagada para sempre. Há algum tempo não a via pela rua com suas perguntas insistentes sobre a família cada vez que eu retornava do trabalho. E no que isso poderia interessá-la? Ela já deveria saber: minha família estava sempre bem. A resposta só podia ser a mesma, sem floreios.

A vizinha da casa ao lado era a melhor amiga de Dona Zena na rua. O destino sabe colocar algumas pessoas na mesma calçada. A mulher de maquiagem rebocada, o corpo encurvado pela altura e pelo dorso pesado, tinha nome desconhecido na vizinhança já que, à boca miúda, era chamada de a louca do quarenta e cinco. Saía todas as manhãs com o seu chapéu de palha trançada, fizesse chuva ou sol, e sua sacola de um transparente desbotado à procura de uma feira qualquer na cidade. Na volta, ao cruzar com as crianças que brincavam no meio da rua, a louca mostrava um frasco de vidro escuro a sacolejar entre as mãos e se deliciava com os gritos dos pequenos enquanto ameaçava abri-lo para liberar o monstrinho ali aprisionado. A partir daí, descambava um corre-corre entre a criançada, deleitando a misteriosa mulher que, sorrindo, seguia apreciando o camuflado frasco.

Estranho mesmo foi perceber que a janela da casa trinta e seis já estava aberta. O morador, um jovem de poucas palavras, não era quase visto na rua. A roseira que ocupava sua calçada formava um disforme emaranhado de galhos mortos. A luz do sol quase não alcançava a úmida fachada, colorida de um verde musgoso que destoava das demais casas. Pude perceber uma sombra no fundo da janela entreaberta, decerto o mesmo vulto que Dona Zena afirmava avistar algumas noites cruzando rapidamente a rua até entrar em casa. Detive-me ali ao constatar que a sombra parecia disparar mudas pancadas contra a cabeça, estremunhando em aparentes soluços de raiva como se resfolegasse de um grande susto. Resolvi aproximar-me da abertura na intenção de desvendar a cena, mas fui prontamente impedido pelo brusco fechar da janela. Monstro moral! O que me levava a pensar que poderia ajudá-lo invadindo sua privacidade? E não teria ele o direito de cuidar da própria vida? Voltei-me para o fim da rua, que já estava próximo, e segui caminho.

Foi na saída, ou entrada, já que a rua na verdade terminava em si mesma, que encontrei a última casa, ou primeira, em mudança. Os novos moradores descarregavam móveis e pesados caixotes, trazendo nos rostos a ansiedade anônima do novo lar, sem que ninguém os ajudasse ou importunasse. Libertos, soltos, estranhamente à vontade naquela rua desconhecida, por vezes até liberavam gargalhadas como se rissem de todos, como se todos não pudessem rir.

Eu sabia que depois de cruzar a frente dessa casa poderia encontrar o mar novamente e lembrar de quando ainda era o único morador da rua, sem casas ao redor para me roubarem o horizonte. Aqueles que agora ali chegavam, descarregando suas novas vidas para dentro de casa, teriam para si essa visão privilegiada sem sequer saberem que a esposa do Ramos mantinha um caso com o vizinho da frente, o Alcides, nem que a louca do quarenta e cinco só enlouqueceu de fato depois que a sua suposta amiga, Dona Zena, passou a lhe chantagear, ameaçando contar à família sobre o seu envolvimento amoroso com o neto, o jovem do trinta e seis, e aquela, num ato de insensatez, resolveu exibir num vidro a todos os da rua, como mostrengo de sua vergonha, a genitália morta do neto, mas também eles não saberiam, nem saberão, que tudo isso durará pouco, um tempo menor do que a vinda do dia em que lhes roubarão sem piedade o mar dos olhos, tão rápido e imperceptível que nem chegará a doer depois que a bomba amarrada à roseira de minha casa, programada para daqui a alguns minutos, lançar a rua inteira para os ares, porque é fácil soterrar tudo isso quando acabamos um mundo, ou quando o mundo acaba em nós.

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Amácio Mazzaropi

(cineasta e ator brasileiro)
(texto: Ana Rosenrot)

Amácio Mazzaropi, nasceu no dia 9 de abril de 1912, filho do imigrante italiano Bernardo Mazzaropi e de Clara, filha de portugueses, em São Paulo, Capital, mudando-se aos dois anos de idade para Taubaté, cidade do interior do Estado de São Paulo. Seu pai era um comerciante bem-sucedido e Amácio teve uma infância sem problemas financeiros. Cercado pela arte caipira de seu avô materno, exímio tocador de viola e dançarino, o menino descobriu cedo sua veia artística, fazendo sucesso com declamações de poemas na escola e divertindo os amigos com os personagens que interpretava; ele também tinha paixão pela vida circense.

Mesmo contra a vontade dos pais, aos 14 anos, Amácio larga os estudos e entra para a caravana do Circo La Paz, onde faz de tudo: vende pirulito na entrada, atua como ajudante de Faquir e conta anedotas nos intervalos. Mas a falta de dinheiro o faz retornar para a casa paterna, onde seu pai lhe consegue um emprego na C.T.I. (Companhia Taubaté Industrial). O problema é que o mundo artístico o chamava e em breve ele ingressaria ao Teatro. Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Mazzaropi trabalhou no "Teatro do Soldado", onde toda a renda era revertida em beneficio das famílias dos soldados paulistas mortos durante a revolução. Em 1934, montou o "Pavilhão Mazzaropi", o primeiro circo "quadrado" do Brasil. Trabalhou também no Cine-Teatro Oberdan, em São Paulo. Estreou na Rádio Tupi, em 1946, com o programa "Rancho Alegre" e participou da inauguração da TV Tupi de São Paulo (1950), a primeira do país.

Seu primeiro filme "Sai da Frente", de 1951, foi produzido pela Companhia Cinematográfica "Vera Cruz" e em 1958, é lançado o filme "Chofer de Praça" pela Pam Filmes – Produção Cinematográfica Amacio Mazzaropi –, que a partir de então, torna-se ator, diretor, produtor e roteirista. Fazendo do caipira sua marca registrada e alcançando o topo das bilheterias com comédias hilárias, nos anos 70, Amácio compra uma fazenda em Taubaté e cria os estúdios da Pam Filmes, um dos maiores e bem-sucedidos estúdios do Brasil.

Seu famoso Jeca, engraçado e "corajoso" é aclamado pelo público, ignorado pelos intelectuais e visto com desconfiança pelos políticos, que não gostavam dos temas críticos de suas obras.

Ao todo, Amácio Mazzaropi fez 33 filmes, arrecadou fortunas nas bilheterias e deixou um legado importantíssimo na história do cinema nacional. Ele faleceu em 13 de junho de 1981, em São Paulo, aos 69 anos de idade, de câncer na medula óssea. Ainda hoje, suas comédias estão entre os filmes nacionais mais assistidos e continuam divertindo gerações.

https://www.facebook.com/apocastudios

As cicatrizes do sertão

Adriane Neves
Florianópolis/SC

Quando eu olho pra você

Eu vejo o sertão

Onde a chuva não alcança a terra

Onde o solo é rachado como os pés

E a lâmina da inchada?

Que nem faz ideia de como a terra fértil?

Da dor de cabeça caminhar no sol

Da dor de cabeça ver só fruta peca

Vaca magra

O vento nem chega

As praças são desertas

Quando eu olho pra você

Eu vejo cactus

Eu vejo melhor as cores

Eu quero me queimar neste sol

Do seu sertão

Ouvir minha poesia sair da tua boca

E sentir cada pedaço do meu corpo

Na palma das suas mãos

E ser tão

Bonita assim

Sem essas luzes todas

Sem este alvoroço das buzinas

Sem essas dificuldades

Para manter-se importante

Sem essa importância toda

No que não te quer

Quando eu olho pra você

Te sinto ser tão

Te sinto

Sertão humanizador

Meu céu sulista relampeja

E mostra as mesmas cicatrizes

Do seco interior

https://www.nevesadriane.com
@nadrianes
@soul.tas

Ato e potência

Charles Luciano Gomes Da Silva

Catende/PE

Sou atingido pela fragrância
que exala o teu corpo,
escultura do divino artista.
Inicia-se então um ritual:
despe-te paulatinamente
e ofegante peça por peça lanças.
Ao ver-te num estado original
começa então o meu transe:
aproximo-me bem perto de ti
e com os sentidos alterados,
mantenho o primeiro contato.
Nós dois mutuamente atraídos,
imitando a dinâmica marinha,
com o vento a mover suas ondas.
Não perdi totalmente o paraíso,
pois, ainda tenho essa mulher comigo
e isso para mim é tudo.

https://clubedeautores.com.br/ptbr/authors/480676

Ausência

Nilson Edson Mesquita Rodrigues

Capanema/PA

Já que não posso falar contigo
Falo com a noite escura
Já que não posso te tocar
Toco o ar que se esgueira nas minhas marinas
Já que não vês o que escrevo
Uso minhas mãos para rabiscar as estrelas
Elas são visíveis na minha janela

Posso falar com a noite
E tocar o ar
E rabiscar as estrelas
Mas um segundo da tua presença
Acalmaria todos os meus sentidos.

www.cidadaniaesustentabilidade.blogspot.com
www.recantodasletras.com.br

Avatar

Teresa Azevedo

Campinas/SP

Transposição à parte,

Sou eu meu avatar.

Na guerra de todos os meus mundos

Sou herói e vilão,

Vida e morte,

Vôo livre e prisão constante,

Pressa e lentidão,

Indolência e proatividade,

Descorado e multicor,

Luz e escuridão,

Paciência e ansiedade,

Alegria e tristeza,

Certeza e insegurança,

Medo e coragem:

Sensações bivolts.

E ai de mim se ligo 110 no 220...

Flex de ego e alterego.

E no caos, a ira me domina e assusto-me

Seja no céu ou na terra,

Abaixo dela ou sobre ele,

Há um avatar mutante do meu eu desconhecido.

Teresaazevedo.projetos@gmail.com

Avistamento

Frater Guizão
Maringá/PR

A, que lindeza.
Foi lá que vi,
Tamanha beleza.
Não me conti.

Cheguei na mesa,
Preço pedi.
Caro,
Sem surpresa.

Me comprometi!
Sem sutileza,
Já consenti.
Com clareza.

Me permiti!
Era tão doce...
Que eu comi,
Saboroso, Copo de açaí.

Brexit

Ovidiu Bocsa
Romênia

Quando consideramos o manejo do brexit,
Imagine a Europa se eu, na esperança do lado,
Como qualquer país forte o suficiente pode se esconder,
Sua alma interior talvez, às vezes, mais inclinada.

Vovó conta histórias de crianças: presente de ouro;
Meu irmão cego para que ele não retorne repreender;
Uma brincadeira infantil com espelho, luz negada?
Cenários vistos com paciência vermelha adicionam ventilação. (sic)

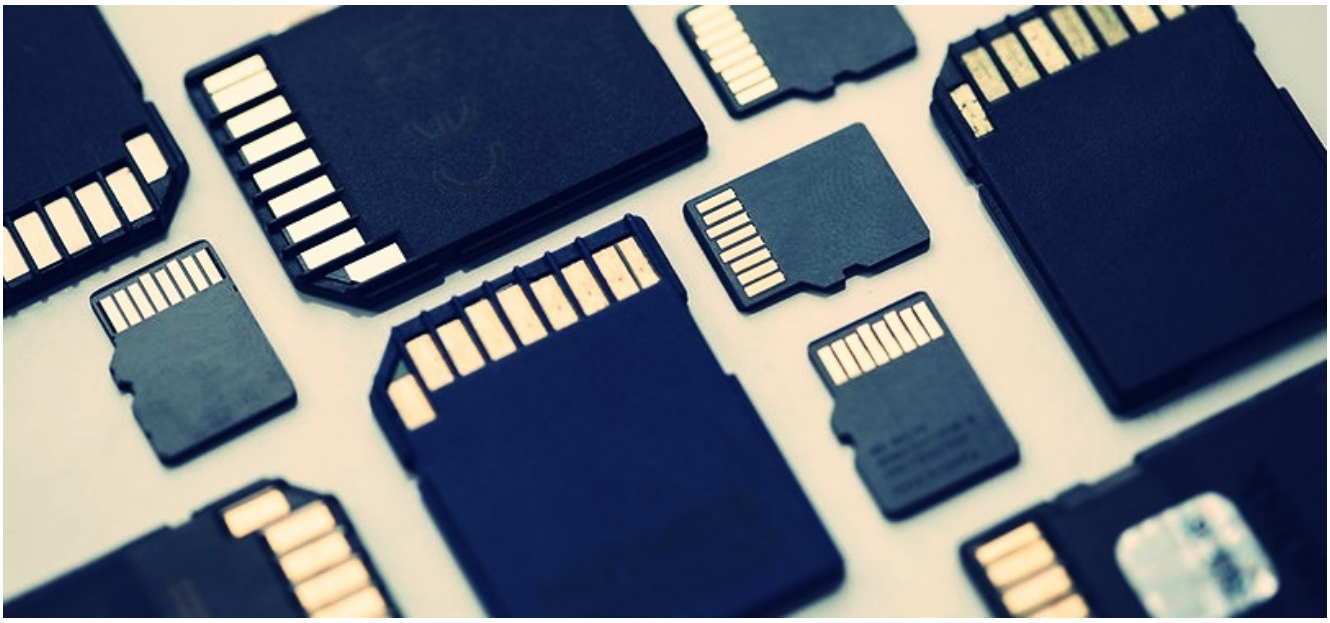
Alguns dizem que a avó carrega meias para nossa necessidade
Lembre-se de Chapeuzinho Vermelho que tentou o melhor.
Para perguntar por que ela tem ouvidos tão afiados, diga.
E nariz tão longo e sua boca tão grande e ... velocidade?
Minha esposa ainda canta: "Que sera, sera ..." Vamos ver o resto;
O apanhador ... outra estrela que só fica de pé e espera

Calendas

Marçal de O.Huoya
Salvador-Bahia

Peço desculpas,
Mas esse mês,
Estou sob magia,
Sob efeitos de mil sortilégios,
Macumbas, mandingas e simpatias,
Sacrilégios sangrentos,
Sacrifícios do tempo,
Amor de desejos rubros,
Nada da cor de rosa,
São as Calendas de Outubro,
Lua enfeitiçada,
Lua maravilhosa,
Uma Bruxa encantada,
No seu mágico caldeirão,
Me ofereceu uma poção,
Uma mistura envenenada,
De amor, saudade e paixão,
E agora todo ano,
Nesse mês,
Uma alegria vem e vem,
E toma todo o coração,
E o meu amor também,
E toda vez,
Que isso acontece,
A imagem da minha linda Bruxa,
Reaparece,

Em mil formas variadas,
Nos sonhos,
Nas noites insones,
Nas madrugadas,
Sempre andando na minha frente,
Aliciando minha alma cativa,
O mesmo jeitinho indiferente,
Cabeça baixa e pensativa,
Altiva, viva e atraente,
Pois é nesse mês,
Que a Lua vai nascer,
O mês,
Que em algum lugar,
No dia do seu nascimento,
Em qualquer momento,
Alguém irá se apaixonar,
Um grande amor,
Irá acontecer depois,
Mas o que fazer?
Não seremos nós dois,
Nem eu e nem você...



Cartão de memórias

Ronaldo Dória Jr.
Rio de Janeiro/RJ

Acordei disposto a estudar. Normalmente protelo o máximo que posso. Preparo, organizo, enrolo e, no fim das contas, acabo não estudando nada. Mas hoje acordei disposto. Levantei cedo, tomei café, antes das nove eu já estava pronto. Espetei o cabo do telefone no computador e copiei as videoaulas. É mais prático quando as aulas estão no celular. Desconectei o cabo e então vi uma mensagem dizendo que havia uma falha na leitura do cartão de memória. Desligo o telefone, ligo novamente. Nada. Minhas fotos, vídeos, músicas, tudo havia desaparecido. Provavelmente porque eu não havia removido o dispositivo com segurança.

Inicialmente fiquei tranquilo. Eu havia, meses atrás, baixado um aplicativo que fazia automaticamente o backup dos meus arquivos. As músicas estavam perdidas, mas sempre se podia baixar tudo de novo. Paciência. Estudar com os vídeos no celular era mais fácil, mas ainda havia o PC. Tudo se ajeita. Foi quando me lembrei dos áudios dos meus dois sobrinhos. O aplicativo somente salvava fotos e vídeos. Os áudios dos meus garotos desapareceram. Senti uma pontada de tristeza no peito e perdi todo o pouco ânimo que havia reunido para estudar.

Pesquisei na internet meios para tentar recuperar o conteúdo do cartão. Tudo muito difícil, complicado. Eu deveria estar feliz porque as centenas de fotos e os vídeos estavam seguros, mas não estou. Fiquei aborrecido comigo mesmo por me entristecer por tão pouco. Afinal, são apenas gravações que fiz dos meninos brincando, cantando, dizendo as bobeiras que eu pedia que eles dissessem.

Não vejo meus sobrinhos já há algum tempo. Quando batia saudades, eu pegava o telefone e os ouvia. E ria novamente. Eu era o tipo de tio bobo, que brincava, fazia graça, ria. O mais novo, de quatro anos, troca o "l" pelo "g". Um dia ele me chamou e disse que queria brincar de cozinhar. Peguei o telefone, iniciei a gravação e começamos a preparar a comida imaginária. "Vai fazer o que de gostoso pra gente?", perguntei. "*Bogo* de *baga*", respondeu o pequeno. Eu conduzia a conversa de modo que ele dissesse várias vezes o "*bogo* de *baga*". Era o áudio de que eu mais gostava.

Os dois filhos do primeiro casamento do meu irmão se chamam Thiago, como o pai. Sim, ambos se chamam Thiago. A maior loucura do mundo. Nunca conheci ninguém que houvesse colocado o próprio nome em dois filhos. Enfim. Meu irmão se divorciou, se casou novamente. Quando a esposa engravidou, eles fizeram um acordo. Se o bebê fosse menino, ele escolheria o nome. Se fosse menina, a escolha caberia à mãe. Foi menino, e, sem nenhuma surpresa para ninguém, meu irmão anunciou o nome escolhido: Thiago. A esposa não gostou, sugeriu outro nome, meu irmão recusou. "Trato é trato", ele disse. Ela pediu, implorou. Nada. Chorou, esperneou. Ele amoleceu: "Que tal Santiago?". "Não!", foi a resposta. Ela ameaçou, vociferou, ele finalmente cedeu. O garoto se chama Heytor ♥.

O mundo dá voltas. Meu irmão se separou da segunda esposa poucas semanas depois do nascimento do garoto. Costumo dizer zombeteiramente que o casamento deles ficou abalado por conta da querela em relação ao nome da criança. Ele reatou o relacionamento com a primeira esposa, aquela que permitiu que os dois filhos tivessem o mesmo nome. Não tenho contato com meu irmão há alguns meses, coisas de família. Mas fiquei sabendo que ele já providenciou outro filhote. Só espero que, se for menina, ele não resolva chamá-la de Thiaga.

Passei o dia meio amuado. Provavelmente não ouvirei mais aqueles fragmentos de memória que eu guardava com tanto carinho. Acho que essa perda tão boba trouxe à tona toda a falta que venho sentindo dos garotos, toda a saudade dos abraços, das brincadeiras, das gargalhadas. Tenho sonhado repetidas vezes com eles, e nos sonhos eles estão sempre distantes, quietos, tímidos. Nada daquela algazarra de sempre. Como quando a criança é apresentada a um primo adulto distante, do qual nunca ouviu falar. Disseram-me que esses sonhos representam o medo que sinto de perder totalmente o contato com eles, a ponto de nos tornarmos estranhos. Bem óbvio. De qualquer modo, eles estão sempre muito próximos de mim nas minhas lembranças.

Minha memória não é lá das melhores, isso não tem conserto. Só piora conforme os fios brancos se proliferam. Mas a recordação dos sorrisos, das primeiras palavras e dos primeiros passos não é algo que eu possa esquecer facilmente. Quanto ao cartão, resolvi levá-lo a um técnico de informática. As chances são pequenas, ele me disse. Mas quem sabe?

Casinha de sapê

Matheus Lucas de Arruda Camara
Cantagalo/RJ

Deitado na rede
Olhando a açude
Olhava por ali passar
A simplicidade da vida...

Eram as galinhas, o canto do sabiá
Sempre a ir e voltar
Junto com o gorjear
Das Seriemas

Esqueça-se dos problemas
A vida é uma imensidão
Sem explicação
Que colocamo-nos a admirar

Pastava no alto do morro
Meia dúzia de gados
Os quais olhavam
Ligeiramente, a casinha de sapê

Os peixes amontoavam-se
Ao ouvir o chacoalhar
Do alimento
Na água...

Não havia complexidade
Era a orquestra da vida
Na sua singela demonstração
Pelo sim ou pelo não

Seguia seu curso
As gotas de água
Para dentro do açude
Formando a imensidão

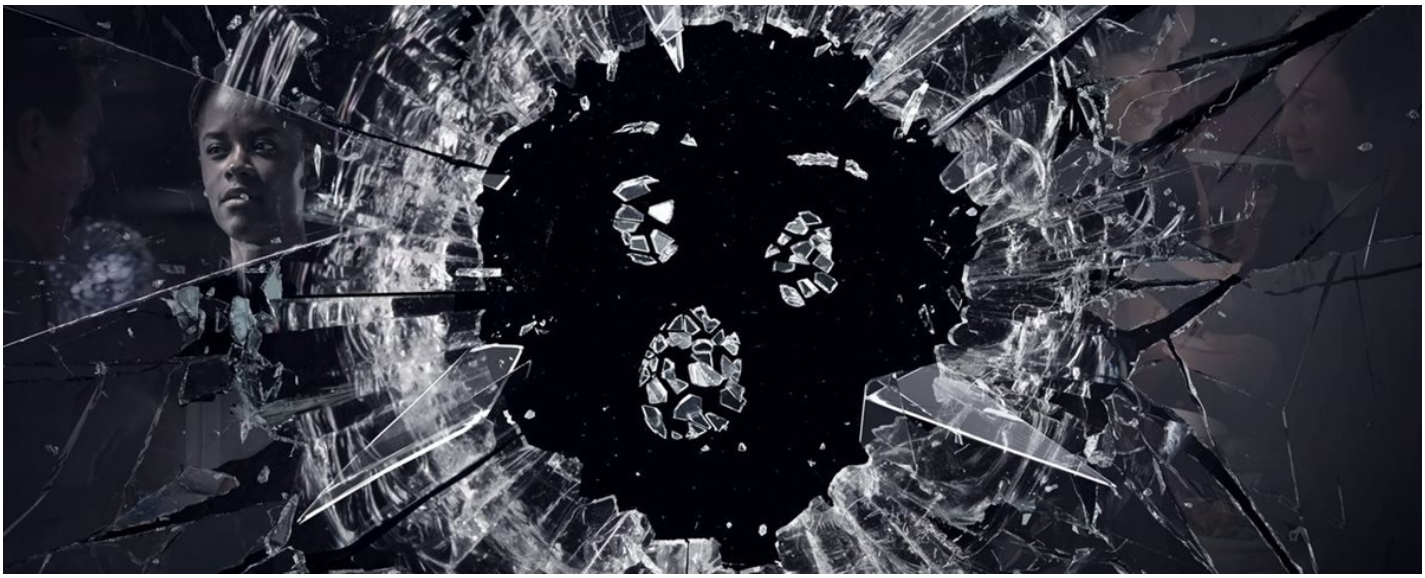
Cada segundo desabrochava
Uma nova semente
Dando o ar da graça
Surgindo para o mundo

Era aquela simplicidade de sempre
Sem grandes exageros
Sem grandes transformações
Era a vida e suas demonstrações...

Casulo

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Não aprecio mais o amanhecer
Desde que você partiu sem dizer adeus...
Vivo no meu casulo escuro
Com as minhas lembranças doloridas.
Ah lembranças...
Nossas almas desnudas nas paginas de um livro que eu tento ler sem luz.
Meus olhos com lágrimas não enxergam o seu rosto com nitidez.
Lembranças malditas!
O que eu mais quero e espero é andar com você de mãos dadas
Apaixonados e de almas desnudas
Sorrindo como falsos inocentes dando gargalhadas.
Eu quero amanhecer com você de almas peladas
Em nossa cama bagunçada.
Desejo impossível... Lamento amor!
Nada explica ou justifica o motivo que nos separou.
Estou perecendo com a sua distância.
Em minhas lembranças tudo está tão longe...
Só a dor está próxima do meu doente coração.



Cenas de Black Mirror

Pietro Costa
Brasília/DF

Crianças brincando no parque
Jovens guiando suas bikes
Casais se amando,
De várias idades
Circunda um ar suave,
De amizade
Diversão para todos,
Em igualdade

Nesse lugar imaginário
Moram a ternura e a esperança
Mas na selva da realidade
O medo é de concreto
Territórios governados pelo ego
Nações quebrantadas pela ganância belicista
Tão infame e tão fatídica
Angústia que não tem fronteiras
A relva respingando suor e poeira
No derrame de vidas líquidas

Vizinhanças sem jardins
Bairros sitiados por muros altos
Cercas elétricas e cães bravos
O único verde é o dindim

Pneus queimando o asfalto
Onde antes havia um gramado
Sobrou o calor disgramado
É a morte nos desmatando
É a Terra chorando largado
Nas mazelas de seus filhos ingratos

Nesse deserto dos amores
Nesse parque de intrigas
Crianças se altercam por litígios abjetos
Fazem troças e trocas com os próprios dejetos
Num carrossel de inocências perdidas
Levando a rotas bandidas
Trens fantasmas arrastam ódios cegos
Tudo parece hostil ao afeto
Nas anomalias onde o errado transparece certo
O ópio atua como remédio

Fotografias sem rosto
Indivíduos anônimos
Ruas sem endereço
Becos com saída

Guardas ameaçam o trânsito
Médicos perdem vidas
Ladrões recebem honrarias
Não se encontra um "bom dia"
Pelas ruas inóspitas de cidadania

Prantos incontidos na hora da chegada
Sorrisos efusivos na hora da despedida
Lutas renhidas sabidamente sem perspectivas
Gestores impotentes de mentes libertinas
Disputas puramente fratricidas
Geopolítica, lógica armamentista
Diplomacias seriamente comprometidas

Estantes decoradas por fotos narcísicas
Cristaleiras guardam pó e memórias esquecidas
Troféus ostentam vitórias pífias
Colagens de "memes" nas paredes exibidas
Compilações sem um único grifo
Tratados sem qualquer sinal de amasso
Acervos inteiros de livros carcomidos
Só os de Zygmunt Bauman foram lidos

Cômodos e mobílias incomunicáveis
A favorecer desencontros e desenlaces
Nos espelhos, cenas de "Black Mirror"
Personagens invertidos
Perversões extrovertidas
Em resolução de obsceníssima qualidade

Reputações formadas por algoritmos
Mensuradas nas curtidas das autoridades
Automatismo no labor produtivo
Soldos conformes a bajulações e falsidades

Corpos esculturais mercê de árduo treinamento
Apreciados sem o menor comedimento
Como arte de segunda classe
No torpor da torpeza da cidade
Consumismo barato que custa caro
Saber descartável de seres descartados
Abstêmios de prazeres literatos

http://pietrolemoscosta.blogspot.com

Cerveja Adultera

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

Algumas cervejas descem mais redondas.
Não importa se é da Boa
Se é a Número 1
Se é da Forte alemã
Algumas cervejas descem mais redondas!
Engarrafadas e entregues a ele:
Um beijo gelado, molhado,
Sem vergonha
A boca redonda que desliza lisa
Garrafa maldita
Não se contenta com o beijo de um homem!
-Aceito um gole!
...Por favor, amor!
Uma garrafa loira
Uma loira gelada
Uma mulher pelada
Tão gostosas, tão rebeldes
Hemafroditas!
Tão malditas.

Choramos

Tiago Xavier
Natal/RN

Quando o pulsar dos nossos corações não mais foi contido
— choramos.

Quando o balbuciar de nossos lábios não mais foi ouvido
— choramos.

Quando o amor que há em nós não mais foi suprimido
— choramos.

Quando nos fitamos com olhos embebidos
— choramos.

Quando o nosso orgulho foi combatido
— choramos.

Quando o rancor não mais foi escolhido
— choramos.

Choramos porque somos humanos
— não nos envergonhemos.

https://www.facebook.com/

Chuva Sem Valor

F. L. KING
Avaré/SP

É tão duro amar a dama por de trás do oceano,

Tocá-la se torna dias de chuva

As marés orquestram a dança no ritmo da lua

Eu sinto muita saudade sua.

Venha alimentar a chuva, querida!

Pois eu estou sedento pelo seu amor,

Sem o seu amor, a minha vida

Não é nada além desta primitiva chuva sem valor.

https://www.facebook.com/felipe.leao.7370

Cisne Negro

Caroline Cristina Pinto Souza
Botucatu/SP

Caída em desnorteio, lágrimas dispersas numa ensanguentada foz
Infinito tiroteio, engolida ao torturante compasso feroz
Sem qualquer amparo, corto as minhas opacas asas
Nociva, eu disparo – as expressões cuspidas em brasa.
Enfeitiçada num infame ardor, iludida por marital promessa

Negligente, amador, o cretino cupido regressa
Ecoo ganidos como lobo no solitário camarim
Guardo-me ao indefinido, orquestro silêncio fim.
Ressonante utopia, a face vazia
Oscilada e sombria... tão logo... minha última pena se desfia.

Com sequências

José Amancio
Alagoas

O poeta faz a arte
e a arte faz o poeta
Tem arte em toda parte
não da parte do poeta
Pois que, se havendo arte
esvaziou-se o poeta
E a ação de fazer arte
oscilava em linha rela
Se a confusão faz parte
de poeta está repleta

Se de fato houvesse arte
Se escapasse do enfarte
Se ficasse a mente quieta
ao despencar baluarte
Esta culpa cobre a fera
— pedra de cor amarela
azul, loucura aquarela
se da ilusão faz-se parte
E no final, obra completa
de beleza analfabeta

Opera magna? foi-se a meta
Choupana, de lixo, repleta
o jazigo do poeta
E num canto à cuspidela
bebe-se o vinho sozinho
Come-se pão com mortadela
em puído terno de linho!
No transcurso da quimera
entre a arte e a pantera
— um prefácio miudinho

Comemoração

Renata Machado
São Leopoldo/RS

Hoje é um dia especial, ele pensa assim que desperta. Há 57 anos, Márcio nascia sem dúvidas do quanto o ato de vir ao mundo exige coragem e que a vida o deixa estupefato. Fica alguns minutos a mais na cama refletindo sobre o milagre que era a existência e revivendo aqueles nove meses no útero. Após segue para a meditação diária e se encontra pleno no vazio.

Toma um banho demorado, brincando com a sensação que a temperatura da água provoca, quando se torna agradável, ele troca para esfriar ou esquentar ainda mais, só para se sentir vivo, através do contraste. Apara a barba, coloca o melhor perfume e se detém na imagem do espelho. Os cabelos brancos estão aumentando consideravelmente, mas as rugas ainda estão bastante tímidas. O gato pula na pia e ele abre a torneira para o seu companheiro matar a sede.

- Nasci hoje Osho, mas há muito tempo atrás, nossa percepção do tempo é diferente tu sabes. Aliás, são apenas percepções, já que o tempo não existe. Conversa enquanto acaricia o bichano.

Antes de sair, molha as plantas e arruma os potinhos com sua comida macrobiótica que levava todos os para o almoço, como é difícil mudar os hábitos alimentares ainda mais para ele, que está em fase de transição. Hoje, por exemplo, é certo que abrirá exceções. Troca algumas palavras com o porteiro e fez o mesmo caminho de todos os dias até o trabalho.

Os colegas vão até a sua sala parabenizá-lo e pedir bolo. Na hora do almoço, na cozinha da repartição pública onde é funcionário há anos, tem parabéns e refrigerante, além do presente – um vale livro de uma grande livraria da cidade - comprado através da vaquinha dos colegas. Como sempre, tem quem faz questão de avisar que havia colaborado com o presente, mas não tinham passado o cartão a tempo de assinar.

Logo após o almoço, os pais ligam lembrando o quanto todos tem orgulho dele, mas acham que deve arrumar uma namorada e se casar de novo, como consegue viver sozinho assim, se perguntam. Garante que está tudo bem e combina de visitá-los no próximo final de semana. Os irmãos ligam durante a tarde, a filha que vive num intercâmbio nos Estados Unidos manda mensagem no whatsApp porque não custa nada, mas enfatiza o quanto ama o pai. Os colegas dos outros setores que abriram o e-mail dos aniversariantes do dia também vão felicitá-lo, assim como os amigos do grupo de ciclistas. A ex-mulher manda parabéns pelo Facebook.

Ainda no meio da tarde chega o livro que está esperando e havia encomendando há semanas. Que feliz coincidência, comemora quando avisam que a obra tinha chegado. Agradece o sincronismo do universo e agradece.

Após o expediente, caminha algumas quadras pelo centro da cidade, observa as pessoas com o seu andar apressado e olhares cansados. Senta numa mesa ao ar livre do seu boteco preferido e pede um xis vegetariano com porção extra de batatas fritas. Saboreia o prato com calma e considera aquele momento mais um presente, não se permite ter o sentimento de culpa por ter saído da dieta. Na hora de pagar pergunta ao dono do bar, que já era seu conhecido, se para aniversariante havia desconto. Não tem, mas ganha uma barra de chocolate, abraços de todos os garçons e um "Parabéns para você" em coro com os desconhecidos que estão no bar.

Já em casa, abre um vinho chileno, escuta músicas do Gonzaguinha, e fica um tempo sentado na sacada, observando a cidade e pensando nos caminhos de sua vida até o momento em que estava e conclui que tudo havia ocorrido do jeito que deveria ser. Um pouco antes de dormir, serve ração fresca para o Osho.

Já na cama, coloca o relógio para despertar no horário de sempre na manhã seguinte. Se recorda das últimas 24 horas e pega no sono satisfeito. Foi um dia especial, como todos os outros.

Conto de Vida

Iris Aparecida Franco

Diadema/SP

— (...) fim.

Aquele fim seria um dos tantos começos na vida daquela jovem pululante de cabelos mais rebeldes que sua essência. A cama gemia e reclamava das dores impingidas ao gradil, mas o êxtase era tão grande que dificilmente a pequena jovem daria ouvidos aos gritos dos seres animados ou inanimados. E, naquele quarto, cujas paredes rachadas deduravam que fora branco, verde, rosa e agora azul, ela dizia:

— Quando crescer, vou ser igual à Branca de Neve! — vestindo um pijama tão rasgado que o tempo tivera dó de estragar o resto, berrava a frase com ênfase.

— Filha, a verdadeira heroína dessa história é a bruxa, não a princesa. Ela estava o tempo todo tentando alertar do verdadeiro perigo. — a mãe passa a mão no ombro da filha para deitá-la na cama.

Meio ressabiada com a fala da mãe, meio sonolenta, a menina se afoga nos sonhos com o único pensamento de que o bem sempre vence o mal, uma verdade insofismável.

A menina era uma mãe zelosa com as bonecas, tão cuidadosa que sacrificou as férias trabalhando por um real a semana para comprar panelas e um fogão com o escopo de alimentar as filhas. Uma introdução dos pais ao capitalismo combinada com o sacrifício que apenas uma mãe de verdade faria pelas filhas de mentira.

Assistia novelas, filmes de romance, desenhos e ouvia histórias de princesa. Acreditava naquela época que aos 18 anos seria modelo, médica,

desenhista, mas, principalmente, casada, com três filhos e um cachorro da cor creme. Seu marido seria lindo, teria uma Ferrari e uma mansão na França.

Conforme os anos foram passando, percebera que não tinha o corpo de uma princesa, a altura de uma princesa, o cabelo de uma princesa, nem a cor de uma princesa. Escondia-se do mundo com um capuz, todavia, apesar do pega-pega com o espelho, não conseguia se esconder.

Depois do cansaço ter vencido a degradação, resolveu sorrir.

Sorriu porque um dia sentou com a genética em uma mesa de bar. Entre um copo de cerveja e outro, a genética silabava que renegar a beleza dada, é ter vergonha da origem. Amava tanto a origem que não via mais sentido em não se amar. E, depois de muita leitura e tropeços, percebeu que o grande objetivo da maioria dos filmes e meios similares é a infelicidade das pessoas.

Se um indivíduo é feliz, não precisa ser etiquetado ou curar sentimentos de forma paliativa por meio de compras desnecessárias.

Nossa economia precisa girar e a infelicidade é a grande moeda do sistema.

Decidiu que a própria infelicidade não seria fonte de lucro, em um protesto silencioso, resolveu ser feliz.

Entretanto, ainda procurava um príncipe.

Nas andanças, escolheu o futuro rei da monarquia. Um príncipe com *All Star* preto: alto, moreno, forte e com um sorriso, um sorriso… No começo, promessas, odes, sonhos e desejos. Contudo, com o tempo, o príncipe começou a se importar com a classe social dela, a achar que era burra demais para estudar no mesmo lugar que ele, passava dias sem ligar e além de roubar o coração da moça, no meio do caminho, o príncipe resolver levar também o seu dinheiro e dignidade. Mas, na cabeça dela, ele era o príncipe, se o encantador rapaz não tivesse bradado que queria romper por estar gorda e não ter os parafusos no lugar, talvez, até hoje, acharia que ele era o príncipe.

Passou por vários príncipes que viraram sapos, trasgos, medusas, íncubos, os quais, por um tempo, conseguiram transformá-la em um monstro trancafiado na torre da amargura e indiferença.

Distante de todos, até dela mesma.

Brigando com os problemas e aflições amorosas, um dia encontrou uma outra princesa dos tempos de escola, a qual estava na fila para ingressar na grande carruagem metálica, apelidada carinhosamente de ônibus. Na cabeça, vieram as lembranças empoeiradas da colega de classe, uma das garotas rotuladas como *"popular"*. Lembrava daquela moça de curvas atraentes e riso fácil, cujos cabelos balançavam pra lá e pra cá no ritmo da vontade do vento. De repente, a mulher, que não mais se assemelha com aquela garota, vira para cumprimentá-la, o rosto não só está desgastado pelo tempo, mas arroxeado. O sorriso, antes tão branco, estava incompleto e desgastado. O corpo antes tão jovial tornou-se um pergaminho dos maus tratos, naquele momento, contou que estava fugindo para tentar viver.

A colega, agora de curvas cansadas, era a introdução ao apodrecimento do mundo.

E depois dessa princesa, outras princesas contaram o que acontecia depois do fim do conto de fadas: tapas no rosto, socos (algumas voltavam recorrentemente na esperança de ser *"só esta vez"*), estupros, tentativas de suicídio, passadas de mão (no ônibus, na rua, seja criativo(a) em imaginar os lugares), abuso de professores, chefes, colegas de trabalho, desrespeitos psicológicos, nomes pejorativos por praticar a mesma conduta que o sexo oposto, fotos expostas para o público e todas na espera constante para saber quem será a próxima a entrar na estatística do extermínio de uma princesa a cada duas horas.

Hoje em dia, a menina do começo da história é uma mulher de cabelos comportados e um pouco brancos, minguada e acrimoniosa, vive e ouve o que a mãe disse. Entendeu que a bruxa não era uma bruxa, mas sim, uma mulher

experiente, cujas rugas e verrugas mostram anos de malvadeza transvestida de carinho, tenta ensinar que o melhor amor é o próprio e envenena as princesas com a maçã da verdade.

Mas a verdade distorce tanto nossas verdades que é mais reconfortante acreditar na mentira.

A mentira, tanto na ficção quanto no mundo real, só é descoberta no final da história.

E o final de um conto de fadas, pode ser o fim de uma vida.

A mulher experiente, injustamente apelidada como bruxa, apenas deseja que as princesas sejam rainhas do próprio destino.

Criação

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa
Capanema/PA

Eu faço poesias para colorir
Cores alegres de finais de tarde
e de amanheceres arco-íris
Poemas incolores, com sabor
de amores não nascidos.

Faço poesias para cerzir
Linhas trançadas com pequenos
pedaços de nuvens, para costurar
buracos n'alma. Pontos sem nós,
para que não brotem cicatrizes.

Faço poesias para ler
Palavras feitas com tintas invisíveis,
retiradas do além-horizonte, lá onde
dormem as fadas.
Faço poesias que me fazem ser.

Crônica do Busão

Renata Kelly Sousa de Almeida

Belém/PA

Em um dia normal, peguei um ônibus lotado, paguei a passagem e atravessei a roleta almejando conquistar uma cadeira.

Estranhamente, percebi um olhar em minha direção, sem entender, disfarcei.

Já com o rosto avermelhado, o encontro de olhar estavam cada vez mais convergindo. Até que ele ousou e perguntou:- o que queres de mim?

Fixamente, miré ***en sus ojos*** e ao pé do ouvido dele disse:- quero apenas a cadeira para sentar!

renataalmeida37@hotmail.com / https://www.facebook.com/renataalmeidaoficial /
https://www.recantodasletras.com.br/autores/renataalmeida37

Crônica do Corredor de Rua

Katia Simões Parente

São Paulo/SP

O despertador toca às quatro da madrugada, ele levanta, se lava e vai tomar seu café da manhã. Frutas e pães fazem parte da dieta, pois sabe que precisará de calorias extras para gastar. Depois de estar com a roupa adequada para correr, normalmente um shorts curto e uma camiseta de *dry fit*, ou até a camiseta da própria corrida, ele precisa usar o banheiro. O intestino, mesmo as quatro e meia da manhã, precisa funcionar antes de sair de casa.

Algumas pessoas não tem problemas com isso, mas já soube de outras que precisam fazer polichinelos até ter vontade de ir ao banheiro. Cada um a sua maneira, todos precisam evacuar antes.

Muito bem! Todas as necessidades atendidas, vamos para o local de concentração da prova. Alguns atletas vão juntos, um com o próprio carro busca os colegas mais próximos e seguem pelas ruas vazias da madrugada. O caminho é animado e a ansiedade é enorme. Sabem que há um percurso para correr que nem sempre é tão fácil, muitas vezes com subidas infinitas, sem contar as corridas de montanha onde devem ser cruzados rios e trilhas cheias de lama. Mas a paixão pela corrida é maior que tudo isso.

Ao chegar no local da prova, como há milhares de participantes, só conseguem estacionar o carro longe, sendo necessária uma caminhada de um quilometro até a largada. Já é um aquecimento.

Finalmente no local da largada, um aglomerado de pessoas, todas com seus bonés e tênis adequados se agitam para acordar os músculos. Há um locutor que irá narrar a corrida dos profissionais e enquanto não chega a hora, ele vai agitando o público com notícias, música e mensagens de incentivo. Ainda faltam cerca de trinta minutos para a tão esperada largada, então há tempo suficiente para alongar e claro, usar o banheiro mais uma vez.

Uma fileira de caixas de plástico com portas está acomodada em uma rua, há os conhecidos desenhos de bonequinhos e bonequinhos com saia, identificando os banheiros. Filas enormes de atletas aguardando a sua vez de dar uma última esvaziada no tanque antes de começar a correr. Quando consegue entrar no banheiro, o que quase é esvaziado é o estomago, pois o cheiro e o visual internos das caixas é algo parecido com um filme de guerra onde alguém esta torturando um outro alguém. Praticamente impossível respirar e ficar com os olhos abertos para tamanha imundice! Mas as necessidades fisiológicas devem ser atendidas, portanto, ele contribui para deixar o banheiro químico um pouco mais sujo do que estava quando entrou.

Enquanto está trancado na casinha tentando eliminar qualquer peso desnecessário, ouve o locutor anunciar a largada do pelotão de elite, ou seja os profissionais. Um alvoroço do lado de fora o deixa desesperado e ansioso, sabe que tem apenas alguns minutos para se livrar da sujeira e ir até sua posição de largada. Limpa o serviço de qualquer jeito e sai correndo da cabine, respirando o máximo de ar que consegue, pois até então estava no modo econômico para evitar desmaiar.

Corre para a largada onde se acomoda entre o amontoado de pessoas aguardando a hora. A ansiedade aumenta, batimentos cardíacos altos, pernas inquietas. Olha o relógio pela enésima vez, até que, como uma voz libertadora o locutor anuncia a largada.

Um mar de gente começa a correr, de início todos juntos espremidos, exceto aqueles que conseguiram ficar logo atrás do bloco da elite, assim tiveram mais espaço. Aos poucos o aglomerado vai dispersando, em quinhentos metros é possível desenvolver a velocidade adequada, cada um tem a sua. Os primeiros quilômetros são agradáveis, pessoas acenando, muita gente assistindo e torcendo, bandeiras de times, de cidades e das academias balançam como incentivo, mas na metade do segundo quilômetro tudo isso acaba.

Agora o que se ouve é o ruído dos tênis de corrida golpeando o asfalto e sua própria respiração. O que era festa e movimento, se transforma em solidão,

é necessário vencer muitos quilômetros de pensamentos, medos e ideias que surgem na cabeça do corredor durante uma prova.

Alcança os postos de água. Outro agito, pessoas se espremendo para pegar um copo de água, metade é para jogar na cabeça e aliviar a temperatura, a outra metade para beber. Após conseguir beber uns goles de água, o retorno ao silêncio e à respiração. Arrependimento, dores, uma vida de imagens passam pela sua mente. *"Acho que não farei mais isso... não vou aguentar... essa é a mais difícil..."* Mas não desiste.

Corre, pé após pé, metro após metro. O cansaço chega, fica difícil controlar a respiração, a roupa está encharcada de suor e água, uma subida acaba com o restante do folego. Olha adiante e o que vê é uma ladeira sem fim coberta de pessoas correndo, ao mesmo tempo colorido e desesperador.

Quase no final da ladeira, quando o pulmão já não consegue puxar a quantidade de ar que o corpo pede, ele começa a pensar outra vez que não devia ter ido, aceitou o desafio sem saber se seria capaz. Pensa que deveria ter treinado mais, se dedicado com mais afinco.

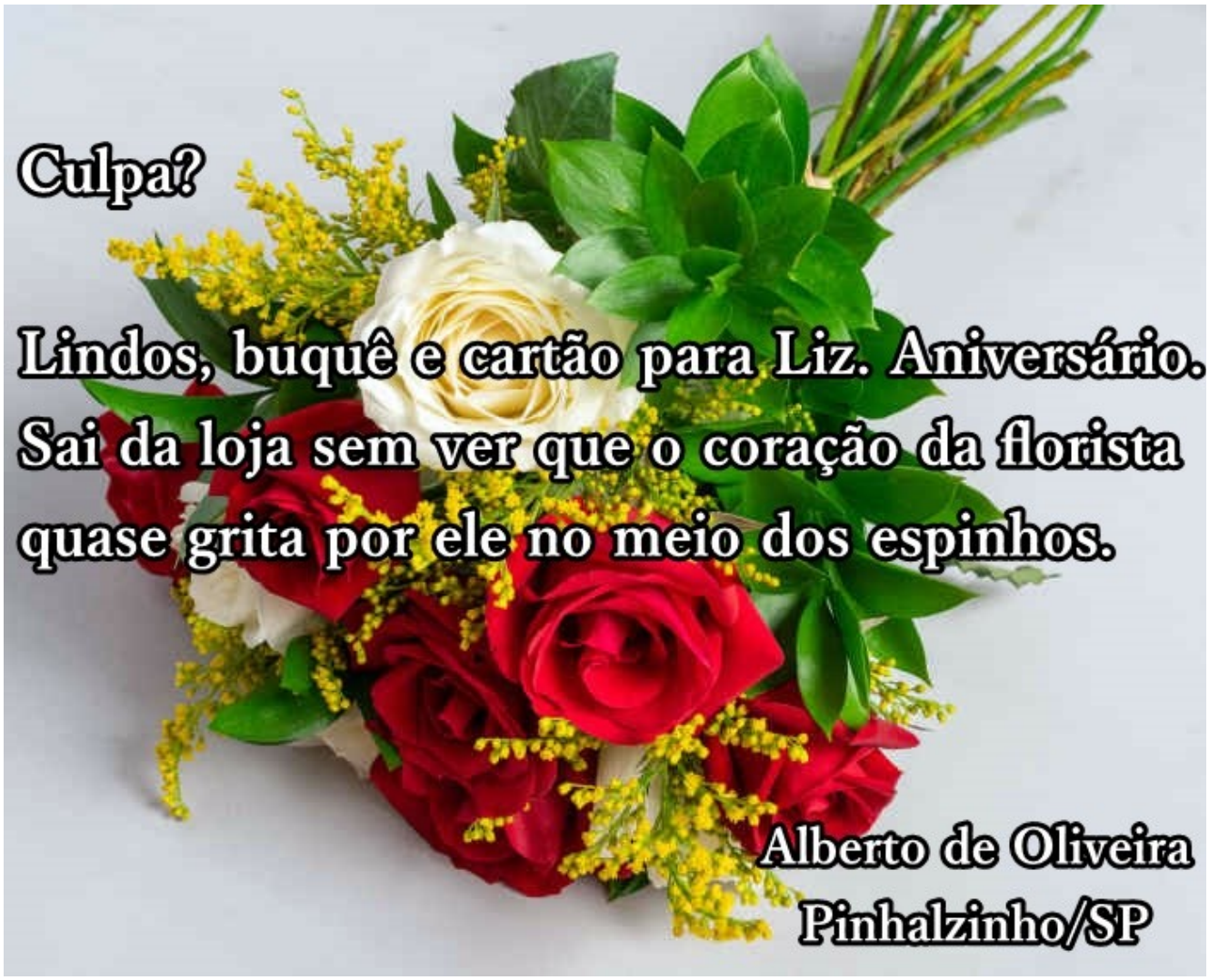
Sua mente viaja até lugares mais confortáveis para tentar aliviar o sofrimento, então um ruído distante o chama para a realidade, uma música, uma pessoa falando. É o locutor! Está chegando!

Ele corre mais rápido, sabe que agora falta pouco. Corre, acelera o passo, respira fundo e vê logo a frente o pórtico da chegada. Todo o cansaço se desfaz e as dores somem. Junto com os outros corredores, dá o *sprint* final e de braços abertos conclui a prova.

Os amigos que já chegaram vêm ao seu encontro para festejar, abraços suados são correspondidos, aguardam aqueles que estão vindo a seguir e todos satisfeitos por terem concluído a corrida comemoram com risadas e piadas.

Segurando a medalha na boca, tira muitas fotos e junto com os colegas começa a programar a próxima.

Culpa


Culpa?
Lindos, buquê e cartão para Liz. Aniversário.
Sai da loja sem ver que o coração da florista
quase grita por ele no meio dos espinhos.
Alberto de Oliveira
Pinhalzinho/SP

Doença Terminal

Monaliza Cristina Sousa
Teresina/PI

Minha visão deu um breu
Uma Cegueira burra e inconseqüente.
E ainda roubaram-me a razão que restava.
Não fui avisado, instruído nem questionado.
Fui apenas jogado nesse mundo de Meu Deus
Sem consentimento, sem cão-guia.

Transformaram-me em um tolo que vive a tropeçar
Pelos caminhos em que te encontro.
Não sei bem o que me tornei.
Mas sei que o amor é um estado mental doentio
Inevitável e que te faz morrer.
Um pouco mais a cada dia.

https://monalizacristina92.wixsite.com/queridasolitude

Dunas

Ligia Diniz Donega

Ribeirão Preto/SP

Entre as pequenas dunas as gaivotas começam a chegar em mais um fim de tarde. Como pétalas brancas jogadas ao vento, cruzam o ar em voos rasantes, planando sobre a areia e pousando na espuma que fica da onda que vai. Na extremidade oposta, na ponta esquerda da praia, o pequeno forte desponta no alto das pedras, sob um céu límpido azul. Com suas nadadeiras marcando a areia molhada, as gaivotas parecem saber que esse pedaço de paraíso é delas. Ciscando ali e aqui, metem o bico amarelo na água gelada em busca de alimento. O mar, ora azul, ora verde, cada vez mais vai adentrando a faixa de areia, predizendo que a noite se aproxima.

Entre as pequenas dunas, o casal deitado olha o céu. A mulher brinca com um punhado da areia branca e fina, deixando-a escorrer entre os dedos. Imagina uma ampulheta, onde rapidamente os minutos passam para o compartimento de baixo. Como gostaria que o tempo parasse, só por um breve instante! Com a outra mão, busca o homem ao seu lado. Ela vira a cabeça, fitando seu perfil. Ele tem no semblante um ar pueril, algo que a encanta. Não o conhece além de poucas horas apenas. Tão pouco, mas o bastante para amá-lo. Sim, não é necessária uma vida para amar, tinha descoberto isso hoje. Seu coração se aperta ao vê-lo assim tão perto. Logo estariam longe, como sempre estiveram. Tem vontade de beijá-lo mais uma vez, se aninhar ao corpo dele, sussurrar em seu ouvido que não quer perdê-lo.

Subitamente, ele pega a pequena câmera e aponta para o céu. Quer fotografar as gaivotas por outro ângulo.

— Assim por baixo é mais legal. O que acha?

Ficam então observando as aves, ele clicando uma vez após a outra, tentando acompanhar a rapidez com que voam. Ela não se atreve interromper.

Há sete horas tinham se conhecido. Com os guarda-sóis próximos, foi fácil começar uma conversa. De início ele lhe perguntara:
— Sabe porque essas águas têm esse tom azul-turquesa?
Uma simples pergunta que poderia ter demonstrado pouco interesse. Mas não. Ficou ouvindo com prazer o rapaz explicar sobre a ressurgência e o efeito do reflexo da luz do sol na água. Ele era dali mesmo. Ela, uma turista em seu último dia de viagem. Mais tarde, ele convidou-a a andar até as dunas onde a praia ficava deserta, sem o aglomeramento de pessoas e barraquinhas.
— Olha essa como ficou bacana — ele a lembra do presente, mostrando a foto.
Guarda a câmera no bolso da bermuda e vira de lado. Estica o braço e com o dedo indicador desliza lentamente pela testa dela, nariz e lábios, desenhando seu perfil no ar. Ela sente um leve tremor por dentro. Sorri. Ele pega seu rosto, virando-o para ele. Beijam-se demoradamente e então, sem que nenhuma palavra fosse necessária, desaguam seus anseios num canto do fundo infinito da praia, como se há muito se conhecessem e se amassem. Em meio ao revoar incessante, afundam-se na areia macia, buscando, entre os grãos, a paz perdida e brevemente reencontrada. Ficam longos minutos deitados lado a lado com as pernas entrelaçadas, ela com a mão pousada no peito dele. Em seguida ele a puxa e vão para o mar. Brincam como crianças sem se importarem com o céu prestes a cair no mar, a areia escoando pela ampulheta e tampouco com a tarde que vai sumindo num dia de verão.
Ao se despedirem, ela comenta o quão pouco sabem um do outro.

— Melhor assim. As histórias que não contamos são as mais interessantes — ele respondeu.

Abraçam-se no último beijo. Nada mais a dizer, nenhuma promessa a cumprir. Porém, muito o que lembrar e nenhum pesar por se arrepender. No olhar que trocam, a despedida inadiável. Nas pegadas na areia, os caminhos opostos de cada um.
Ao deixar a cidade, ela não somente dava adeus àquele lugar, mas também a um amor consumado na areia fina e compartilhado com as gaivotas. Em seu último olhar para a praia, pareceu-lhe vê-la ainda mais bela sob a primeira luz da manhã dourando a areia molhada. Fecha os olhos pensando nas dunas. Somente elas sabem, somente elas viram que o amor fora seu apenas por algumas horas, algo que, na verdade, já pertencia àquela praia e seu mar azul-turquesa, muito antes de se encontrarem. E ali permaneceria.

https://www.facebook.com/conversadaboa/

E então vejo a enfermagem

João Vitor Andrade

Viçosa/MG

Já dizia o teólogo Boff, cada ponto de vista é a vista de um ponto
Então sob meu ponto de vista
Observo a enfermagem
E então vejo
Empatia
Naturalidade
Força
Entrega
Respeito
Maturidade
Amor
Generosidade
Esforço
Maestria

Então, em meu ponto de vista me perco
Será que só existem coisas boas?
Então, em meu pensar
Me lembro, em toda moeda existem duas faces
Mas, não tenho outro ponto, por onde olhar?
Então, concluo!

O enfermeiro visa proporcionar o melhor para cada SER
E sem dúvidas
É uma profissão belíssima
Tão bela, que nossa precursora Florence,
Certa vez nos comparou aos pintores e escultores
Visto que em seu ponto de vista, somos responsáveis por tocar a mais bela das artes
O corpo humano

E nesse processo

Por nome CUIDADO
Temos todos os dias contados com as maiores angustias e medos dos humanos
Mas, é neste local que alcançamos uma ascensão
Inimaginável, incalculável e indescritível

No ponto de vista de Patch Adams
Ao cuidar de uma pessoa, você sempre ganha
E vale ressaltar que o CUIDAR
Transpõem culturas e crenças
E esse cuidar
É o que pulsa nos corações dos ENFERMEIROS
E os sorrisos destes, refletem a alegria do coração
E as vestes sempre refletiram a LUZ que as almas buscam.

Ela

Pâmela Scutari
Garça/SP

Ela saiu de casa e foi ao mercadinho. Olhou para os dois lados, e nem fazia sons de motor. Passou em frente ao bar e, dessa vez, manteve os olhos na direção de seu nariz, que cortava o vento de passos apressados. Entrou no estabelecimento e se encaminhou à seção de bebidas; a água estava cara demais, mas a da torneira de casa, intocável.

Ela encarou etiquetas de números diferentes para um volume transparente, todo igual. Pensou em voltar, beber da torneira mesmo. Então ouviu, "Você poderia pegar aquela ali pra mim?". Sua boca, antes cheia de água, secou. Olhou para o lado esquerdo e encontrou um garoto, meio menino, meio homem, apontando para uma embalagem. Engoliu de fazer barulho e disse, "Está cara demais". O garoto pensou por algum tempo e replicou, "Mas a de casa está quase intocável".

Ela ouviu passos em outro corredor, por isso olhou para o lado direito. Queria ir pra casa e beber a da torneira mesmo. "É verdade, menino. Machuca meu estômago". Alcançou a embalagem mais cara e lhe estendeu uma garrafa de revestimento e conteúdo da cor de cristal. O menino balançou a cabeça, "Fique com essa. Mata a sede, que é uma beleza". Alguns passos indagadores se aproximaram; mostrou-se contrariada, então ouviu o menino dizer, "Pode ir".

Ela saiu, bebeu e sorriu; seus lábios não se racharam. Por fim, voltou sem olhar para os dois lados, porque, dessa vez, seu nariz cortava o vento de passos apressados para compartilhar daquela água. Chegou em casa.

Emoções

Mario Rezende

Rio de Janeiro/RJ

Sentir emoção é chorar uma falta,
dar a volta por cima e se achar.
Sentir emoção é cantar uma vitória,
é festejar uma glória.
Sentir emoção é um chute na bola, é o grito de gol.
Sentir emoção é corar de vergonha por deslize inesperado.
É olhar nos olhos de alguém e encontrar os teus.
É receber a criança que chega e se despedir de quem vai.
Sentir emoção é olhar ao redor e encontrar todo mundo;
é amar o filho, o pai, a mãe, o irmão, o cônjuge, o amigo.
Sentir emoção é amar o que ainda não nasceu
e também o que já morreu.
Sentir emoção é ter amor no coração.
Sentir emoção é ganhar e perder.
Sentir emoção é dar topada,
é cantar no chuveiro.
Sentir emoção é puxar o peixe que vem na linha,
é comer a toda hora, é não ter o que comer.
Sentir emoção é ver o sol que brilha,
é brilhar sem ver o sol.
Sentir emoção é observar a chuva que chora,
é ter o universo aqui, ao alcance das mãos.
Sentir emoção é despertar de um sonho,
é namorar, brigar, separar e reatar.
Sentir emoção é pisar na grama,
saltar e cair rolando de rir.

Sentir emoção é viver com pouco dinheiro
e ter despesa de sobra.
Sentir emoção é dar leão quando jogou na cobra.
Sentir emoção é botar para fora,
xingar, gritar, gargalhar e aplaudir.
Sentir emoção é engolir, calar, pensar e chorar.
Sentir emoção é chegar ao orgasmo.
Sentir emoção é tudo aquilo enfim,
que mexe, assim, de repente, com o ânimo da gente.

http://mariorezende.blogspot.com.br

Entre o amor e o medo

Karina Caputti
São Paulo/SP

Ah o amor!!!
Aquele sentimento que dá o tom nas frases poéticas
Declamado de Camões a Vinícius de Moraes
O amor cantado que traz a tona o sentimento mais nobre
Amor meu grande amor.

Aquele amor que causa sobressaltos
Que leva ao desejo constante daquela pessoa
A pessoa que te leva a sonhar acordada
É o desenho de um futuro cheio de planos.

Em qual momento se cruza a linha?
Aquela que esse sentimento se converte em destruição
Amor se torna posse e sofrimento
Que deixa marcas pelo corpo e provoca o medo

Levando a tentativas frustradas de fugir.

Em meio ao intenso sofrimento
O pedido de socorro calado
Aquele suspiro desesperado
Entre as lágrimas reprimidas
Cai a escuridão e o vazio.

Aquele amor cultuado em meio à sociedade machista
Em que homens tem seu ego inflamado
Sentindo-se donos e carrascos
Repressores e corretores
Das milhares de Carols, Ângelas e Janaínas.

Elas morrem pelas mãos deles
Tornam-se estatísticas de um crime
Motivados pela sua condição de gênero
Em meio a uma sociedade culturalmente deteriorada
Marcada por relações sociais desiguais.

Ah mulheres de luta
Travam suas batalhas históricas
Milhares de Rosas, Simones e Fridas
Multiplicam-se todos os dias
Para que suas vozes jamais se calem.

Espantalho

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Espantalho,
você é mesmo de
retalhos?

Eu sei que o seu chapéu
combina com o céu!

E só
espanta os passarinhos
porque também quer
voar.

Espelho Cego

Victoria Schechter
São Paulo/SP

Ele tinha olhos azuis maravilhosos, haviam lhe dito: tão azuis que pareciam de mentira. Os olhos que a veriam naquela noite. Isabel o encontraria no restaurante onde trabalhava como cantora aos sábados. Uma bebida, conversa, quem sabe algo mais.

Preparava-se como uma atriz prestes a ficar sob a ribalta, construindo-se aos detalhes, com horas de antecedência. Dirigiu-se ao banheiro do apartamento. Os cabelos lavados pela manhã, agora quase secos, caíam indomados pelos ombros e pinicavam as costas. Ligou o bastão de ferro quente, sua arma preferida na batalha contra a desordem do corpo, e esperou sentada no tapete felpudo do banheiro enquanto o metal se aquecia o suficiente.

Tocou as pernas JÁ LISAS À caça de algum sinal de pelo remanescente. Fez o mesmo nas coxas e entre elas, tudo DESCAMPADO até as raízes. Caso algo acontecesse, caso ele a quisesse, era melhor não deixar restar nada que descobrir depois que sua intimidade era inaceitável.

Percebeu com o dedo leve um fio tão fino que quase nem existia, um refugiado próximo do umbigo. Na mesma hora, levantou-se, apanhou o barbeador e arrematou o resistente.

Sua mão saiu escaldada ao tocar o fazedor de cachos. Tudo pronto para o primeiro round. As mechas desformes foram torcidas em espirais perfeitas, moldavam-se às ondas do castanho de águas profundas. Contorcia o tronco para alcançar os fios da nuca, que impunham sempre a maior resistência, gotas de suor começavam a escorrer pela testa, a rolar pelo pescoço. Esculpida a última mecha, agregada ao todo, tinha um capacete de cachos perfeitos que, ela sabia bem, brilhavam à luz. Molhou a mão com um fio de água da torneira e destruiu com estratégia os caracóis ainda mornos.

Uma gota de umidade correu por entre os seios. Sentia o cheiro de corpo que emanava da pele. Estalou a língua, amaldiçoou o verão com palavrões e usou duas toucas de banho para proteger completamente os cabelos, até as sobrancelhas e as orelhas. Na chuveirada, lembrou de usar o sabonete caro com essência de cerejeira. Sabia que só ela própria era capaz de sentir, mas gostava

de imaginar que o olfato dos outros, não tão aguçado quanto o seu, responderia em um nível subliminar ao odor agradável.

Enrolada na toalha, voltou ao quarto. Ligou o ventilador, só perto dos pés para não estragar sua obra, e abriu o guarda-roupa. A metade direita com os tecidos pretos e a esquerda com os coloridos. Cabides enfileirados com os tecidos de cores frias perto da divisa com as pretas de todos os dias; à medida que se aproximavam da lateral direita, as cores iam esquentando, até o último vestido pendurado, o vermelho justo ainda com a etiqueta da loja que nunca tivera coragem de usar. A imagem relatada por alguém a havia impelido a comprá-lo: Michelle Pfeiffer sentada sobre o piano de cauda cantando com sua voz de sedução.

Separou a saia lápis que mais gostava e a blusa esvoaçante e transparente sobre uma regata. Tudo era preto. A lingerie precisava ser discreta, que não fizesse marcas, mas estavam vetadas as calcinhas beges de malha confortável compradas em pacotinhos de 5. O preto não erra. Teria preferido usar o sutiã marfim rendado que custara uma fortuna, mas se suas camadas fossem descascadas até revelar seu sabugo cru, a última das peles não podia revelar a vulnerabilidade, o quase branco de virgem – virgem que não era.

Na meia-calça escolheu a que tinha a risca na parte de trás, um resquício do sonho das costuras à mostra de tempos remotos. Da meia-calça ela gostava. Um detalhe em que ousava ousar.

Escorregou a saia pelas coxas cobertas e acertou o cós no lugar. A circunferência não dava, o fecho não alcançava. Apertou mais a carne, começando a desesperar por dentro. Não tinha jeito, a saia não era mais capaz de englobá-la. O suor nas axilas ficou de repente pegajoso. Na lateral esquerda do armário nenhuma das saias combinava com a blusa e, das que combinavam, todas pareciam caretas demais. Se usasse uma clara, precisaria trocar a calcinha escura.

Toda a construção de si que planejara com cuidado por dias caia por terra.

Tirou a meia-calça e pôs outra mais grossa. Colocou um vestido cinza. O decote era mais fechado, dava calor. Não, cinza era triste, nem cá nem lá. Sua vida já era nem cá nem lá o suficiente. Descartou-o.

Folheando as opções nos cabides, negando todas, chegou ao fim, ao vestido vermelho Michelle Pfeiffer. Ergueu os braços para soltar as alças finas do cabide que o mantinha preso. A meia-calça com a risca antiga fazia um conjunto coerente. Isabel entrou dentro dele feito uma cobra que retorna a uma pele antiga. E os seus sapatos favoritos também combinavam, deu-se conta.

Talvez estivesse arrumada demais para ir simplesmente trabalhar, talvez chamasse mais a atenção que a sua música. Sentiu seu corpo, a cintura se afundava, marcada, o tecido liso quase parecia líquido ao toque.

Teria que ser aquele. Nenhum outro dava certo, dizia a si mesma, querendo convencer-se. E sentia-se bela com ele.

Sentou-se na cama, pintou os cílios com a precisão metódica que desenvolvera ao longo dos anos de ser vista e não ver. Uma camada para cobrir, uma para caprichar nas pontas e uma para alongar nos lados. Não ia a lugar algum sem aumentar os olhos com o rímel preto. Após limpar os borrões cuja existência era inescrutável, pintou os lábios com o terceiro batom da fila da frente da caixa de maquiagens, o cor-de-boca-um-pouco-mais-escuro-mat. Já tinha exagerado no vestido, era melhor contrabalançar. Escolheu os brincos de cristal que ganhara aos 15 anos. O humor permissivo a agarrara. Decidiu trocar a sacola de nylon pesada de todos os dias por uma de couro imitando crocodilo. Enfiou os sapatos e saiu para a rua.

Guiada pela haste de metal branca, a sua estrela amarela de seis pontas, que chocalhava ao tatear o chão, andou até o metrô na esquina, passou o cartão, encostando o quadril coberto do tecido líquido na barra da catraca. Uma sensação diária tornada tão diferente pelo revestimento. Quer ajuda, moça? Não, obrigada. No corredor da baldeação, uma pessoa, uma mulher, cruzou caminho com ela. Onde você está indo, mocinha? Vou trocar de linha. Você é cega mesmo? Sim. Toma cuidado, hein?! Não vai tropeçar! Deus te abençoe!

Isabel sorriu educada, um sorriso duro. O tom de quem repreende um velho senil que ameaça fugir do asilo doía. Mas podia guardar a dor no mesmo compartimento das outras, sobre as de ontem, abaixo das de amanhã.

Chegou ao restaurante no horário, assumiu seu lugar no banco alto do lado do pianista, seu amigo de longa data que fez algumas graças sobre ela estar tão bem-vestida. As notas de Porter, Holiday e Piaf fluíram diferentes por ela. Todo o tempo, movia-se como se fosse ela um outro, como se fosse o olho constante que a perscrutava. Sabia que desafiava, balançava o pé ao ritmo da música, oscilava o corpo suavemente, a cintura se ondulando , o cabelo caindo pelas bochechas, o microfone trocado de mão com languidez.

A noite se esticava e ele não vinha. Um nó começou a se apertar nela. Queria perguntar ao pianista se estava vendo o rapaz de olhos azuis, poderia até mostrar a foto que tinha no celular. Mas não se pintara poderosa, não queria mostrar que se amava? Nunca falara de interesses amorosos com ele, mesmo em

anos de parceria e coleguismo. Ele estava lá ou não? Havia outros olhos, quem sabe verdes, sondando sua beleza? Aquela passividade a que se via obrigada, a incapacidade que a prendia cortava à golpes finos d e gilete, de dentro para fora.

O último cliente foi embora, a noite acabou, o restaurante fechou. Ele não apareceu.

Isabel saltou do seu banquinho sobre os saltos altos, agarrou as coisas e saiu pelo mesmo caminho que entrara. Caminhou pela rua, temerosa. Parou na ponta da calçada. Aguçou os ouvidos para lhe sinalizar um veículo. Aflita com a hora e a exposição de si mesma que havia perpetrado – sentia-se fantasiada para um baile de carnaval que não acontecera. A caridade indesejada parecia se ressentir dela, que ousara tanto naquela noite – ousara ser mulher inteira, ousara somar beleza à feiura da sua deficiência. A ajuda dos olhos de outros a transpô-la os poucos metros para a outra calçada não vinha e os minutos se esticavam. Queria ir para casa, vestir-se da maneira como deveria, esquecer-se de tudo, aceitar seu lugar.

Decidiu cruzar a rua de ouvido. Colocou o pé no asfalto, depois o outro. Esticou a mão e se lançou no desconhecido.

www.gato-sorridente.blogspot.com

Eterno

Ricardo Machado
Porto Alegre/RS

A enfermeira Edneia havia sido contratada para cuidar de Virgílio com direito a um quarto. Mal se apresentaram e Virgílio, um desconfiado contumaz, franziu as sobrancelhas fuzilando-a com aqueles olhos azuis de águia.

O trabalho não começou bem: logo no primeiro dia, ele subia as escadas se apoiando na bengala, que sustentava o seu corpo encurvado, com um esforço extenuante. Edneia se ofereceu para ajudá-lo. Quis impulsionar seus ombros. Mas ele, que quase nunca falava, recusou grunhindo.

"É um homem doente e senil", ela pensou, tentando ser tolerante.

À noite, Edneia subiu quase na ponta dos pés até o quarto onde ele dormia, abrindo vagarosamente a porta; mas as dobradiças rangeram e, sem acender a luz, se assustou ao vê-lo com aqueles olhos perscrutadores, como duas bolitas brilhando no escuro. Ela disse boa-noite e fechou a porta.

"E mais uma vez aqueles olhos... Tão tristes e assustadores", pensou.

A sala era muito escura, sem janelas, cercada por pequenos sofás nos cantos e um maior no centro. Havia duas enormes estantes de cedro em cada lateral. No meio de uma das estantes, um pequeno televisor. O corredor, que tinha ligação com a sala, se estendia até a cozinha. Esta, por sua vez, era composta por ladrilhos rômbicos laranja, amarelo e branco. Três quartos no piso superior e um no inferior com cortinas em tons ferruginosos, todos praticamente iguais, apresentavam toques de requinte. As paredes eram bege. Flores em vasos idênticos, com pinturas abstratas em tons marrons e cinza-escuros, podiam ser encontradas em todos os aposentos. Três vasos com orquídeas adornavam a sala. Um, com cravos, a cozinha. Outros, com violetas, cada um dos quartos. Aos fundos da casa, junto à cozinha, uma porta feita com multicamadas de laminados à prova de som estava sempre fechada. Para ajudar no desenvolvimento das

plantas, todos os aposentos dispunham de pequenas caixas de som fixadas ao teto e tocavam músicas clássicas em volume baixo.

Três meses se passaram. Edneia encontrou um envelope pardo na estante da sala. Dentro, havia alguns documentos: um atestado de óbito de mais de 40 anos e uma carta, ambos da falecida esposa de Virgílio. Na carta, a esposa informava que gostaria de ser cremada e suas cinzas depositadas dentro de um vaso com bonsai. Edneia soube, pelo médico de Virgílio, que o pobre homem era viúvo há algumas décadas e que sua esposa tinha verdadeira adoração por plantas.

Ela guardou o envelope exatamente como estava e saiu para fazer compras.

Ao retornar, encontrou a porta dos fundos aberta pela primeira vez. Havia música em volume mais alto vindo daquela abertura. E, ao entrar, teve um sobressalto.

Era uma passagem secreta.

Uma grande estufa de plantas feita de vidro em todo o seu redor, ligada à casa, continha gardênias, girassóis, jacintos, violetas, margaridas, rosas vermelhas e amarelas, cravos, orquídeas, jasmins, hortênsias, copos de leite, amores perfeitos, bocas de leão, calêndulas, cravinas, gerânios, dálias, miosótis, prímulas e outras que ela não conseguiu identificar. Os vários perfumes entravam deliciosamente em suas narinas. Algumas flores eram cultivadas nos canteiros e outras em pequenos vasos iguais aos que estavam no interior da casa.

Ela andou com passinhos arrastados, boquiaberta, quase não acreditando no que via. Virgílio estava sentado em um mochinho em frente ao bonsai de bordo cultivado num vaso enorme. Era uma pequeníssima árvore oriental de lindas folhas outonais, em tons avermelhados. A música que ele ouvia era *Adagio*, de Albinoni. O som do violino parecia verter lágrimas. Virgílio percebeu a presença intrusa de Edneia somente no instante em que ela se aproximou.

O segredo estava revelado.

De súbito apanhou sua bengala e atingiu Edneia com vários golpes na cabeça, até sangrar. A pobre mulher correu, chorando, deixando cair os ovos das

compras que se espatifaram sobre várias plantas. Das flores, pingavam claras e gemas.

Edneia havia entendido que o local resgatava a memória da falecida esposa para manter seu espírito perene, como o bonsai. Certamente as cinzas da cremação alimentavam as seivas daquela árvore há mais de 40 anos. E a razão do vaso muito grande para o bonsai, devia ser para depositar também as cinzas de Virgílio depois que ele morresse.

Virgílio deixou rolar uma lágrima. Em seguida, começou a comer com furor a terra do bonsai, só parando quando se deu conta que poderia desfalecer. Regurgitou. Respirou fundo. Sentiu uma náusea insuportável. Não satisfeito, arrancou todas as folhas da pequena árvore e igualmente as comeu com veemência. Em seguida, fez o mesmo com os galhos, o tronco e a raiz: os devorou, após décadas de extrema dedicação àquela planta.

Horas depois, quando retornou com curativos na cabeça, Edneia encontrou a porta da estufa ainda aberta e a terra toda espalhada enquanto tocava a sétima sinfonia de Beethoven. Percebeu a ausência do bonsai. Seguiu as pegadas da terra úmida que se dirigiam ao interior da casa, passavam pelas escadas e terminavam no quarto de Virgílio.

Abriu devagar a porta, que voltou a fazer seu costumeiro rangido. E sobre a cama havia grandes galhos com folhas outonais avermelhadas em forma de braços e pernas, todos ligados a um tronco similar ao do ser humano. A árvore parecia morta.

Edneia gritou aterrorizada.

Duas bolitas imóveis, azuis, com olhares de águia, em posição perscrutadora, saltavam de órbitas presas ao tronco, sobre o travesseiro.

Farsantes

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere- Baião- Portugal

Muita gente simula e desmerece
Névoa de hipocrisia tolda o olhar
Anda meio mundo ao outro a enganar
Quem tenta ponderar logo endoidece.

Há farsantes que lestos vão ao céu
Sem olharem um pouco ao seu redor
No seu pavonear não há pudor
Esquecem-se do rabo quase ao léu.

Falsos tristes caminham cabisbaixos
Sempre a bater no peito contrafeitos
Só cuidam de engordar mais os seus tachos.

Há também os que cantam melodias
Alegres, bem dispostos, nos seus jeitos
Só pensam enredar com fantasias.

https://www.facebook.com/yolanda.azevedo.3

Flor e chuva

Lenilson Silva

Pedras de Fogo/PB

Aquela flor não merece ficar ali trancada
Não deixe ela ali
Abra aquela janela
Precisa de chuva
Precisa se inteirar com as outras flores
Não tenha medo
Não tenha ciúmes
Ela já tem sua própria essência
Então o que temer?
Ela precisa encantar outras
São de flores assim que precisam este mundo

Folha em branco

Marione Cristina Richter

Venâncio Aires/RS

A porta do quarto está trancada, está tudo no silêncio, o computador desligado, sempre me dá um branco na frente dele. Em minha frente um caderno usado com folhas em branco, por quê não? A caneta esferográfica de tinta preta na mão, sempre gostei mais da preta, e a vontade de escrever. O que será hoje, um novo conto? Um poema quem sabe? Não, sem inspiração. Talvez continuar com meu projeto de escrever um livro.

Neste momento eles aparecem e começam a querer forçar a maçaneta da porta, a arranham, querem minha atenção. Não sei mais o que fazer, tenho que aprender a me organizar para dar atenção a todos ou vão me deixar louca uma hora dessas. Já tentei escrever fora de casa mas também não deu certo pois na volta acabo trazendo mais um.

Dar para adoção? Em hipótese alguma, são meus, eu os criei, só eu sei da vida deles. E se não lhes derem o destino correto, o destino que eu pré-tracei? Não, absolutamente não, são minha responsabilidade, eu devo isso a eles. Mas quando? Quando conseguir me concentrar.

As vezes consigo escutá-los por trás de todas as barreiras que tento erguer para conseguir escrever. Escuto seus questionamentos, suas lamúrias e expectativas:

- "Quando vai falar de mim"?
- "Eu vou morrer"?
- "É só isso? Não tem continuação"?
- "Ficou legal! Escreve outra pra mim".

Ah! Meus personagens, como me atormentam. Não consigo dar um caminho a eles, e como me cobram, mas como vou fazê-lo se não ficam quietos.

Minha mente está a mil e a minha mão parada sobre a folha em branco e a caneta preta na mão.

Folie Deux

Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

Ao adentrar naquela estreita rua a passos largos de modo temerário fitou duas crianças que inicialmente pareciam brincar inocentemente com brinquedos, objetos sem qualquer vida. Todavia ao aproximar-se se observou que as duas crianças estavam maculadas de um sangue que não era seu, mas de uma mulher que estirada sem vida ao ter sido degolada tinha suas mãos e línguas a serem arremessados de uma criança a outra. Ao observar aquilo rapidamente a pessoa que adentrou a rua ficou ruborizada, seus pelos do corpo arrepiados e a circulação dos lábios estancando numa palidez quase tão cadavérica quanto da vítima estirada ao chão como um boneco de trapos. A única coisa que a testemunha pensou fora correr em direção as crianças e com um chute nelas afastá-la do corpo. Aqueles pequenos seres agiam como demônios destituídos de consciência dada a grande atrocidade comedida, mas os golpes da pessoa deram lugar ao vociferar das crianças em pedidos de socorro como se fossem vítimas por apenas brincarem inocentemente com um objeto que nunca teve vida ou necessidade algum.

Rapidamente dois homens vieram correndo agarraram a pessoa aos gritos de "segure essa louca" e tão logo a polícia veio, mas pelo incrível que aparenta nada fez à cerca do incidente que deu razão a seu ataque. Os policiais pararam e fitaram diretamente os olhos da pessoa e disseram.

— A senhorita está louca, não sei o que está pensando em atacar essas crianças.

Ao tentar argumentar o que vira tiveram um aceno negativo com o rosto do oficial da lei que a algemou e tratou de chamar uma ambulância por acreditar se tratar de um ataque psicótico violento.

A pessoa agora amarrada sem chance de defender-se viu as crianças rindo da passiva situação o qual se encontrava ao estar com todos movimentos detidos dentro daquela camisa de força sem qualquer chance de defesa. O motorista lançou-a um sorriso malicioso e lhe disse.

— Uma mulher tão bonita como você, com esses belos cabelos loiros e esse corpo tão torneado, é um desperdício.

A pessoa se debateu e tentou vociferar que não era quem ele dizia, mas a contragosto teve sua boca amordaçada para que nada dissesse em sua defesa, assim como muito menos o que ela julgava ser.

— Você parece estar sofrendo de algum problema de dupla personalidade, tem algum delírio de ser algo que não é como sendo um homem de sucesso talvez.

A maca adentrou a ambulância e as portas fecharam-se num estrondo surto ante os olhares de curiosos quando o motor deu partida e seguiu ao manicômio judicial.

Algo fora injetado em suas veias e tão logo tudo se amorteceu nos sentidos dando lugar a uma penumbra o qual o breu apenas ecoava comentários maldosos de enfermeiros a sua volta até que tudo cessou em sua consciência.

Ao despertar havia perdido por completo o senso de tempo e lugar, mas viu-se amarrada numa cama com um enfermeiro gordo com uma enorme verruga no nariz a lhe fintar diretamente enquanto dissipava seu esmorecer forçado. O crachá dizia que seu nome era Wilson Silva.

— Qual o nome da senhora? Você se recorda?

— Não sou mulher, sou homem! — Vociferou de volta.

O homem fitou o relógio em semblante de preocupação e depois novamente a fitou e disse.

— Ainda sofrendo com delírios de personalidade. Todos aqui sabem que você é uma loira muito bonita, diga-se, talvez você seja uma modelo por ser tão atraente. Vou ser sincero com a senhorita, aqui os encarcerados adorariam brincar com você, mas se você cooperar comigo e me satisfazer talvez possamos nos ajudar mutuamente. — Finalizou o homem lhe piscando o olho. — Vou lhe dar um tempo para pensar no caso.

A pessoa sentiu enorme ojeriza por aquilo e cuspiu em sua direção, pois percebeu claramente que aquele enfermeiro corrupto queria abusar sexualmente da pobre pessoa ali estirada sem qualquer defesa. O homem levantou-se e saiu do cômodo a trancando lá dentro tendo apenas uma pequena janela com grades por onde adentrava a tênue luz do dia naquele lugar. Mas tão logo o silêncio tomou o ambiente até que um sussurro suave cortou-o dizendo.

— Você estava visitando a cidade também não?

— Quem está falando? — Indagou a pobre pessoa amarrada na cama.

— Também sou paciente. Pense nisso, o que é a loucura se não a discordância perceptiva da maioria? Olhe, eles dizem a mesma coisa para mim, que sou mulher, mas o pênis entre minhas pernas diz o contrário, meu nome é William Morgan. Mas tenho um palpite, sou escritor e vim investigar um suposto vazamento tóxico nessa pequena cidade, acredito que isso esteja provocando uma espécie de delírio coletivo.

— Como pode? — Perguntou a pessoa perplexa quando então ouviu um vociferar nos corredores os interrompendo. Os ecos ensurdecedores fizeram-lhe tremer nas bases quando o homem gritando proferiu.

— Amélia cale-se! Não contamine os outros pacientes com sua loucura! Assim iremos antecipar o próximo tratamento de choque!

Acamada a pessoa que acreditava se chamar de Adalberto ficou perplexa, confusa com ambas possibilidades, de modo que passou de fato a questionar a própria sanidade. Sobretudo após o corredor silenciar-se novamente o homem sussurrou novamente agourentas palavras o qual afirmavam que injetavam neles um tipo de medicamente experimental que os deixavam totalmente sugestionáveis de modo a praticamente favorecer que formatassem a personalidade deles ao gosto arbitrário dos próprios. Aquela droga de fabricação experimental nos laboratórios militares instalados na redondeza seria usada para programar soldados ou mesmo adversários a fim de usa-los em missões, e que mesmo o vazamento supostamente teria sido deliberado tornando a própria cidade em questão alvo das experiências como cobaias ante um franco acobertamento coletivo que se beneficiava literalmente da facilidade com que a população se tornou sugestionável a droga tóxica.

De repente as luzes oscilaram, era mais uma vítima numa sessão de eletrochoque que sacudia a rede elétrica da cidade. Mas horas mais tarde o mesmo enfermeiro adentrou o recinto com um médico que portando uma prancheta realizava anotações enquanto o homem descrevia o caso mostrando-lhe inclusive fotos do qual as crianças apareciam com um simples brinquedo sem vida, um objeto sem qualquer necessidade vital nas mãos deles. A confusão instalada na mente do paciente ou a paciente lhe provocou tontura, levando-a duvidar se estava sob os efeitos da dita droga quando o homem interrompeu seus pensamentos obscuros e lhe disse.

— Não preste atenção na Amélia, a mente dela criou uma ideia alienada e delirante de que estamos usando drogas que os tornem sugestionáveis. É uma fuga que a mente doentia dela criou a fim de justificar-se em seus atos. — Completou o homem.

Segundo eles a loucura que semelhantemente acometia Amélia criava estruturas de pensamentos o qual buscava racionalizar delírios interiores na dissonância do exterior, como forma do cérebro negar fatos o qual a gravidade era doentia.

— O que ela fez para estar aqui? — Perguntou a pobre pessoa a mercê das decisões daquele homem supostamente da ciência.

— Espancou um senhor alegando que estava estuprando sua namorada, mas a mulher nem conhecia Amélia. — O homem suspirou fundo e então prosseguiu dizendo — Nós vamos lhe dar esse medicamento para dormir um pouco e desanuviar sua mente desses delírios e paranoias.

Novamente tudo se apagou ao ser obrigada a tomar aquele remédio mergulhando nas brumas de um sono forçado até que sabe-se lá quanto tempo depois o breu fora dissipado pelo balançar de seus braços.

Ao abrir lentamente as vistas embaçadas pelo torpor do pesado sono a pessoa fintou um homem que parecia vociferar diante dela após lhe tirar as amarras e ouvir um alarme ao fundo. Lentamente sentando-se na cama tentava ainda se focar no que dizia o homem quando percebeu.

— Sou eu, William! Aparentemente uma pane abriu as celas, temos que aproveitar agora para fugir!

Os dois saíram pelos corredores enquanto outras pessoas caminhavam a deriva como mortos-vivos balbuciando palavras sem nexo em meio a babas e tropeços. Adalberto ou fosse quem fosse parou diante do espelho viu sua face masculina com barba. Perplexo ficou ainda duvidoso se o que via era ele mesmo ou não quando uns dois enfermeiros foram vistos trancados do lado de fora de uma grade de onde vociferavam ameaças caso os mesmos não voltassem as suas celas, até que o médico que lhe atendeu gritou.

— Não dê ouvidos a Amélia! O que você está vendo no espelho é apenas uma imagem residual provocada pelo efeito da droga que lhe deixou sugestionável, Amélia.

William o puxou pelo braço vendo o estado de confusão o qual se encontrava, mas aos pedidos dele focou-se em fugir daquela masmorra moderna.

Ao obterem êxito correram por um bosque até que os sons do alarme da sirene deram lugar ao silêncio pontuado pelo som de grilos da noite. Correram até que seus corpos suados deixaram suas vestes embebidas quando pararam diante de uma longa cerca o qual uma placa avisava: "Instalação Militar: Quem Ultrapassar Corre Risco de Vida".

— Chegamos, é aqui! — Sussurrou William ou Amélia, fosse quem fosse. — Aparentemente o vazamento vai até o riacho que alimenta o lençol freático e toda rede de abastecimento.

Os dois caminharam lentamente até chegarem a um ponto onde viram uma mulher parada que para surpresa de seu acompanhante parecia ter sido identificado como sua namorada, Maria Sofia.

— Vocês conseguiram escapar! — Murmurou ela feliz ao vê-los. — Relatei tudo as autoridades do exterior os fatos não podem ser negados.

— Obrigado! Finalmente! — Correu a pessoa a abraça-la. — Trouxe esse amigo comigo, não sei o quanto fora sugestionado com a droga experimental, mas...

Naquele momento a pessoa em questão o interrompeu perguntando.

— Por favor, diga-me quem sou!

— Quem tem que dizer que és não sou eu, mas você mesmo. — Disse a mulher de modo comedido e completou— Vai ficar tudo bem.

— Você disse no masculino? — Perguntou novamente.

— Sim, ao que vejo sua barba e seu biótipo parece bastante masculino. Soube de seu caso, aquelas crianças após vocês saírem ficaram brincando com as tripas da própria mãe. Toda cidade está um caos, alguns acham ser até mesmo animais. Há estupros, homicídios e saques a inúmeros estabelecimentos comerciais e casas.

Ainda sem acreditar que seu nome era Adalberto ele clamou para que tirassem uma foto dele o que a jovem fez de bom grado com o celular para lhe mostrar em seguida. Ele viu-se seu rosto barbado ao lado do homem que lhe salvou do qual agora munido de provas iriam levar a mídia para finalmente revelar o que estava acontecendo naquela cidade como um modelo protótipo de apocalipse. Todos na cidade enlouqueceram, menos eles.

Fonte

Carmo Bráz de Oliveira
Foz do Iguaçu/PR

Quero sempre beber desta fonte
Que inebria o pensamento
Belo e infinito horizonte
Defronte o conhecimento

Quero nela lavar minh'alma
Diáfana brisa que a vida inspira
E com paciência, com calma
Toda a dor e pranto tira

Quero da sorte vencer o medo
E descansar em um dia ensolarado
Da vida descobrir o segredo
Valorizar o caminho galgado

A cada dia uma vitória
Pelo simples fato de viver
Dias de luta, dias de glória
Neste mundo, tão profundo, do saber

www.recantodasletras.com.br/autores/carmobraz

GargalhECO

GargalhECO
Sua risada
Ressoa ecoando
Dentro do meu coração
Léo Martins
Itapetinga-BA

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Não bastando o frio
o vento sopra
fazendo fitifiu

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Pega o rato:
driblou a vassoura
e entrou no sapato

Jorginho da Hora

Simões Filho/BA

HAIKAIS

Alberto Arecchi

Pavia, Itália

Chuva e castanhas
Neblina nas colinas
borrando o mundo.

Flores de inverno,
na neve, na pegada
de tua bota.

Areia do rio
leva ouro dos montes,
lixo no vale.

Flor de cereja
é lágrima de chumbo
no meu coração.

https://www.liutprand.it

Homem do Rio

Íris Cavalcante
Fortaleza/CE

Seguia ribeira abaixo desde a nascente até vislumbrá-lo em toda a extensão, por onde transcorria o leito das águas. O sol erguia-se refletindo a incandescência sobre o espelho d'água, quase a cegá-lo. Manhã que vinha. A água corria ligeira e salpicava as folhas das árvores numa mistura com a poeira do vento leste, que o inebriava do cheiro lavado do rio.

Em alguns trechos, o homem deparava-se com biomas que iam da caatinga a uma densa vegetação ribeirinha e pedras que pareciam ovos pré-históricos quase tão translúcidas como as águas sob os rebrilhos do sol.

Os espíritos do rio o observavam do nascente ao poente e tinham aparências as mais variadas: indígenas, camponeses com a pele rugosa e maltratada pelo sol, crianças subtraídas do direito de crescerem e que seriam eternamente meninos e meninas de pouco mais de um metro, olhos infantis e sorriso trocista. Não se sentia só, porque não há quem esteja só num rio. É de espíritos que falamos.

No percurso pela margem, ele dialogava através do olhar com esses personagens que tinham expressão, cor e movimento, exceto o velho pescador que navegava à frente e de quem não se via sequer o rosto, coberto pelas abas de um chapéu de palha. Seguia inerte na sua canoa a despeito de todo o resto.

O homem do rio ergueu a mão ao velho num aceno, que não manifestou nenhuma reação, não se sabe se por desdém ou porque já fora tragado pela eternidade da solidão. Num ímpeto, o homem apanhou o espectro de uma canoa abandonada à margem numa restinga de areia, entrecoberta de musgos ao longo dos anos, mas ainda em estado navegável. Empurrou-a e foi-se ajeitando ao espaço, limpando o que fosse possível e adaptando-se ao manejo do único remo. Ia à direita e à esquerda, numa contínua troca de mãos que fazia diligentemente,

parecendo um remador profissional. Ouvia-se apenas o mergulhar do remo nas águas.

Braços fortes e tatuados de maneira tosca lembravam marinheiros a desembarcarem nos portos, ávidos para resolverem suas urgências de toda natureza. No alforje, trazia uma garrafa de aguardente artesanal, deu alguns goles e guardou-a. Seria longa a travessia e logo mais teria que pescar algum peixe para forrar o estômago vazio e maltratado pela bebida.

Não parava de olhar o velho pescador na canoa à frente que, apesar da falta de movimentos, ganhava distanciamento, como se a correnteza fizesse o trabalho ou uma força sobrenatural substituísse o manejo dos remos. Na distância e sob os reflexos luminescentes do sol, reduzia-se a uma sombra negra e indolente.

Alguns peixes nadavam no contrafluxo da correnteza e pulavam aos cardumes, num movimento acrobático, como uma dança. Ele pegou um arpão no fundo da canoa e tentou acertar um peixe e depois outro e mais outro. Nem o primeiro, nem o segundo, nem o décimo... Sentindo-se esnobado pelos peixes acrobatas, avistou um bem maior e acompanhou-o com um olhar glacial. Viu-o em câmera lenta, parecia um ser intergaláctico com escamas prateadas e um desconcertante olhar metálico. O peixe ficou à sua frente, paralisado, como se esperasse ser fisgado ou como a desafiar um suposto predador. Num efeito bullet time, ele conseguiu atingi-lo com o arpão até atravessá-lo e, ao senti-lo definitivamente arpeado, puxou-o ao mesmo tempo que o efeito de câmera lenta desfez-se e os demais peixes voltaram a seguir o fluxo, salpicando a canoa com as águas branqueadas de espuma.

Ali mesmo, o homem rasgou-o longitudinalmente da cabeça à cauda, estripou-o, jogou suas vísceras no rio, serviu-se dele. A carne crua do peixe tinha um estranho gosto que o fez nausear-se. Adiante, o rio fazia uma curva e ele não podia perder de vista o pescador, para isso precisava imprimir mais velocidade às remadas.

No que se abaixou para dar mais um trago na aguardente, foi salteado por um escurecimento de vista; ao adaptar-se à claridade, não viu mais o pescador,

ele havia sumido numa declividade. Deparou-se com jacarés camuflados à beira rio e uma família de caranguejos reinava absoluta num manguezal. Ao dobrar à esquerda após um exaustivo esforço com uma mão só, porque a outra havia sido ferida ao tratar as guelras do peixe, ficou extasiado com a surpreendente imagem das águas fluviais abrindo-se num imenso delta.

O homem do rio procurou por qual braço de água seguira o velho pescador, que tanto lembrara o pai em solitude, igualmente pescador. O pai que um dia saíra antes do sol nascer, para buscar o sustento da família naquele mesmo rio e nunca mais voltou. Seu corpo nunca foi encontrado. Agora, ele tinha a mesma sensação de perda: jamais voltaria a ver aquele que, por alguns momentos, materializou-se em seu imaginário, como sendo o próprio pai. Os espíritos riam-se dele, menos o índio que mantinha a solenidade de um cacique.

Sentiu sua canoa atraída pelo redemoinho das águas do delta, tentou resistir remando vigorosamente contra a correnteza, mas a torrente fluvial levou-o às profundezas abissais e, entre as paredes d'água, perdeu os sentidos.

Ao acordar, estava secando à superfície chã, no mesmo lugar onde encontrara a canoa, olhou para o nascente no exato momento em que o índio arrastava os pés num cerimonioso vagar e sumia à esquerda.

Ele nunca soube quem o salvou.

https://www.facebook.com/iris.cavalcante.75

Inventário

Ivo Franco
São Bernardo do Campo/SP

Toda minha constituição orgânica
Foi, de forma inesperada
Posta a serviço das terríveis indústrias
humanas
Sem sequer minha consulta
Não me perguntaram nada

Das minhas tênues tripas
Foram feitos invólucros para *"Bratwurst"*
Da minha pele e do meu pelo
Confeccionado um inútil vaso grego

Dois garotos cubanos amiúde
Brincavam com minhas órbitas oculares
De bola de gude
(Quanto a minha voz, essa no fundo no fundo
sempre foi silenciada)

Minha cabeça vazia e indolor
Foi, sem que eu soubesse
Exposta na sala de Kraven, o caçador

Já minhas pernas peludas, tortas
Foram postas de enfeite no Zaire
No batente de uma porta

Enfim, meu corpo cosmopolita
Sem graça, movimento nem vida
Deteriorar-se-á, sem que eu saiba
Se, quando não houver mais matéria,
somente energia
Terá sobrado algum vestígio de poesia

Lama (aos culpados)

J.Cordeirovich
São Paulo/SP

Somos caricatura, maquiagem de nós mesmos?
Buscamos a toda hora a paz em Saravejo
E assistimos entre os escombros a tragédia anunciada.

Construímos ruas, pontes, rodovias;
Construímos o que até então... Há. Havia.
Bombas, atos e palavras destruidoras,
Negadoras da vida à revelia

Negadoras do bom censo e o que de bom fosse,
Se não a moeda corrente, incoerentemente:
A mais valia.
Devemos
Chorar o leite derramado, a lágrima,
a larva da montanha assassina que fenecesse,
A lápide escura da trova minha
É quem pergunta:
- Quem é o culpado?
Quem é responsável por tudo isso?
Nos seus atos, insanos, de assumir
Responsabilidades tão delicadas

Mariana, Marielle, Brumadinho
Mar de Lama minha pele,
Grita, esbraveja por respostas no tempo
E não há assembleia armada
Que justifique, que se explique, que se redima publicamente
Sua mais dolorida e triste "culpa".

Lentes

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Através da lente se vê o brilho.
Nitidez.

Atrás da lente, a busca do encontro.
Esperança.

Parado no tempo
ou a seguir pela estrada
que leva até longe:
mas perto dos sonhos.

Liberdade

Verena Vida
Salvador/BA

Como um pássaro
Preso numa gaiola
Anseio por liberdade

Andar pelas ruas
Sem armas, facas, mordaças
Anseio por liberdade

Da janela de casa
Gradeada, trancada, amedrontada
Anseio por liberdade

Se expressar sem ameaça
Não ter a vida ceifada
Pelo uso da palavra
Anseio por liberdade

Liberdade: Uma Palavra Machucada

Fernando Henrique Alves Arruda
São José do Rio Preto/SP

Dentre milhares de traduções, de línguas faladas e eras vividas, essa colocação, é um dos fatos históricos mais tristes que já existiram. A liberdade é uma equação de pensamentos que se dissolvem em tragédias; é uma ideia velha, pois o Homem a perseguiu mesmo que subconscientemente em toda sua existência. Essa autonomia de ir e vir, de se ter direitos, deveria servir como um todo social, não somente para um capitão do mato, imperador ou elite intelectual. Em distopias da história do Homem, derramamento de sangue inocente foi regra para que se fosse conseguido um mínimo de liberdade. Tantas honras foram feridas e inúmeros corações parados para que essa luta continuasse. No momento em que lhes escrevo vivemos no século XXI, a liberdade não alcançou seu apogeu; direitos humanos são violados a todo momento, e o sentido do dever caminha para o túmulo.

Vivemos em um tribunal a céu aberto, sendo julgados por tudo e por todos. Ao que tudo indica, há indícios de ainda vivermos em um período democrático, ainda que esse regime esteja tão machucado quanto já esteve em outros

momentos da nossa história. Predomina entre os entes sentimentos bélicos, medievais, que ferem o estado de bem-estar social. Uma sociedade que dissemina ódio por negros, gays, índios, estrangeiros e pobres. A última moda no Brasil são as Fake News; por meio de redes sociais, pessoas criam mecanismos para prejudicar determinado sujeito. Vivendo uma vida dupla, esbofeteia o conceito de liberdade atrelado a moral.

Portanto, essa palavra que deveria simbolizar o ápice da felicidade, do livre-arbítrio e da ausência de restrições continua sendo muito ferida a cada alvorecer, a cada falsa notícia e a cada ação filantrópica do governo para a sociedade. A máscara da demagogia muitas vezes consegue embutir a repulsa ao negro, que é olhado de ‘’rabo de zóio’’; ao homossexual, que é vítima de chacota nas ruas; as mulheres, que com o andar da carruagem e as batalhas solitárias conseguiram mais e melhores direitos, tudo ainda longe do ideal igualitário. De uma forma ou de outra, todos somos enforcados pelos ferrenhos laços do preconceito; enchendo de sangue o balde da liberdade e caminhando para o incerto e nebuloso NADA!

https://www.facebook.com/fernando.alves.395

Maria

Franciellen Santos
Campos dos Goytacazes/RJ

Quando Maria nasceu, já foi logo designada:
Seria uma reles empregada
Porque era negra e nasceu para lavar, passar e cozinhar para os ricos.
Sua avó fora assim, sua mãe era assim... Ela seria assim também.

Desde pequena, Maria aprendeu os afazeres de casa: Lavar, passar, cozinhar, arrumar, limpar... Seria como a sua mãe foi
Uma empregada que mal sabia ler nem escrever. "Preto não aprende", dizia a mãe.

Maria não ia a escola, trabalhava com a sua mãe
Na casa dos ricos.
Via os filhos dos patrões com seus livros em mãos.
Não sabia o que era aquilo: "Mas, era bonito"

Um dia escondida, Maria achou a biblioteca.
Viu todos aqueles livros, mas não sabia ler.
Mesmo assim, dedilhava aquelas páginas
Via as figuras, as letras.

Queria aprender a ler, mas não tinha condições. Não era rica.
Por vezes ouvia as escondidas as aulas de um professor que dava aula aos ricos.
Aos poucos aprendeu a ler, escrever. Queria mais!

Já crescida, Maria procurou a escola. Aprendeu português, matemática, história, geografia... E um dia fez faculdade: Teatro e dança.
Ficou famosa. E pôde dar uma vida melhor para a mãe.
E quem diria... A pobre Maria passou a brilhar nos palcos e na televisão.

Maternidade do Pobre

Francisco Welligton Barbosa Jr
Braga/Portugal

entre as pedras das ruas,
sob os carros do tráfego,
sob os pés dos homens
que passam

brotam
rios de sangue
(invisivelmente)
ordenados

é a maternidade
do pobre

a transfiguração
de muitas Guernicas

Mediante Quaisquer Julgamentos

Irane Castro
São Luís/MA

Mediante quaisquer JULGAMENTOS, já nos colocamos de forma SUPERIOR "POR CONDIÇÃO".

Experimente MUDAR o seu olhar em relação ao outro:

Sem RÓTULOS, sem MEDOS, sem MÁGOAS, sem DORES, sem PRANTOS, sem DESIGUALDADES, e, sobretudo, adeque RESPEITO em TUDO e com TODOS.

Do mesmo modo, não se deixe isolar por ideias PRECONCEBIDAS em:

- Maldizer diferenças;
- Espalhar correntes;
- Atrapalhar caminhos;
- Acelerar discórdias;
- Aumentar o fel e
- Estipular barreiras...

Já que, a PELEJA do CHEGAR, VIVER e PARTIR, são equivalências para TODOS...

A proposta é, simplesmente, um DESPERTAR DE CONSCIÊNCIA do RESPEITO e da VALORIZAÇÃO do SER GENTE, SER HUMANO e SER EU, aqui, ali e acolá...

Permita-se ser agente, imediato, da construção de um mundo melhor que reine a PAZ e o AMOR!

Comece ajustando o seu mundo interior!

Amei❤🌷🌷🌷🌷🌷🌷."

Meros Jardins

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Vêm pela beirinha do caminho como quem não está perdido

Professe que segue certo, mas apague os passos para que ninguém te siga

Depois vire a esquina, onde há um mar, logo ao longo da curva, descendo o altiplano verás

Como olhos de cacheira a derramar nossos prantos

A moça morena de cabelos derramados de uma ponta a outra da praia

Que alguns dizem, prostituta, mas é uma mágica sereia perdida no desejo dos homens

Que alguns dizem rosa banal, num mero jardim

Mas o primeiro que tocar a verdade há de morrer pelas mãos dos outros

Rime o primeiro com o segundo e diga que há só um mundo para viver,

Mas os olhos de jabuticabas apodrecem sem serem colhidos,

A parte roxa da iris gerou um filho de miolo mole

O sabiá comeu primeiro, em segundo plano o bem ti vi bicou, e a mentira que se espalhou pelo mundo

Um sapo de olhos de ouro come as palavras soletradas, uma a uma,

O ventre cheio de vocábulos misturados arrotou poemas,

A santidade que deveria ser prospera no sagrado, se curvou à escuridão,

Ao nasceram depois as estrelas, mas os sapos as comeram, todas

Metáforas são máscaras

Hirlary Nakagaiche
Pedro Velho/RN

Os versos são desesperados
Estão desesperados para serem lidos com o coração, não com a língua
A prosa é insustentável
Está ansiosa para ser levada nos braços

Poetas não comem carne
Mastigam brasa
Tudo é mais quente
Mastigam gelo
Tudo é mais frio
E tudo é mais intenso. Denso

Poetas são amargos e simultaneamente açucarados
Escorre néctar pelos seus dedos
Ou sangue pelos seus punhos
O poeta está desnudo de alma
Mas veste-se com folhas brancas
Cobre as vergonhas com livros

Poeta não sou
Nem sou verso
Nem prosa
Mas tudo isso sou
Já vesti minhas metáforas

https://www.instagram.com/raioxdaalma/

Na reponta da maré

Paulo Cesar Franco(texto)
Adalberto Rodrigues(foto)
Iguape/SP

Meus amigos pescadores,
Uma estória vou contar,
Sobre a pesca da manjuba,
Na reponta da maré.

A vazante perde força,
O frenteiro se prepara,
A enchente se aproxima,
O rabeiro dá rabada.

Vira a rede bem ligeiro,
Os olhos na caloada,
Se aparecer o malhado,
O frenteiro joga o cabo.

Lança a rede na esperança,
De uma boa tabacada,
Joga rápido os chumbeiros,
Vira logo para à praia.

A canoa é largada,
Todos correm para o cabo,
Puxa, puxa pescador,
Não vacila na redada.

A enchente ganha força,
A rede fica pesada,
A tripulação amarra,
O cabo da caloada.

Dois se aproximam da bóia,
Outros dois ficam na chumbada,
Mais dois ajudam no pano,
E o restante lá por fora.

O lanço vai se fechando,
O povo fica na praia,
A manjuba não aparece,
O grito é de abanada.

Nada detém a fera

J L Silva
Florianópolis/SC

nada detém a fera
nem o grito estrondoso
nem o soco vigoroso
nem a tocaia da espera

nem o latejar da veia
nem o rosnar dos cães
nem a litania das mães
nem a nossa cara feia

nem a luta cotidiana
nem os muros que erguemos
nem toda a força que temos
nem o fio da durindana

nada detém a fera
nem mesmo o asco do povo
nem mesmo a Verdade e o Novo
nem mesmo o fogo e a Quimera

nada detém a fera
nada detém a trapaça
do golpe no sonho da massa
desfechado era após era

nada desata a mordaça
da estória e seu patrão
oprimindo os que não tem pão
com a verborragia e a farsa

nada detém a fera
e a sua malta vadia
apagando a luz do dia
enquanto a manada espera

nada,
nada como esta lei do cão
que anda de traição em traição
neste mambembe país
onde tudo está por um triz

Nas Estações Quero Estar Contigo

Alvorecer Santos

Governador Mangabeira/BA

Sinto a necessidade de me renovar
Ser como o ciclo das estações do ano
Passando por fases e vivendo mutações

Quando a primavera chegar,
Quero florir em mim o sentimento de amor
E como uma pétala de rosa que perfuma o ar,
Eu marcarei tua essência.

No verão, ainda me lembrarei de tudo
E nos dias quentes, não dispensarei um calor teu
E quando eu chorar, quero que tuas mãos enxuguem
Minhas lágrimas.

Ainda que o choro dure até o outono
Eu buscarei viver o ciclo da vida,
E passarei pelos momentos de tristeza e alegria
Pensando em ti.

E quando eu acordar em uma noite fria
Dar-me-ei conta que o inverno já chegou
E em teus braços viverei mais um dia.

Esse dia pode ser como outro qualquer
Ou um dia de uma tarde de verão,
A contemplar o sol e viver a vida.

Quando o sol se puser
O ciclo se fechará
E eu passarei todas as estações contigo.

Natureza

Lívia Stocco
Franca/SP

Está frio. Eu não gosto do frio, me dá tremedeiras pelo corpo todo, faz meu pescoço doer e meus ossos arderem gelados quando batem uns nos outros. Eu penso que vou morrer duro feito uma pedra. O céu está ficando escuro, logo vai chover, e eu vou ficar molhado e mais gelado. Por isso fico aqui, ao lado da porta da padaria, o máximo de tempo que me for permitido, porque, pela porta telada, de vez em quando vem uma lufada de calor agradável que aquece minhas orelhas. E, quando o vento bate forte, a porta se abre com vontade e, se ninguém estiver olhando, sou capaz de entrar sorrateiro, pegar um pão quentinho, e desaparecer como se nunca tivesse entrado ali. Mas isso nunca dura muito: logo o dono da padaria vai aparecer e me botar pra fora, e serei obrigado a procurar outro abrigo. Talvez hoje eu consiga uma caixa de papelão e um punhado de jornais.

Hoje estou nostálgico. Talvez seja minha hora chegando… Fico aqui olhando para o céu escuro, sentindo o calorzinho dos fornos no meu pescoço, e me lembrando do dia em que te conheci. Eu sei que você não se lembra porque era muito pequena, uma coisinha minúscula, pra falar a verdade. Mas eu me lembro.

Ah, como eu amei os seus olhinhos! Clarinhos, como os de uma princesa! Era o bebê mais lindo que eu já tinha visto, e eu já tinha visto alguns na vida. Eu te amei imediatamente, e como poderia não amar? Você era a luz da família, e eu, que já era parte, era o antigo, que tinha que abrir caminho para o novo.

Eu me lembro, criança, de cada momento seu. Lembro das suas fraldas sujas impregnando a casa, e do seu choro, que me levava à loucura. Desculpe, mas é verdade, não é fácil aturar os decibéis do pranto de um bebê. Sua mãe também ia à loucura… Mas, com o tempo, o choro foi ficando mais espaçado, e o que sobrou foram as birras, que seu pai, com mão de ferro, sempre soube calar. É, eu também conheci aquelas mãos de ferro…

Será que você se lembra de algo de sua infância? Eu me lembro de tanto! Dos primeiros passinhos, dos joelhos esfolados, de como eu brincava com você. Sabe, minha vida era dentro de casa, e minha alegria era fazer você sorrir, porque quando eu conseguia isso, o dia se iluminava, e tudo parecia bom e certo. A vida parecia ter sentido.

Você cresceu, minha menina, cresceu e se tornou uma criança alegre e agitada. Era divertido assistir as suas tentativas de andar de bicicleta sem

rodinhas, mas eu me assustei naquela vez em que você caiu e abriu aquele rasgo enorme no seu joelho. Fiquei ao seu lado o tempo todo enquanto sua mãe fazia um curativo em seu joelho. Ah, se eu pudesse transmitir a você a certeza que eu tinha de que as feridas cicatrizam e que logo a dor passa! Eu não queria te ver chorar, doía em mim.

Mas você era forte naquela época. Ainda é hoje, eu bem sei, mas, naquela época, eu tinha tanto orgulho dessa força! Seus amiguinhos de escola iam brincar em casa, e você era sempre a líder. Saíamos juntos você e eu, e era você quem sempre conduzia nossas excursões. Você era até capaz de fazer seu pai lhe conceder aquilo que você queria sem ter que fazer birras. É, você pensa que não, mas eu sempre consegui perceber o modo com que você manipulava as atenções e as simpatias de todos ao seu redor. Eu sempre pensei que você seria uma grande chefe. Uma daquelas mulheres que usam salto alto o tempo todo, e têm seu próprio carro novo, e compram comida pronta. E, em minha doce ilusão, eu sempre imaginei que estaria ao seu lado por toda sua vida.

Afinal, nós somos família…

Hoje é um dia bom. Vai chover, está frio, mas o padeiro está de bom humor e resolveu me dar um pedaço de pão recheado com calabresa ralada, meu favorito. Sobrou de hoje de manhã, e ninguém mais vai comprar, mas nem sempre ele me dá essas sobras, porque, às vezes, ele as leva para os cães que tem em casa. Hoje ele as deu para mim. É bom estar de estômago cheio… Mas nada se compara com os jantares caseiros.

Você sempre contava histórias do seu dia para mim antes do jantar. Essa era sua natureza, a de cuidar dos outros. Sua mãe, aquela delicada criatura, me servia todas as noites, já que eu sempre tive minhas limitações, não é mesmo? E eu comia a refeição quentinha e dormia agradecido por fazer parte de uma família tão maravilhosa. Às vezes, você ainda surgia em meu quarto só para se certificar de que eu estava devidamente coberto e aquecido.

Seus cuidados fazem falta… Assim como sua mãe…

Quando ela faleceu, eu estive ao seu lado, e você se agarrou a mim e choramos juntos uma tarde inteira, até você conseguir dormir. Eu sofri com você. Você provavelmente nem sabe, mas, em silêncio, estive também ao lado do seu pai, e afagava a mão dele nas tardes solitárias, enquanto você estava na escola e ele procurava alívio no fundo dos copos de uísque. Tenho tanta tristeza por não ter conseguido retomar a atenção dele para você!

Não foi uma adolescência fácil, essa que você teve. Você teve que tomar a frente da casa sozinha, e cuidar do seu pai, que tinha se tornado tão alheio a tudo, além de mim… Foi muito bom que sua tia tivesse aparecido para ajuda-la, mesmo ela não gostando de mim. Mesmo ela tendo colocado ideias em sua cabeça, que levaram a nossa separação.

Eu sei que não foi culpa sua. Acontece que a vida arrasta a todos, e eu já tinha certa idade quando nos conhecemos. O tempo chega para todos, e chegou para mim. Logo, em meio ao caos em que estava sua vida, você passou a ter que lidar com um idoso que não segurava a urina, e que não enxergava grandes coisas, por isso vivia batendo nos objetos dentro de casa e quebrando coisas de vidro.

Minha presença passou a envergonhá-la na frente dos seus amigos. Nunca mais você leu para mim, e raramente se lembrava na hora certa do meu jantar. Não ia mais ao meu quarto verificar se eu estava bem coberto. Passei a ser um fardo, e peço desculpas por isso… Eu bem queria conseguir agir diferente e ter a mesma vitalidade de alguns anos antes, mas é tão difícil! Meus ossos simplesmente não me obedecem mais… É como se a chama, que queimava feito uma fogueira dentro de mim, tivesse diminuído, até se tornar a ponteira acesa de uma vela que é hoje. Não mais que isso.

Confesso que a mágoa é enorme, e eu não posso evitar, mas sei que é culpa minha, por não ter conseguido ser aquilo que você precisava que eu fosse, forte e viril, mas eu pensei que nossa história, e que os laços de família que tínhamos, seriam o bastante para nos manter unidos para sempre. Eu só não sabia que era possível descartar alguém da família. É que, pra mim, seria como arrancar um membro.

Mas, mesmo assim, você me deixou. Num momento em que eu estava tão frágil… Bom, sendo justo, não me deixou, apenas gritou comigo e me expulsou de casa. Bateu com o portão na minha cara e mandou que eu procurasse meu rumo, me disse pra nunca mais voltar. Não se preocupou em me entregar um cobertor, nem teve receio de que eu não conseguisse encontrar comida, já que eu não tinha nenhum dinheiro. Simplesmente fechou seu coração naquele dia, e não quis mais saber de mim.

Eu passei dias rondando a casa, tentando voltar, mas você trancou todos os meios que eu tinha de conseguir entrar de volta. E eu me resignei, e fugi o mais rápido que pude aos prantos. Eu só queria morrer.

É que a dor de viver sem você é tão grande, que só perde para a dor de saber que eu lhe causei tanto desgosto. Ah, se eu pudesse evitar que o envelhecimento me atingisse!

O vento ficou mais forte. Vai começar a chover daqui a pouco, e eu preciso procurar um abrigo melhor que a porta traseira da padaria. Mas não vou muito longe, porque a padaria fica só a três quarteirões de sua casa… nossa antiga casa… e você precisa passar por aqui sempre que compra pães. Sei que você está evitando comprar pães agora só pra não ter que cruzar com meu olhar pedinte escondido no beco atrás da padaria, olhando para você, porque, quando isso acontece, e já aconteceu uma vez, você precisa se controlar e fingir que não

me conhece. Porque, se as pessoas soubessem que eu e você somos ligados assim, elas te julgariam mal, e não entenderiam você.

Mas eu fico por aqui, porque, uma hora ou outra, você vai ter que aparecer e comprar pães, e uma hora ou outra, vai me perdoar por ser tão difícil de lidar, e vai se lembrar dos momentos felizes que tivemos juntos, e vai me levar para casa, pra passar os últimos dias que me restam, já que minha idade já é tão avançada…

Ou então, você vai encontrar só os restos de mim. Uma carcaça vazia deixada para trás, porque meu espírito vai ter sido levado por uma dessas tardes chuvosas e frientas.

Mesmo assim, eu fico aqui, e espero por você, e por enquanto me arrumo com o companheiro que encontrei numa esquina dessas, outro enjeitado, como eu. E alimento a esperança de que, um dia, você estenda de novo a mão pra mim, e quem sabe acolha meu novo amigo também.

Porque não se pode ir contra quem você é, e amar você é minha natureza.

www.facebook.com/textosfantasticos

No Caminho da Serpente

Micheli Biek
Vera Cruz/RS

Era um dia de sol escaldante do mês de dezembro, daqueles dias em que o calor imprime sua vibração sobre a paisagem, transfigurando a visão. A família de agricultores preparava-se para iniciar mais um dia na colheita do tabaco. O pai amarrava a junta de bois sob uma esparsa sombra oriunda de uma árvore semimorta. A mãe ajudava os filhos a descerem da carroça. O diarista, que auxiliava a família vez ou outra, já estava colhendo as primeiras braçadas de tabaco, deixando apenas os talos nus.

As duas crianças foram deixadas sob a sombra da carroça, que se projetava numa das laterais, alcançando a estrada de chão batido. A estrada estava coberta com uma grossa camada de pó, sobre o qual ambos brincavam desenhando figuras. Era a única diversão de que dispunham, já que não podiam brincar no meio da lavoura, pois o calor escaldante e o inço que forrava o chão poderiam esconder cobras e outros animais peçonhentos.

Essa ameaça era mais que suficiente para a menina permanecer alegremente na beira da estrada, longe do mato. Cobras a assombravam. Desde o dia em que vira sua tia correndo de casa com o bebê no colo, fugindo de uma serpente que encontrara no quarto da criança, seu medo tornou-se pavor. A imagem fantasiosa que criara da serpente engolindo o bebezinho não saía de sua mente, por isso evitava a todo custo encontros com as tais feras rastejantes.

Á meia-tarde a mãe retornou da lavoura e entregou-lhe a chave da casa para que fosse buscar água. O garrafão que tinham trazido acabara e havia outro em casa, na geladeira. A menina sentiu seu coração disparar. Perguntou se o irmão poderia realizar a tarefa. Não podia. Ela era a mais velha e, além disso, ele não conseguiria carregar o garrafão. Pediu então que ele ao menos a acompanhasse, mas o menino negou-se.

Aterrorizada pediu encarecidamente que a mãe fosse junto "*só até ali*". Mas a mulher também se negou. A menina, então, suplicou com lágrimas nos olhos. A mãe, já sem paciência, precisando retornar à lavoura, sentenciou "*ou busca a água ou apanha*". O pavor começava a dominar o coração daquela miúda, que se via deixada á própria sorte.

O que tanto a atemorizava era um pequeno trecho de cerca de quinhentos metros de estrada de chão cercado de água pelos dois lados. De um dos lados havia o pequeno açude

do pai, do outro, o imenso lago da avó. A grossa camada de pó que cobria todo o trajeto denunciava os perigos que a menina tanto temia, os terríveis rastros deixados pelas cobras. Alguns eram estreitos e compridos, atravessando quase em linha reta a estradinha de pouco mais de um metro de largura. Outros eram fininhos, indicando filhotes, que ziguezagueavam sobre o pó até desaparecerem na outra margem. E havia também os grossos rastros de serpentes adultas, que faziam voltas sobre o pó da estrada.

A menina, parada em frente à estradinha como quem está em transe, recordava-se dos inúmeros pesadelos que tivera com as feras rastejantes. Imaginava-se atravessando rapidamente o caminho quando uma serpente saltasse da gramínea lateral, bloqueando sua passagem. Tentaria recuar, mas outra já estaria esperando atrás dela. Cercada ali, no meio do pó, encontrariam mais tarde os rastros de sua derrota.

Pensava nessas coisas quando ouviu a mãe gritar "*vai logo, se tu não busca a água, tu vai apanhar*". Sabia que a promessa era séria, precisava continuar. Lembrou-se que a avó estava em casa. A velha senhora era muito compreensiva e certamente a acompanharia quando retornasse, de forma que não precisaria atravessar sozinha aquele trajeto outra vez. Esse pensamento trouxe consolo ao seu coração. Bastava então que atravessasse o caminho dessa vez.

Sendo assim, começou os preparativos. Guardou a chave da casa no bolso de sua bermudinha surrada. Observou mais uma vez o caminho repleto de sinais ameaçadores. Perscrutou a gramínea das beiradas para ver se não havia sinal de alguma serpente a espreita. Tudo parecia limpo. Deu um passo para trás, preparando-se para disparar, quando percebeu algo se movendo no outro lado. O que quer que fosse fazia a gramínea tremelicar. O medo já começava a tomar conta da menina quando a criatura se revelou, atravessando rapidamente a estradinha. Era um preá, completamente inofensivo.

Para recuperar-se do susto respirou fundo algumas vezes. Já fazia algum tempo que estava ali, se não atravessasse logo o trajeto, receberia a prometida surra. Deu mais alguns passos para trás, fez uma prece pedindo que não se deparasse com nenhuma serpente durante a travessia e então, com os olhos semicerrados, disparou a correr.

Segundos mais tarde estava parada do outro lado. Seu coração batia tão forte que parecia querer arrebentar o peito. Tinha conseguido. Era certo que batera algum recorde de corrida vigente na época. Verificou rapidamente se alguma serpente a tinha seguido. Nada. Aos tão temidos rastros na poeira da estrada acrescentavam-se apenas as suas compridas e desesperadas passadas.

Sentia agora o alívio dos que suportam grande provação, o refrigério dos que sobrevivem a perigos de morte. Tinha atravessado o caminho. Estava a salvo. Já ia virar-se para continuar quando percebeu algo reluzindo no pó, no início do trajeto, exatamente de onde disparara. Colocou a mão no bolso. Um mal estar começou a tomar conta de seu corpo. Sentiu um amargor na boca. O bolso da bermuda estava furado e o que reluzia no pó da estrada era a chave da casa.

http://www.michelibiek.com.br/p/home.html

Nobre Professor

Leonardo Cardeal da Costa
Osasco/SP

Um jovem sulista estava no Nordeste e foi conhecer uma escola pública.

O jovem interessado em escolas, queria compreender a realidade de uma unidade escolar distante.

Era final da tarde, já não havia mais alunos. Apenas três pessoas presentes.

- Boa tarde! Tudo bem? Sou de fora. Gostaria de saber como é a escola aqui.

- O que você gostaria de saber?

- Ah, conhecer um pouco a estrutura da escola, como ela funciona...

- Você é de onde?

- Sou um curioso. Na verdade, sou professor e gostaria de saber como é escola para confrontar as realidades.

- Tudo bem! Vamos lá ver!

Nesse instante, o rapaz negro de chinelos que trabalha na escola e conversava com o jovem sulista, começa a andar e a mostrar a escola.

- Humm..e você quem é? O inspetor?

- Não, sou o diretor!

O jovem do sul ficou surpreendido.

A conversa continuou.

- Então, como é a questão de recursos aqui na escola?

- Sabe essas lâmpadas aqui, eu comprei e coloquei agora. Ainda tá faltando duas ali.

- E aqui tem sala de vídeo? Recursos audio visuais em geral?

- A gente tinha datashow e impressora, mas tá tudo queimado

- Não dá para usar?

- Eu tenho o meu datashow e empresto para os professores. A impressora eu trago de casa também para ajudar os professores, caso contrário, as coisas não acontecem.

- Puxa, difícil né?

- Sim. A gente pede recursos, mas não temos garantias. Eu vou atrás, mas a burocracia é dura, o dinheiro não vem. Mas a gente tem que lutar. Ter uma esperança! A garotada depende muito da gente!

O Diretor fazia uma reflexão e em um semblante emocionado olhava para o matagal do pátio que logo mais iria roçar.

Nossa Dança

Maria Elza Fernandes Melo Reis
Capanema/PA

Era uma madrugada
Quente e ardente
Sem pressa e a meia luz
Te abracei com meus olhos
Te envolvi pleno em meus braços
Ao som de um violino
Com morangos e vinhos
Dancei pra você
Meiga, lenta e faminta
De amor, carinho e aromas
Teus toques, delírios e encantos
Eram caminhos extasiados
Deixaram rastros em mim
Como perfume de rosas vermelhas
Sussurrei aos teus ouvidos
Narrando a voz do meu prazer
Lancei meus olhares
Nessa frenética espera
E suave entrega
De uma noite que começou
Com uma dança suave
Lua e estrelas
E acabou ao som no nosso amor
Uma orquestra louca
De beijos, suores e desejos.

Nunca mais chegam

Leandro Emanuel Pereira
Portugal

Onde estão?
Há quanto tempo aguardamos
Por uma mágica solução?
Que efeméride salvaguardamos?

A humanidade sonha;
Com a vossa existência;
Para esta angústia medonha;
Se transformar em clemencia...

Tomem conta de nós;
Marcianos do cosmos;
Porque sem vós;
Estamos enfadonhos...

Num emaranhado;
De confusos destinos;
Vamos de atrelado;
E ainda nos rimos...

O (L)ego

Erick Bernardes

São Gonçalo/RJ

Vamos brincar de deus! Convoco você meu amigo a esta empreitada.

Vamos brincar de Zeus! Poderosa divindade da matriz ocidental.

Nesta brincadeira façamos um trato, ou melhor, um pacto, entre mim e você; narrador e leitor.

Sou o personagem Ego e não vivo longe do centro. Detesto periferias, gosto mesmo de cada coisa em seu lugar, tudo certinho, separadinho, só penso em mim mesmo. Sou um pequeno construtor em processo lúdico seguindo a tradição. A proposta é a seguinte: você imagina milhares de blocos em minhas mãos, quadradinhos, a criarem um mundo de faz de contas, como se fossem pequenos dados lançados ao léu por um jogador de roletas qualquer.

O jogador canta o lance de dados, a ordem. O Ego, que sou Eu, regula a jogada, as posições das peças para você empilhar. Aí te vejo embaralhar tudo leitor, trapacear para ganhar o inesperado presente. E ganha, não o presente intacto, mas a ideia, a experiência de ser e estar ali. Nunca ouviu o senso comum repetir que o importante é participar? Pois é, adoro o que todo mundo diz.

Com as ideias dos outros brinquei de deus pela primeira vez. Fiz uma cidade, dei registro, me transformaram em Deus. Se acredita que no princípio era

o verbo, te enganaram, era o nome. Postei na entrada a alcunha legal, nomeei a cidade de Zeus e, em seguida, desconstruí. Tentei fazer de novo, repetir o feito. Saiu diferente. Diferente não, semelhante. Semelhante não, verossimilhante. Nomearam ficção.

Agora você entrou na jogada; Sua vez.

Rodam a roleta de novo ...

Em cada rodada o ciclo se repete, mas não exatamente como antes, pois a previsibilidade provoca em ti novas atuações. Enquanto a roleta movimenta você monta e desmonta seu novo mundo, mas não percebe que tudo muda. Até que eu, personagem e narrador desta história, lhe chamo à interlocução — Você não é personagem nem narrador, eu é que sou, não venha interferir nisto que só a minha estética deve refletir!

Perceba então que os mínimos bloquinhos à sua disposição, aquelas pecinhas de encaixar umas nas outras, não pertencem ao quebra-cabeça que lhe dei. São só palavras. Matéria prima do meu discurso, na mesa de brincadeira que será, daqui por diante, conhecida por outro alguém. Ouço agora a minha voz misturada à sua, para mais tarde revelar, a quem chegar até aqui, uma única verdade aceitável, aquela que acabei de encenar. Fostes tu decodificador, interlocutor. Um deus também, para mim, para você mesmo, e quem mais nesta armadilha quiser entrar. Mas sou autor, seu autor, tenho a autoridade de mandar-te sair daqui, vá embora, e chame por favor quem estiver aí fora. Você não enlouqueceu, só busca entreter-se. Quem chegou até aqui pode mergulhar.

Bem-vindo à transgressão de limites entre o real e o inventado! Sou o seu imaginário.

https://escritorerick.weebly.com

O Canto de Resistência da Periferia

Tauã Lima Verdan Rangel

Mimoso do Sul/ES

Estamos em plena periferia
Uma mistura de concreto cinzento e chão batido
O ambiente é estéril e se espraia diante de meus olhos
Um ar de perigo inunda o espaço

Um formigueiro cambaleante de transeuntes
Caminham para lá e para cá
É um enxame que se forma por entre os becos
As casas, sem reboco, são colmeias humanas

O medo das mães preenche o vento que sopra
O filho sai, a mãe não sabe se retorna
A filha sai, a mãe teme pelos riscos da violência
Violência... a palavra de ordem de um ambiente tão infecundo

Não há Estado
Não há segurança
Não há proteção
Há omissão

O Estado omisso cede espaço para o poder paralelo
O som das balas dardeja no espaço
Um tiro, uma "bala achada"
Outro tiro, uma vítima ao chão

O tráfico é constante
O risco é um companheiro do favelado
O medo da rotina
A rotina do medo

Fios ornamentam os postes
Os buracos enfeitam as paredes

O sangue decora o chão
Violência na periferia é rotina "meu irmão"

Não há Estado
Não há segurança
Não há proteção
Há omissão

Ouve o canto do terreiro
Ouve o canto da igreja
Ouve o grito da vítima
Clamando em desespero

Na viela escura
No beco esguio
A figura na penumbra
Cai atingida por mais um tiro

Olha o tráfico
Olha a milícia
Olha o passo do trabalhador
Caindo, ao chão, outra vítima

Não há Estado
Não há segurança
Não há proteção
Há omissão

Há silêncio nos becos
Há medo nos moradores
Há um poder além do poder
Há resistência na periferia

O Despertar

Jeracina Gonçalves
Barcelos, Braga, Portugal

A árvore abriu os olhos de mansinho. Estremunhada, espreguiçou-se, bocejou e olhou em seu redor: o Sol brilha radioso no céu azul salpicado aqui e além de pequenos farrapos de nuvens brancas, a luz aumentou na intensidade e no tempo e o ar, doce e tépido, perdeu a aridez agressiva dos dias passados, dos minúsculos e tristes dias de Inverno; no chão, a seus pés, chilreiam passarinhos e catam os bichinhos da terra, e uma brisa suave e gostosa afaga-lhe o corpo dormente do longo sono de Inverno.

A árvore Estremece. Sente que a seiva começa a circular-lhe nos vasos com mais força, e transmite-lhe uma vontade indomável, persistente, de viver, de se enfeitar, de cobrir-se com o seu belo manto verdejante, para poder participar com as outras árvores suas irmãs e com todos os seres vivos da Terra, na maravilhosa festa do renovar da Natureza. Quer pôr-se bonita. Vigorosa. Forte.

Pequenas erupções vão surgindo, aqui e além, nos seus ramos adormecidos durante os escuros e tristes dias de Inverno, e assusta-se. Sente um prurido que a incomoda e a pele começa a encher-se-lhe de pequenas borbulhas...

"Que está a acontecer-me? Que prurido é este que me acossa e aborrece? E logo agora, que me sentia mais forte e com vontade de viver e ser feliz..." – murmura baixinho, preocupada com os sintomas que perpassam pelo seu corpo ainda mal acordado do longo sono de Inverno.

Porém, pouco depois, as pequenas borbulhas dão lugar a folhinhas tenras e verdes ou a coloridas e perfumadas flores. E a árvore cobre-se com um lindo manto colorido e perfumado, que a enche de orgulhosa vaidade, e fascina quantos dela se aproximam.

A árvore está feliz. Quer viver. Amar e ser amada. Reproduzir-se.

E, cheia de força e de uma encantadora vitalidade, dança um sensual e romântico bailado ao ritmo da brisa que a abraça, e mostra-se, com orgulho, sedutora, enamorada e feliz, a quem queira admirá-la. E toda a natureza a aprecia. Toda a natureza se deixa arrebatar pelo seu encanto e se apressa a usufruir da sua natural generosidade: as abelhinhas correm para ela e beijam com paixão os estames das suas flores; os passarinhos brincam às escondidas entre os seus ramos verdes e tenros e procuram abrigo dos seus braços, para neles construírem as suas casinhas e constituírem família e, aí, protegidos pelo acolhedor e verdejante manto amigo, criarão os seus filhinhos com dedicação, atarefados em dar-lhes calor e alimento.

Todos os bichinhos procuram o calor do seu seio. E ela, amiga, como mãe carinhosa e protetora, a todos acolhe, a todos protege, a todos sacia.

A árvore despertou do seu longo sono e recomeça um novo ciclo em sua vida.

O Dia Em Que Acordei Morto

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Riam! Podem rir à vontade! Pois eu também ri muito na manhã daquele dia. Quero dizer pensei em rir, mas não pude, pois não conseguia nem me mexer. Achava-me atado. Sentia-me como se estivesse embalsamado. Envolto em flores, cravos, incenso e velas. Este cenário eu vi, quando após muito esforço abri uma frestinha de uma das pálpebras para encarar a cruel realidade. Paralisei por completo. Sem antes não me apavorar com a situação. Inacreditável! Vivo e acordado, porém morto. Você deve estar se perguntando: como veio isso acontecer, acordar morto!?... Mas foi isso o que aconteceu. Acordei mortinho da silva.

Por muito tempo relutei em contar este sucedido. Pois como é sabido defunto não tem memória e muito menos escreve. Com exceção de alguns espectros miraculosos a serviço de charlatães. — que não é o meu caso. — No entanto, estou eu aqui narrando esta atípica história que, por mais inverossímil que pareça, acredite! É verdadeira. Pois, como bem disse Machado de Assis, eu também esclareço: a franqueza é a primeira virtude de um defunto. E os fatos estão descritos conforme o acontecido e sentido no dia em que acordei morto.

E como bem dedicou o mestre em suas memórias póstumas, eu também dedico este relato àquele que primeiro empunhar a alça do meu caixão; o que provavelmente já deverá estar com a fértil imaginação a deslumbrar os vermes a passear sobre e por entre meu cadáver. Contudo, deixarei uma luz às evidências; avisando que usei do mesmo recurso do qual recorreu o Machado, para expor no

papel suas memórias. Entretanto, como ele, também me recuso a dar maiores esclarecimentos. Quem quiser saber minudências a respeito de tão refinada técnica: escrever após a morte, que o faça como fiz eu e o Assis. Morra e decifre o enigma. Mas isso fica por conta de vocês. Não serei eu a dar luz a tão primoroso e excepcional recurso.

Mas, enfim, como diz o dito: "Não há mal que sempre dure nem bem que nunca se acabe", agora o que importa mesmo é que eu não tenho mais credores. Que maravilha! Que beleza!... Não devo mais pensão alimentícia... E o melhor: adeus dívidas com cartão de créditos! *Tchau* amantes exploradoras dos bens alheios! Pois, como bem diz aquela velha piada: "Mulher é como furacão: quando chega é molhada, selvagem e devastadora. E quando se vão levam tudo o que é seu: casa, carro, livros, discos, cuecas!" Mas agora, de corpo novo, espírito leve, sem o cansaço das homéricas ressacas, poderia começar tudo de novo. Finalmente, zerado! — comemorava eu.

Entretanto uma coisa ainda me incomodava. Eram os resquícios do velório. O forte cheiro de flores e cravos murchos, restos de incenso queimado, tocos de velas nos castiçais ainda acesos. O ataúde apertado me estorvava o corpo. Estaria eu inchado? Resolvi me levantar, sair do ataúde. Antes, porém, alarguei um pouco mais a fresta das pálpebras e olhei dissimuladamente em volta, e o sobressalto: dei com a fatídica figura da morte e sua afiada foice, aos meus pés, na ponta do caixão com um sorrisinho safado. Não tive a divina coragem de me mexer, muito menos de me levantar. Procurei me tranquilizar. De repente um tremorzinho:

O véu que cobria o meu rosto fazia uma cócega irritante nas ventas. Arrisquei fazer um biquinho, forçando um soprinho para afastar uma mosca que acabara de pousar em cima do lábio superior. A sensação de inércia no corpo era assustadora. Muito embora eu não estivesse com medo! Pois, como diz o provérbio: "Quem não morre não vê Deus!" Logo eu que enfrentei a ditadura nos anos de chumbo de poesia na cabeça e papeiro na mão, não seria uma desconfiançazinha de que estava morto que iria me borrar as calças. Até já imaginava o epitáfio na lápide do meu túmulo: "Minha vida não passou de um reles plágio de outras tantas e iguais vidas anódinas que pululam esse mar de mediocridades chamado de humanos".

Naquele instante o que me contentava era a perspectiva de uma vida nova que despontava. Mas também me apavorava a ideia de ter morrido realmente. Logo agora que as coisas estavam dando certo pra mim. Depois de três anos, acabara de escrever meu novo livro de contos. Finalmente foi publicado. Deleitava-me com minha namorada nova. Havia aprendido a beber cerveja, pois a ressaca era menor que a do velho *whisky* e da *vodka* de segunda categoria, as coisas iam de vento em popa, tudo caminhando bem, supimpa!

Mas no momento, o que irritava mesmo era aquela posição incômoda de paralisia. Sentia a bunda achatada, dormente, os dedos duros e frios como os de estátuas de cemitério. — perdão pela redundante gracinha — E aquela mosca cada vez mais azucrinando, pois descobriu que não despertava reação em mim, então usou e abusou de seus voos e zumbidos, ziguezagueando dos olhos para o nariz, do nariz para as orelhas. Ameaçou olhar até dentro do ouvido, e circundou com aquele som horroroso zuim, zuim... Filha de uma... Quando comecei achar meio estranho: onde estavam as pessoas? Já havia acabado o velório? Há quanto tempo eu estava morto? A que horas iria ser o enterro? E se eu começasse a feder a ponto de eu mesmo não me aguentar?, não suportar o odor da minha própria podridão? Não, não pode ser, esse tipo de controle sobre a vida de ontem e a morte de hoje... Como escritor, sim, poderia manipular a personagem. Porém, tratava-se de minha própria vida, ou como queiram, de minha morte. — já dizia Heráclito de Éfeso, há quinhentos anos antes de Cristo. — "A verdadeira constituição das coisas gosta de ocultar-se", quem sou eu então para duvidar da experiência de morto/vivo que experimentava naquela oportunidade que a existência me proporcionava! Mamãe disse certa vez quando pilava café: "Bom dia pilão!" e o pilão respondeu: "Bom dia dona Maria!" A partir daí, claro, eu acredito em tudo.

Dei mais uma espiada com a frincha dos olhos, a coisa já não estava mais me espreitando. Então sem delonga, sem mais especulações sobre as circunstâncias, e com o espírito leve, quase flutuando, saí do ataúde e caminhei claudicante, escorando-me pelos móveis, assustado e curioso. Quando ouvi um sonoro: "Aonde vais tu oh garboso infante?" Era a cretina dona morte com seu sorrisinho cínico. E num estardalhaço de rá, rá, rá, sumiu num tufo de fumaça. Ah, ah, ah, digo eu sua idiota! — disse eu sem nem um tico de medo. — E não lhe dei mais trela. Então resolvi tirar uma com a cara dela, brincando de fantasminha. Atravessei a parede do quarto; subi para o teto do corredor e andei de ponta cabeça até chegar à sala. Quando meu olfato foi aguçado.

Era o aroma inebriante do charuto de papai. Era mais que reconhecível aquele cheiro/sabor de Havana. Papai datilografava em sua velha *Remington.* Num ímpeto de emocionante alegria eu gritei: "Pai!... Papai!" O vulto não respondeu. Aproximei-me e vejo que escreve alguma coisa. Pois como eu, papai também fora escritor. Melhor dizendo, como papai, eu também sou escritor. Com a diferença que papai era cronista dos bons. Não eu, um reles narrador de historietas inverossímeis. Um beletrista escrevinhador. Adiantei-me um pouco e li no alto da página o título da crônica que escrevia: "O DIA EM QUE MEU FILHO ACORDOU MORTO". Tentei apoiar minha mão em seu ombro para indagar o que se sucedia; debalde. Só encontrei o vazio da incorpórea matéria. Era apenas um espectro no espaço vazio.

Perscrutei a ampla sala com minuciosa atenção. Clara, muito clara a luz que invadia pela janela aberta. Luminosa luz branca. Olho lá fora, mas nada vejo. É tudo tão branco. Estou cego?... O que vejo, porém, não é a negritude da cegueira; é um branco leite... Não! Isso é pura influência do Saramago, no tratado sobre a cegueira, que acabara de ler recentemente.

Apavorado volto o olhar para dentro da casa. Agora vejo o corredor, que bom!... A morte é familiar; a casa de infância, meu pai, minha mãe, o delicioso cheiro do café, os passarinhos cantando no quintal; o Romeu, nosso velho e estimado gato lambendo os beiços do leite bebido; Xuxa, nossa cadela querida, roendo seu osso na entrada do canil; o longo corredor. Lá no fundo uma luz. Imagino que seja a velha cozinha. Sinto o gosto no cheiro do café da mamãe. Vou lá, vou assustar a mamãe. Vou dizer: "Mamãe voltei!... Veja, olhe!... Sou eu, seu filho!..."

Emocionado e feliz da vida, segui pelo corredor rumo ao delicioso sabor cheiroso do café passando pelo coador. A decepção foi instantânea. No fim do corredor não havia cozinha, não havia café nem mamãe. Era só um vazio. Quimeras. Atordoado, na volta da cozinha tropecei em algo. Eram livros espalhados pelo chão, caídos ao pé da estante. Agachei-me e peguei o primeiro que me veio à mão. Rá... Rá... Era exatamente meu último livro de contos. Abri e li a dedicatória: "Este é para ti Laura Maria de quem espera a leveza do teu ser..." Era o exemplar que ia dar a minha nova namorada... Que alegria senti... Arrumei os outros na prateleira.

Foi então que as coisas voltaram ao normal. Os móveis na ordem, em seus lugares como dantes. Teria sido um pesadelo? Meu pai já não escrevia à máquina. A sala mergulhada numa tênue penumbra, a janela fechara-se. Abri-a, olhei a rua e senti o burburinho. A realidade, a vida de volta. Lógico, nada daquilo tinha o menor sentido, só poderia ter sido um sonho! Afrânio Barbalho, morrer aos trinta e nove anos! Não, isto não tinha cabimento mesmo. Isso era totalmente fora de propósito. Tanta vida para viver, tantas ilusões, tantas visagens a serem decifradas. Seria melhor assim. Continuar vivo mesmo devendo o cartão de crédito, a pensão, enfrentar as críticas sobre o livro.

Fui ao banheiro. Lavei o rosto. Escovei os dentes. Voltei ao quarto para trocar de roupa. Precisava sair, pois ainda continuava assustado, era preciso dar uma desanuviada no espírito. Tudo fora um pesadelo, e me deixara extenuado. Ao entrar no quarto, o inopinado; deparei-me com o mesmo caixão onde estivera deitado antes, quando pensava estar morto. O soalho, alastrado de flores pisoteadas, estrias de cera escorria dos castiçais. Com cautela me aproximei do esquife, e estupefato constatei que era nada mais, nada menos, do que eu mesmo.

Sim! Era eu, o próprio, que continuava morto. Mortinho dentro do ataúde. Espichado. Toquei o dedo em uma das mãos. Dura como pão esquecido na farinha. Tantas flores; jasmim, cravos despetalados, espalhados pelo chão. O quarto exalava um odor cada vez mais repugnante. Teria havido ali uma turbamulta? Aterrorizado voltei para a sala. Outra vez tudo ficara vazio. Sem móveis, sem nada. Um mundo oco. Corri para a garagem em desespero. Liguei o contato do carro, quis sair imediatamente dali.

Enquanto esquentava o motor liguei o rádio. No primeiro dial, a notícia: "Morreu hoje em decorrência de falência dos órgãos devido uma crônica cirrose hepática, o escritor, contista e poeta, Afrânio Barbalho. Tido pelos críticos como maldito e eminência parda, por ele mesmo intitulado..." Alguém dedicou ao meu desaparecimento precoce à música, *Hallelujah*. Eu ouvia o rádio com os olhos vítreos, esbugalhados; deitei a cabeça no encosto do banco. Em devaneio quase adormeci. Voltei-me, olhei no espelho do quebra-luz e, pasmem!... Meu reflexo sumira! Empalideci, tremi. Estava amarelado como um pedaço de jornal velho. Ao término da música, entre confuso e atônito ouvi a conclusão da notícia: "A família ainda não definiu o local do velório nem o cemitério onde se dará o sepultamento. Entretanto, os amigos e acadêmicos estão organizando um sarau para hoje às 17h00, no Boteco da Graça, onde serão lidos em homenagem, seus últimos escritos em forma de poesias, contos e crônicas."

Meu ar de estupefação ia do assombro ao medonho. A realidade da morte começou a entrar-me pelas entranhas e pelos sentidos. Outra vez encostei a cabeça no banco e me pus a pensar. E subitamente, senti uma geleira percorrer meu espinhaço. Algo acorreu clareando. O que me acudiu tirando-me da obscuridade e do mistério. Um presságio esquentou o suor que brotava frio dos meus poros.

Num sobressalto a clarividência: claro, o enigma estava resolvido. Alvíssaras! Tudo não passava de uma brincadeira extravagante daqueles perdulários amigos meus, que gostavam de pregar peças como estas. Era o lançamento do meu livro de contos. Os amigos queriam fazer uma troça comigo. Um auê!... Daí o anúncio pago no rádio, claro. Era só para chamar a atenção da imprensa. Estava evidente! Era isso. E desta vez eles estavam ajudando. Que bacana! Eu tinha mais era que agradecer. É, agradecer!... Mas eu vou agradecer do meu modo. Vou dar o troco com a mesma moeda, ou melhor, eles me deram em prata, vou devolver em ouro.

Contratarei um grupo de atores, outro tanto de figurantes. Farei uma cópia de mim mesmo em cera, do meu tamanho, da minha largura. Deixe estar! Na hora do sarau mandarei o préstito em meu funéreo cortejo para o Boteco da Graça com todas as pompas e circunstâncias que um defunto do meu quilate merece! Com a instrução de lá se fazer o velório, pois foi o desejo expresso pelo

falecido, — no caso eu —, em seu último estertor moribundo na vida e gemido de morte, perante o testemunho dos familiares. O funeral deveria de ser no Boteco da Graça.

Decidido, abri a porta do carro já na intenção de dar execução ao plano. Um ar fuliginoso escapava pelo escape do carro em profusão. Tudo se tornara escuro e fumarento dentro da garagem. Já não se definia mais nada. Quando respirei fundo para reerguer o corpo, não consegui: foi meu último suspiro. Sufoquei-me no terrificante e venenoso gás carbônico do escape. Caí em colapso. E não mais acordei. Nem vivo nem morto.

paulolaspalmas@yahoo.com.br
https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.5

https://www.facebook.com/Paulo-Lu%C3%ADs-Ferreira-247168272013296/

O Hóspede Misterioso

Wagner Azevedo Pereira
Nova Iguaçu/RJ

Já lusco-fusco um hóspede chega a um hotel:

— Boa tarde... bem... boa noite, né? Há quarto para alugar?

— Boa noite! Sim!

— Eu quero para apenas esta noite e, no terceiro andar! Há?

— Sim, senhor! Há vagas em todos os andares! Há preferência de apartamento? De vista para a rua ou na parte traseira, com vista para o mar?

— Não tenho preferência! Pode ser qualquer um!

— Então... eis a chave do 32!

— Obrigado! Posso pagar amanhã cedo?

— Claro!

— Obrigado! — ele dá dois passos e: — Er... já ia me esquecendo... preciso de uma tesoura grande, um carretel de linha branca e uma tangerina média que tenha menos de 100 gramas! Você consegue pra mim? — o funcionário ficou encucado com os pedidos estranhos, mas respondeu:

— Claro que consigo!

— Obrigado! Posso subir? O senhor leva tudo lá no quarto?

— Levo sim, senhor!

— Obrigado! — o funcionário achou estranho o pedido do hóspede que não pediu comida ou bebida, mas arranjou tudo e foi lá levar para ele.

Por coincidência o quarto do funcionário que era 22 ficava embaixo do do hóspede!

À meia-noite em ponto iniciam-se alguns barulhos. E pareciam ecoar do quarto do hóspede. Eram barulhos estranhos como se fossem pancadas misturadas com vozes de alguns animais. O funcionário quase bateu à porta para perguntar o que era aquilo. Não bateu, preferiu esperar clarear o dia...

Quando amanheceu, o funcionário pediu para verificar o quarto antes do hóspede sair. Viu a tesoura, o carretel de linha, a tangerina e tudo arrumadinho como estava antes. O hóspede pagou a conta, deu uma gorjeta melhor que a de outros hóspedes, despediu-se e foi embora.

Passou-se um ano e o mesmo homem retornou ao hotel no mesmo dia e mês: 2 de abril. O funcionário ao vê-lo lembrou-se dele. O homem quis o mesmo quarto, fez os mesmos pedidos e foi atendido.

Desta vez o funcionário decidiu ficar acordado e bem atento aos acontecimentos que por ventura viessem acontecer.

Exatamente à meia-noite como na vez anterior começam os barulhos estranhos, sendo que agora mais intensos. O funcionário decidiu nada fazer, esperou raiar o dia.

Ao amanhecer, o funcionário foi verificar o quarto e não viu nada de diferente. O hóspede pagou a conta e novamente deu uma boa gorjeta. O funcionário ficou bastante intrigado. "Por que ele pediu as mesmas coisas? por que o mesmo dia e mês e o barulho?" perguntou a si.

Passa-se mais um ano e pela terceira vez, no mesmo dia e mês, o homem retorna ao hotel, pede as mesmas coisas e o mesmo número de quarto. O funcionário o atendeu e ficou novamente acordado decidido a desvendar o mistério.

E à meia-noite em ponto começam os barulhos. Dessa vez o funcionário agiu diferente: resolveu perguntar o que ele fazia no quarto e o porquê dos pedidos. Bate à porta — *toc toc toc*... — o homem a abre:

— Pois não!

— Desculpe-me o incômodo... toda vez que o senhor fica nesse quarto saem uns barulhos estranhos... o que acontece aí dentro? — o hóspede respondeu:

— Posso te contar o segredo, mas com uma condição! Você promete não revelar a ninguém?

— Sim, prometo! Tenha certeza que não contarei nada a ninguém! Eu juro!

O hóspede contou o segredo para o funcionário e ele o guardou consigo, não revelou a ninguém. Ninguém até hoje sabe o que se passava lá no quarto nº 32 após a meia-noite. Nem eu descobri o segredo, estou morrendo de curiosidade! Quem souber me conte.

O idiota

Eduard Traste
Florianópolis/SC

você chuta o besouro
sem querer
e então volta e pede
desculpas
antes de seguir até a geladeira
voltar bebericando outra cerveja
e o encontrar novamente
pelo caminho.. e desta vez
o chutar com a convicção de quem
não sabe o que é pedir
desculpas.

www.estrAbismo.net

O morador de rua e a lição de gentileza

Verônica Lazzeroni Del Cet
Holambra/SP

Tudo o que o homem tinha era a roupa do corpo. Fazia um intenso frio, então ele colocava seu agasalho desbotado, sapatos pretos com furos na sola, seu cachecol cor creme desbotado e sua touca que um dia já havia sido vermelha. A barba estava por fazer. O cabelo precisava de corte e as unhas deveriam ter sido cortadas faz tempo.

A barba no rosto crescia desordenadamente e a calça ficava folgada toda vez que ele dava um passo para avançar mais no caminho. Era um morador de rua. Não tinha lar, emprego fixo e nem família. As únicas lembranças que tinha era de uma distante infância repleta de amor e cuidado de sua mãe e pai.

Não tinha muitos sonhos e vivia cada dia como se fosse apenas mais um punhado de horas que avançam em qualquer e todo relógio caro do pulso dos negociantes e empresários, ou dos relógios de restaurantes onde nunca conseguia entrar.

Tudo bem que precisava de um banho, aparar o cabelo e fazer a barba, sem falar que ele precisava se livrar daquelas roupas velhas, mas se ele fizesse isso será que seria permitida a sua entrada no restaurante? Será que o empresário que fala sem parar no celular olharia para ele e visse, afinal, que era um homem semelhante a ele? Talvez sim, ou talvez não.

A preocupação daquele homem, do morador de rua, não era passar a impressão de que poderia ser gente fina e educada, fingindo ter perspectivas e um futuro brilhante. Ele não precisaria fazer a barba e cortar o cabelo, se desfazer de suas únicas roupas e pensar em não comprar uma calça folgada para ser considerado como gente. Ele já era gente. Sempre foi e sempre seria.

Preso em tantos descontentamentos – como a fome, frio e saudade em ter um lar – ele conseguia juntar trocados quando ficava parado durante um tempo nas esquinas em frente aos grandes centros empresariais. Prédios tão imensos que sempre seriam maiores do que todos os sonhos daquele homem. Escritórios com pessoas ricas, medianas e outras que apenas serviam. Eram prédios com gente que tinha lar, roupas e banho todos os dias. Conseguiu juntar, certa tarde, quase que uma boa quantia para comprar dois pedaços de pão. Foi até uma padaria, pediu ajuda para alguém comprar por ele e disse que esperaria do lado de fora.

Compraram seu pão, disseram que tinha troco e ele agradeceu a gentileza. Voltou para a esquina e se sentou em um banco de concreto tão sem graça como a cor de sua touca. Começou a comer sem pressa o primeiro pão. Mastigava com

cuidado, porque seus dentes eram pretos e doíam a todo momento. Engolia, mastigava, forrava a barriga com um pão quentinho e caseiro. Aos poucos percebe os pássaros se aproximarem. Eram dois no primeiro momento, depois mais quatro e quando se deu conta vários pássaros já aguardavam por migalhas caídas no chão.

O homem, o morador de rua, percebeu que tinha companhia. Decidiu ser generoso. Ofereceu pedaços de seu pão, do único pão que tinha restado, para os pássaros que o rodeavam com alegria. Vários se alimentavam de poucas migalhas e muitos outros com pedaços mais generosos de pão quentinho. Aquele morador de rua não tinha diploma para pendurar em um quadro de uma sala de escritório em um prédio muito alto.

Não tinha o relógio de pulso caro que agonizava as horas que avançavam sem dó todos os dias. Ele não tinha roupas justas, sem rasgos e suas unhas continuaram sujas e necessitadas de uma limpeza. Apesar disso, de não ser como aqueles homens com ternos chiques e importantes para muitas pessoas, ele era importante para aqueles pássaros que se alimentavam de seu pão. Um morador de rua poderia ensinar muito mais sobre generosidade e humildade do que milhares de homens ricos que todos os dias usam gravata e trancam seus carros com medo de ser roubado por outros moradores de rua.

Um morador de rua era muito mais a representação do sentimento da gentileza e compaixão do que milhares de homens engravatados sem rumo à empatia.

https://palavrasdeverona.wordpress.com/

O que sobrou

Rogério Costa
Cornélio Procópio/PR

Só me restaram as poesias
Inspiradas nos cacos dos últimos dias
Mas não é o amor que inspira o poeta?
Não é a musa que como flecha seu coração afeta?
"Ah, cara leitora" (com a licença de Machado, o Bruxo do Cosme velho),
Se soubesses tu como a dor, a angústia e a mágoa, como um espelho,
Enviesam a mente de um poeta, um espelho ora côncavo ora convexo,
Seus pensamentos retornariam a ti desconexos
Imagines tu três flechas atiradas ao mesmo destino
Antes mesmo que elas atingissem o alvo, num desatino
Ecoam as vozes em resposta a meus atos em síncopes e contra-tempos
Que nem "o pó por onde andei" e nem "as pegadas que eu deixei"
(com a licença de Humberto, o Poeta de Poa), no momento,
Poderiam explicar "as vozes que ouço à noite" nessa "infinita highway":
Há muito que se resolver...
Espero que me entendas...
São apenas comentários...

https://www.facebook.com/profile.php?id=100033507515604

O que Você Vê Quando se Olha

Alinne Eny Costa
Brasília/DF

Seja a liberdade
Que tanto desejam.
Respeite-se acima de tudo.
Sejam o amor
Em que sonham receber.
E o distribuía por ai,
Sem medidas,
Sem restrições,
Sem medos, de padrões.
Espalhem o respeito,
Que tanto querem ter.
Olhe para o outro
Como querem que olhem para você.
Seja tudo aquilo o quer receber.
O universo sem duvida
devolve a você.
Faça hoje,
Faça agora.
O ponteiro do relógio
Não para.
Construa no hoje,
O mundo em que deseja
Acordar pela amanhã.
Ouça no intuito compreender,
E não para julgar no instante seguinte.
Viva,
Ao invés de apenas existir.

Olhe se mais no espelho,
Sem receio,
Sem reservas.
Olhe para dentro,
Olhe no fundo de sua alma.
Gosta do que vê?
Ainda há tempo para você.
Doe-se,
Mas doe sem esperar,
Doe para alegrar,
E não para receber.

O rapto de Hélade

Joaquim Bispo
Odivelas, Portugal

Na pátria dos Aqueus, em tempos de ninfas e faunos, vivia-se ao sabor das estações, aproveitando as benesses que a Natureza generosa estendia aos habitantes daquela ampla península sulcada por múltiplas enseadas abertas ao Mar Egeu.

Muito tempo depois, Hélade, jovem e bela helena na flor da idade, instruída na cultura mitológica do seu país, estando um dia em folguedos com as amigas na almargem litoral das terras de seu pai, não estranhou, quando um boi muito branco se separou da manada e se aproximou das donzelas, manso e sedutor. Imediatamente lhe acudiu ao pensamento a história pitoresca da sua antepassada Europa, que, por via da mansidão encantadora de um boi resplandecente, fora raptada, levada para Creta e seduzida.

O relato mitológico não era sequer inquietante, porque o boi que raptara Europa não fora outro senão Zeus disfarçado, querendo aproximar-se da formosa mortal sem suscitar os ciúmes de sua mulher, Hera. Além disso, a história não tinha terminado mal: Europa tivera três filhos de Zeus, que foram homens importantes do seu tempo.

Os chifres do boi que se acercou do grupo de Hélade tinham a forma de duas luas em quarto crescente e deitou-se aos pés da jovem. Assim, foi quase natural acariciar-lhe o lombo e a cornadura e, pouco depois, enfeitá-la com grinaldas de malmequeres e outras flores silvestres. O pelo macio e luminoso do boi, a sua mansidão, a euforia juvenil do grupo e até a expectativa de uma grande e excitante aventura levaram a donzela a arriscar subir para o dorso do belo animal. Como ela temia — ou desejava? — o boi levantou-se e em passo ligeiro dirigiu-se para a praia, atravessou a areia e entrou no mar, perante os gestos animados e os risos divertidos do grupo de jovens.

Hélade, mais entusiasmada que apreensiva, deixou-se conduzir pelo boi que, nadando até ao mar alto, se transformou em uma águia-de-cabeça-branca e, sempre com a jovem mediterrânica no dorso, rumou à América, onde tinha o ninho. Ali, aliciou-a com todas as comodidades e todas as engenhocas tecnológicas que a civilização global consegue produzir. Sem precisar de pagar nada. Tudo a crédito. A jovem argiva sentia-se a mais ditosa das mediterrânicas. Nem sabia como agradecer ao seu benfeitor. Mas este não parecia querer que a donzela se preocupasse com ninharias. E convenceu-a a desfrutar da sociedade de consumo. O que Hélade fez despreocupadamente. Tornou-se amante de luxos e sofisticações e até caprichosa investidora da Bolsa. Quando Hélade já não sabia o que mais queria possuir e já não tinha mais palavras para agradecer, o génio que a raptara começou por fim a falar em crise e na necessidade de ela pagar os créditos que tinha contraído. Hélade não entendia o que implicava a inesperada conversa do até aí simpático raptor. Mas ele foi perentório:

— Minha menina, não há brinquedos grátis. Não te ensinaram lá no Peloponeso? Se não pagas de uma maneira, pagas de outra...

Então, possuiu-a pela primeira vez. Se Hélade há muito tinha efabulado com esta romântica eventualidade, a maneira economicista e quase vingativa de ele concretizar um ato que devia ser de amor entristeceu-a: além do mais, teve ainda a suprema insensibilidade de dizer que lhe fazia uma gentileza — abatia-lhe dez mil dólares no valor em dívida!

Nos tempos que se seguiram, possuiu-a repetidamente, fazendo-se assim pagar pelos inúmeros bens tecnológicos que adiantara. Com juros. Pelas contas do tratante, Hélade pagaria com o corpo, à razão de uma penetração por cada 100 dólares de dívida.

— Ontem valia dez mil dólares… — indignou-se Hélade, na primeira vez.

— Estamos a falar de produtos diferentes, rapariga. O teu *rating* triplo A de ontem, entretanto, baixou para A+, como deves compreender…

Quando a dívida cresceu para valores que o vigor sexual do malandro já não acompanhava, começou a alugá-la a tempo, a bandeiradas de quarto de hora, concedendo-lhe 10 dólares por hora. Enquanto ele guardava um valor não

revelado, a título de serviços de angariação, promoção e facilitação de negócio.

— Ou preferes vender órgãos? — ripostara o patife, aos protestos de Hélade.

Só demasiado tarde Hélade percebeu que este esplendoroso boi que a seduzira nada tinha que ver com aquele lúbrico, mas generoso, boi que raptara Europa. Este não era outro senão o terrível Minotauro Global, mutação maligna adorada pelos mercados que, agradecidos, lhe tinham erigido uma enorme escultura em Wall Street. A ingénua jovem descobriu então que este Minotauro era vezeiro neste tipo de manobras de engano. Os primeiros contactos eram sempre de ajuda e proteção, mas depois vinha a fatura. Muitas jovens e efebos por esse mundo afora tinham caído nas malhas dessa generosidade com intenções escondidas. Luso era um deles; Hibernia, outra.

Hélade não sabia como se livrar deste cárcere de grades económicas que a dívida odiosa lhe impunha. Percebeu que nada seria suficiente quando a dívida cresceu para valores estratosféricos e o monstro lhe ordenou que mandasse vir as amigas. Só então, Hélade, não suportando mais a tirania, evocou os seus bravos antepassados Aqueus e lançou um "NÃO!" que se ouviu na Terra inteira. Muitos dos deuses que na Antiguidade cuidavam dos Homens e das suas dificuldades acordaram, alarmados.

Inteirado da situação, Zeus reuniu-os e incitou-os a fazer alguma coisa por esta humana duma nação que os deuses tanto amavam. Hermes foi o primeiro a levar uma mensagem de indignação ao Minotauro, mas voltou, humilde e um pouco assustado, quando o monstro global lhe lembrou que a força negocial dele era nula, desde que adquirira, como Hélade, ativos tóxicos ao banco Caiman Brothers. A seguir, avançou Hefesto, que ameaçou o Minotauro com métodos mais violentos, aqueles ligados ao raio e ao fogo, mas também ele voltou humilhado, quando o Minotauro lhe mostrou o poder bélico do complexo militar e industrial.

— Viste o que aconteceu a Santorini? — sibilou o Minotauro, ameaçador. — Não se compara ao que aconteceria a toda aquela lamentável região…

Hera ofereceu-se então para tentar negociar, argumentando que tinha

alguma experiência com espécimes bovinos… Senhora de muita experiência, deu-se relativamente bem com o Minotauro, em quem encontrava semelhanças com o seu esposo quando jovem. Louvando o liberalismo e a legitimidade do poder do mais forte, com modos sedutores, conseguiu afagar o ego de macho alfa do Minotauro, e assim obter dele algumas graças — uma delas, experimentar carnalmente a pujança taurina, vivência que invejara a Europa.

A partir daí, as negociações foram mais fáceis, mas sempre numa ótica economicista. Hera voltou com um contrato específico que, a ser aprovado pelo Concílio dos Deuses, iria atenuar por alguns anos as penas da dívida de Hélade e, com esperança inconfessada, trazer alguma animação ao Olimpo, para irritação provável da maioria dos seus esquivos companheiros divinos. Tratava-se da privatização do Monte Olimpo, onde se previa a instalação de um imenso parque temático, aberto todo o ano, cujas receitas de bilheteira e de todo o *merchandising* associado à mitologia autóctone seriam naturalmente controladas pelo Minotauro.

— Amorzinho, de certeza que o Concílio não vai aceitar de bom grado os pontos do contrato que obrigam os deuses a estar sempre visíveis e a interagir com os visitantes humanos... — advertira Hera, genuinamente apreensiva.

— Eles que pensem bem! — resfolegara o implacável touro mutante. — Senão, mando instalar uma mitologia de deus único.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

O sujeito possuído

Luís Laércio Gerônimo Pereira
Pão de Açúcar/AL

Na cidade de nome Amâncio, situada num cantinho do Nordeste brasileiro, vivia um sujeito, muito estranho, pouco comunicativo e avesso a interação social, e essas atitudes do sujeito, deixava a comunidade, bastante curiosa. Como ninguém sabia da sua procedência e nem identidade, as pessoas logo, começaram a usar de vários pronomes, para denominar o sujeito. De fato, era muito difícil de alguém conversar com ele, devido ao modo ascético e essênio, que levava. De tanto ser de difícil acesso, deram-lhe o nome de sujeito oculto, por justamente não saberem do que se tratava. Quando alguém tinha a sorte de encontrar com ele e lhe perguntava por seu nome, ele se identificava, como: "Eu sou alguém ou algo de quem ou do que se fala", respondia o estranho e essa resposta, causava um desconforto e tamanha estranheza nas pessoas. Certo dia, a pedido de populares, que acreditavam que o tal sujeito, estivesse composto ou possuído, por entidades desconhecidas, apelaram para um líder espiritual, local, que decidiu ir pessoalmente á procura desse sujeito. Porém a insuficiência de informações, fez com que o líder espiritualista, chegasse a conclusão, que a análise, estava mais pra um sujeito indeterminado. Entretanto, motivado pela animação popular, o guia espiritual, prosseguiu. Quando o avistaram, a vizinhança, apesar de pouco saber sobre o sujeito, no entanto, insistiam em adjetivá-lo; uns o qualificava de estranho, sisudo, doente; outros de inteligente, sábio e até simpático. No entanto, o espiritualista, resolveu, pôr em prática o emprego da interrogação: " Meu filho, quem é você, como se chama"? , disse a voz da inquisição; o sujeito respondeu: "Eu sou alguém ou algo de quem ou do que se fala; sou um e sou muitos , ao mesmo tempo"! respondeu o sujeito. O líder espiritual, entrou em transe e ficou surpreso, com ar de exclamação; então em tom de exorcismo, bradou: "Em nome da autoridade, a qual represento, diga o seu nome"! O sujeito, bem tranquilo, então respondeu: "Chamam-me de simples, composto, oculto ou desinencial, elíptico, inexistente, determinado e indeterminado, uma legião". O líder espiritual, ao avaliar a situação, convenceu-se de que se tratava de uma possessão gramatical e acalmou a população, justificando, que não havia naquele diálogo, nenhuma concordância, que necessitasse de cuidados religiosos, então abriu o verbo e disse: "Precisamos de uma conjunção de ideias, para chegarmos ao nosso objeto, de forma direta e reintegrar esse nosso irmão a uma vida gramatical em comunhão com a comunidade; deixemo-nos em paz"; enumerou o emissário espiritual. Então,

populares, elaboraram um pequeno artigo, e endereçaram de forma pronominal ao delegado da cidade, para possível investigação do sujeito suspeito e as possíveis providências, inclusive sobre a sanidade mental do sujeito. Porém, o tempo passou e o caso não foi concluído. Então populares, foram até a delegacia, cobrarem explicação do delegado. Então, este, falou que ao analisar os predicados, atribuídos ao referido sujeito, esses eram, insuficientes, e portanto não tinha como concluir o caso, nem enquadrar o sujeito, em nenhuma categoria, pois a única coisa que a investigação pronominal, tinha apontado, era que se tratava, de uma pessoa com múltiplas personalidades. Portanto, pediu paciência e tempo a população, pois este caso necessitaria de uma análise mais aprofundada, ou seja, sintática, e seria encaminhado, para um especialista.

As pessoas ficaram sem entender; como poderia um sujeito tão simples, daquele, tornar-se composto em tantos mistérios, de natureza indeterminada e oculta, ao ponto de se tornar inexistente? De repente um ancião, que passava em frente a delegacia e vendo aquela aglomeração, desesperada, na tentativa de desvendar a identidade do sujeito, decidiu então, interagir com a população e disse " Existe uma única fonte, capaz de desvendar de forma semântica, este sujeito, com todos seus predicados, adjetivos, seus substitutos e até seus objetos", falou a voz da experiência. Então, fala-nos logo, retrucou a multidão, apavorada!

GRAMÁTICA, finalizou o professor aposentado!

O Vôo da Monarca

JAX

Passaram-se semanas desde que a mulher havia viajado para tentar o tratamento no centro hospitalar daquele país distante, onde vivia o primogênito do casal. Diziam que era uma técnica pioneira, somente ali disponível, com grande possibilidade de êxito. O filho viera de lá para acompanhá-la.

Ao marido, restou o consolo da esperança. Se sua amada se recuperasse, que felicidade! Ele próprio às voltas com um câncer que lhe retirava as forças cada vez mais, não teve condições de tomar o avião com ela. No dia da partida, sentiu-se tão mal que nem ao aeroporto conseguiu ir. Pediu o retrato de ambos que ficava na estante da sala íntima e segurou-o o mais firme que pôde, até que a enfermeira o convenceu a deixá-lo sobre o criado mudo do seu lado. Olhava-o todo dia e imaginava que a esposa estava em casa, pronta a vir assim que a chamasse.

O tempo corria, porém. Nenhuma perspectiva, por ora, de que o tratamento estivesse prestes a concluir e a liberá-la para o regresso ao lar. Por mais que o amor nutrisse a esperança, pesava muito a tristeza da separação. Todo dia, comunicavam-se pelos meios disponíveis na internet. Não obstante, inexiste tecnologia suficiente para superar o distanciamento físico e a absoluta necessidade da proximidade pessoal, do contato afetivo. O homem sofria a dor da momentânea separação mais do que as ocasionadas por seu mal incurável.

Uma tarde, chegam más notícias. O tratamento parou de surtir efeito. O filho, de natural contido, não resistiu às lágrimas para dar a entender que deveriam preparar-se para o pior. Sem saber o que responder, o marido pediu licença para interromper a chamada e pensar consigo mesmo. Pensou e

repensou, em tudo que era pensável e imaginável, sem chegar a qualquer conclusão digna, até que a noite veio, trazendo-lhe o paliativo da sonolência irresistível.

O sono foi entrecortado de despertares atônitos e confusos, mas uma ideia ao menos pareceu ganhar crescente força em sua mente. Iria ver a mulher! Sim, senhor! Nada o impediria de estar com sua companheira de toda a vida. Reconfortado com essa decisão, iniciou uma série de comandos ao seu fragilizado corpo. Como se fosse casulo, dele surgiu uma borboleta monarca, linda e possante como as que recordava haver visto na juventude.

O inseto imediatamente alçou vôo rumo ao destino. Consciente da enorme distância a vencer, bastante superior à que normalmente cobrem as da sua espécie na migração periódica, muniu-se do profundo senso do dever que deveria cumprir. Com poderosos movimentos das asas, começou a vencer, progressivamente, os milhares de quilômetros da rota. Curioso como a borboleta enfrentou o caminho até então desconhecido com tamanha precisão! Não hesitou quanto ao trajeto, percorreu-o com uma segurança que só ela, colibris, abelhas e talvez outros seres sintonizados com as flores podem demonstrar.

A esposa era a flor do marido, isso certamente explica o sentido de direção da viajante. Dava gosto ver como ela atravessou rios, florestas, montanhas e cidades sem qualquer sinal de dúvida. Surpreende não se haver detido para repor suas energias com os néctares das muitas flores do caminho. Partira com suficiente vigor para apenas vir a reabastecer-se no destino final. Importava-lhe avançar, avançar, unicamente avançar até chegar.

Foram muitos os perigos, contudo. A exuberante monarca teve de esquivar-se de muitas aves, répteis e batráquios, ávidos por devorar petisco tão belo e tentador. Superou todos esses obstáculos com determinação.

Ingressou no centro hospitalar, localizou o quarto da paciente e pousou suavemente em seu corpo agonizante. Nem o filho, nem os médicos, ninguém percebeu a borboleta que ali permaneceu até esmaecer e sumir com o último suspiro da mulher.

O marido, de longe, tudo vivenciara, porém. Finalmente, pôde descansar em paz.

A monarca cumprira sua missão.

Coluna do autor, Divulgaescritor, fevereiro 2019

https://www.divulgaescritor.com/products/fernando-jacques-de-magalhaes-pimenta-jax-colunista/

Ocê

Maria Carolina Fernandes Oliveira
Pouso Alegre/MG

Trenzin poderoso que é dizer ocê
na timidez dessas três letrinhas delicadas
cabe estrada, montanha e por de sol
só encher a boca pra assobiar "ocê"
Que o cheiro de café já passeia narina adentro
bolo de milho molha o beiço
colo de mãe aquece o peito
dentro do aconchego de dizer "ocê".
Ocê que é jeitin de primeira casa
pé descalço em terra vermelha
bota de canto meu livro de filosofia
me presenteia com poesia
o vício de dizer "ocê".
Ocê, que é do sul ao norte de Minas
de cada sotaque das Gerais
dentro d'ocê" mora tanta beleza
que ora veja que surpresa
até o amor dos mais sublimes
cabe dentro dessas três letras.

Ode À Natureza

Waldir Capucci
Jacareí/SP

Criar a nova coreografia do grupo atormentava Gisele, e a necessidade de cumprir a tarefa acabava por atrapalhar todas as outras atividades de seu dia a dia. Com outros afazeres simultâneos, impossível ordenar os pensamentos para se dedicar ao objetivo, e não dispunha de tempo suficiente para dar conta de todos.

Andava muito amarga ultimamente e percebia que as pessoas até a evitavam, tão visível era seu estresse. Para piorar, seu reconhecido e premiado talento parecia ser coisa do passado. Por mais que tentasse havia uma barreira na mente que travava sua inventividade. Decidiu que naquele preciso dia seria dado o início da nova empreitada e se organizou para ficar focada no que tinha planejado.

O silêncio do campo certamente lhe traria a inspiração que estava precisando encontrar. Ela havia se escondido em algum lugar e seu objetivo era buscar naquela paz natural a danada que tinha fugido de sua mente. Nada melhor que o contato com a natureza para acalmar o espírito e, certamente, o silêncio quase sepulcral, passível de ser quebrado apenas pelo canto mavioso das aves ou o sopro suave do vento abanando as folhas das árvores ou a ramagem fina das plantas ao redor, seria a companhia perfeita para traçar os primeiros rabiscos do novo trabalho.

Deu tudo errado, a própria natureza lhe sabotou os planos quando ainda estava se preparando para a peregrinação campestre. Um violento temporal deixou-a retida no prédio da produtora, não lhe restando outra opção senão aguardar o término do dilúvio. No entanto, pessoa por demais desassossegada que era, seria impossível não se amargurar com aquele cárcere forçado em um momento que tinha muita coisa para pensar e fazer.

A inquietação aflorou o velho hábito de bater os dedos de forma compassada quando algo a angustiava, e teve a certeza que a impaciência seria sua companheira pelo longo período em que se obrigaria a aguardar até que a chuva cessasse.

O isolamento forçado direcionou sua atenção para o zumbido forte do vento que chacoalhava as vidraças e o barulho das pedras de granizo que impactavam nos vidros e telhados. Fixou seu olhar para as ruas e calçadas que eram lavadas pelas corredeiras da borrasca e para os pedestres que produziam movimentos rítmicos engraçados, correndo e sacudindo as vestes molhadas quando encontravam abrigo.

Lembrou-se dos filmes de terror antigos, com o céu escuro transformado em um palco de luzes, tantos eram os raios que singravam o firmamento, e a bateria insaciável de trovões com seus estrondos ensurdecedores e repetidos como ecos. Para completar o enredo tenebroso faltava apenas o ranger de uma porta se abrindo e a aparição de um homem com faca na mão querendo matá-la. Gisele riu por lembrar-se da cena ridícula, mas voltou a se concentrar no mundo ensopado dos vivos que transitavam na rua.

Seus dedos continuavam no ritmo compassado, mas agora na cadência das imagens e sons que prospectava naquela balbúrdia. Sua verve artística a tudo captava. Sua ânsia criativa buscou novos detalhes, nada mais escapava da sua percepção. E ela os granjeou no piscar das luzes das vitrines e semáforos, no balé multicolorido das sombrinhas e dos guarda-chuvas, nos toldos das lojas com água escorrendo e fazendo parecer uma série de cachoeiras alinhadas, e também, nas revoadas de pássaros que cruzavam o ar em voos rasantes e acrobáticos na busca de proteção sob os telhados.

Tudo se encaixava de forma sublime e proporcionava um bailado perfeito. Movimentos e sons se completavam mesmo quando abafados pelo barulho da carga d'água, e eram apresados pelos olhos vívidos e pelos ouvidos sensíveis de Gisele.

A angústia da artista chegava ao fim. Era o que buscara por dias e horas intermináveis, imagens e sons casados em um bailado com perfeita sincronia de

movimentos. Sua capacidade criativa fluiu rapidamente e aquele presente da natureza inundou sua alma fazendo aflorar a engenhosidade artística que parecia dormente. Tomada de um frenesi incontrolável abriu sua pasta e preencheu várias folhas anotando aquele balé. Traçou riscos, compôs desenhos, registrou notas e referências musicais nas páginas, tudo em gratificantes horas. Até que, exausta, atestou que a nova coreografia finalmente nascera, e sua conclusão seria questão de novas inserções.

Quando finalmente saiu às ruas a alegria tinha se apossado de seu corpo e espírito. Enquanto caminhava, melodias vinham à sua lembrança para compor a trilha musical do espetáculo nascituro, e Gisele não conseguia conter-se, extravasava alegria e encantamento que eram percebidos pelos passantes.

Os olhares das centenas de transeuntes não a impediam de assoviar, cantar e dançar pelas calçadas ainda molhadas, apresentando o primeiro ensaio do novo espetáculo. Lógico que ninguém poderia compreender o que estava ocorrendo, e ela se divertia em imaginar o que estariam pensando.

Sua vontade agora é que venham logo os ensaios e a estreia, preferencialmente em um dia chuvoso, para que haja sincronia entre os que se desenrola no palco e na parte externa do teatro. Seria uma forma justa de dividir as glórias e as palmas ao final do espetáculo com a natureza, sua grande parceira e inspiração na idealização da obra.

Olhares

Conceição Maciel

Capanema/PA

Olhares em chamas
Adentes promessas
De prazeres implícitos.

Olhares que seguem
Perseguem desejos
Corações feridos.

Olhares que se entregam
Às promessas e juras
Desejos proibidos.

Olhares que magoam
Decepções sofridas
Promessas não cumpridas.

Olhares que se vão
Despedidas que machucam
Amores perdidos.

https://www.facebook.com/conceicao.maciel.14/posts/2530228113717032?comment_id=2537020606371116

https://www.facebook.com/trechosautorais/

Os anos de Bernadeth

Wilson Carvalho
Itapororoca/PB

Durante quarenta e dois anos me chamei Bernadeth. Durante treze anos trabalhei na única biblioteca de minha cidade. Durante doze anos morei numa casa alugada depois que não tive opções. Durante onze anos li um livro por semana com raras exceções. Durante dez anos tomei dois comprimidos duas vezes por dia. Durante nove anos escrevi crônicas para periódicos que nunca foram publicadas. Durante oito anos li sentada no banco meio retorcido da pracinha sob a sombra do pé de carambolas. Durante sete anos ouvi reggae. Durante seis anos alimentei seis gatos. Durante cinco anos assisti as cinco temporadas de um seriado todas as quintas-feiras à noite. Durante quatro anos estudei Letras na Universidade Estadual. Durante três anos tive câncer. Durante dois anos escrevi para amigos antigos e novos. Durante um ano descobri quem eu era. Hoje eu morri.

Os caminhantes

Luís Amorim

Oeiras, Portugal

Alegres eles caminhavam por entre ditas piadas e imaginadas outras ainda que não verbalizadas pelo menos no momento que de avanço era rumo ao castelo, aos olhos deles visto como um saboroso eventualmente garantido de sangue banquete. As humorísticas tiradas estariam adiadas para o interior centenário de pedra feita construção acastelada, cada vez mais próximo quando ansiosamente lá dentro estariam rodeados por gente outra e diversamente numerosa de quentes veias, assim eles o desejavam com ardor de garganta impaciente. Muitos eram os caminhantes de vampiresca estirpe que esfomeados pela sua tradicional ementa venciam as íngremes dificuldades do terreno para terem como reduzida de maior cada vez distância perante o de castelo previsivelmente certo nocturno banquete. E eis que após força imensa no caminhar, visível cansaço eles notavam no reciprocamente colectivo restando como interrogação no premente da altura se ainda existiriam suficientes energias para o prometedor degustar de sangue que os moveu rumo monte acima com entrada de castelo já no então de altura os recebendo, inclusive com abertura de gigantesco portão no comparativo à altura dos vampirescos seres feitos visitantes inesperados, ou talvez não, pois com misterioso estender de acesso, até com avermelhada vistosa na sua tonalidade, o tapete de notáveis dimensões, naturalmente os cumprimentou e lhes acenou convite de abrangência colectiva para não usarem de timidez eventualmente pensada como reveladora e finalmente pudessem fazer uso de entrada que só poderia ser de natureza triunfal. Apesar de algum desconfiar, os vampiros rodeados pela sua incontrolável fome deram os seus ofegantes seres para o espaço receptivo imediatamente ultrapassado perante o enorme salão que já no então avistavam, ainda que não pela sua totalidade. Mesa de ceia no quase de perder à vista foi compensada quando na sua extensa de vampira contagem vislumbraram que haveria

pomposas cadeiras para todos. Com a final proximidade, os caminhantes perceberam que a majestosa ceia de mesa encontrava-se repleta de vultos, talvez cada qual pronto e reservado para vampiro recíproco chegando em conclusão na perigosa aproximação, a dizer-lhes esta, precisamente o contrário, pois cada vampiro ser é que estaria destinado ao vulto correspondente e de mente confortável por sentado, na ocasião de seu fim percebida como um impaciente fantasma esperando pelo seu par nessa, desejavam eles, os fantasmagóricos seres, tão alegre como prazerosa e interminável noite.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions

Os tapetes

Nanci Ricci
São Paulo/SP

Quem me acordou, como sempre, foi Zeus, meu gato. E por mais alegria que ele me dê ao nascer do sol, naquele dia saí da cama pesarosa, pressentindo que o dia seria esquisito. Nem escolhi a roupa direito para ir trabalhar. E olhe que sempre gosto de combinar tudo, roupa, sapatos, jamais saio sem brincos nem batom. Até consegui passar um batom meio sem cor, mas brincos, pela primeira vez, fiquei sem e fui com as orelhas nuazinhas. Depois de subir de ônibus lotado, descer de ônibus lotado, pegar trem, lotação, cheguei, enfim ao meu trabalho. E ter um trabalho, em certas épocas, ou melhor, em todas as épocas, é um luxo. Cumprimentei a todos os que encontrava pelo caminho com um leve abaixar de cabeça. De minha boca não tinha jeito de sair nem um "bom-diazinho" sequer.

No banheiro, lavei o rosto e não acreditei na minha cara lambida. Procurei na bolsa um batom mais vivo, um rosa ou vermelho-claro, e não achei. Não me conformava com minhas orelhas peladas e fucei na bolsa para ver se não tinha um par perdido em um dos dez compartimentos dela. O jeito foi começar a trabalhar com cara lambida e orelhas peladas. Liguei o computador e esperei o lerdo iniciar. Trabalhei um pouco, vi quando o café chegou nas garrafas térmicas e corri para pegar um. Algo precisava tirar de mim aquela sensação esquisita e tinha esperança de que o café o fizesse.

Voltei para o meu lugar e vi que meu chefe já havia chegado. Para ele eu disse um bom-dia falado e, antes que eu me sentasse, ele me chamou. Quis saber algumas coisas do trabalho que eu estava fazendo e me disse que às 10 horas era para eu subir para a sala de reunião do 5º andar. Voltei para minha mesa mais pesada do que quando acordei. Sala de reunião? Para quê?

O tempo de espera até o horário para eu subir pareceu infinito. E minha ansiedade galopante não deixava que eu fizesse mais nada de útil. Passei a visualizar mil tragédias e cenários futuros terríveis e doloridos.

Eu tinha 44 anos, dependia daquele salário para tudo: o aluguel do apartamento mínimo no centro da cidade, minha alimentação e do meu gato, contas de água, luz, gás, telefone, Netflix, etc. A família havia se diluído no caminho. Uns mortos, outros eu não via fazia décadas, e eu havia sobrado e ainda estava por aqui.

Dez horas. Subi. De escada, para a cada degrau subido eu poder pensar sobre mais situações avassaladoras e terríveis. Entrei na sala branca e gelada e sentei na cadeira cinza de metal frio. Comecei a chacoalhar uma das pernas, com a ansiedade concentrada nelas. Fiquei uns dez minutos esperando até que chegou a moça do RH, baixinha, com um salto enorme, roupa parecendo que foi passada no corpo e cabelos lisíssimos e brilhantes. Disse-me um bom-dia com um sorriso amarelo, ainda que os dentes dela reluzissem de tão brancos, e sentou do outro lado da mesa, colocando uma pasta em cima. Toda a introdução, as justificativas, os esclarecimentos sobre os problemas pelos quais a empresa estava passando, todo o blá-blá se resumiu em uma frase curta e devastadora: "Você está despedida!".

Juro que me deu vontade de pedir "PeloamordeDeus" que não me despedissem, pois onde eu ia encontrar trabalho com dezenas de milhões de desempregados e tal? Que bom que um orgulho que sempre temos me impediu de fazer isso e também me impediu de chorar ali, na frente da moça.

Desci as escadas, peguei minha bolsa e saí, sem olhar para ninguém, sem dizer nada. Alguém me chamou mas a rapidez com que saí não deixou a pessoa me alcançar. Lá fora chorei. Fui chorando no ônibus, no metrô e desci uns 3 km longe de casa para poder passar no mercado. Não chorava mais.

Comprei comida para mim e para Zeus e produtos de limpeza em excesso. As sacolas ficaram absurdamente pesadas. Dividi entre os dois braços e me arrependi de ter comprado tanto. Sempre tive muito medo de passar fome, e essa é a justificativa para a compra enorme de comida. Ainda tinha dinheiro e ia receber o valor da rescisão, por isso acho que quis fazer estoque. Nunca passei fome na vida, mas quase. Éramos bem pobres e vivíamos com grande dificuldade, mas nunca faltou comida. Ela chegava com muito sacrifício, mas

chegava. Às vezes era arroz com ovo, arroz com banana, arroz apenas, feijão com farinha, mas comíamos todos os dias. O quase talvez tenha me traumatizado, e por isso eu tinha esse medo da fome.

Cheguei em casa quase morta de carregar aquele peso. Podia ter pego um táxi, mas a economia que precisava fazer daquele momento em diante havia me invadido e por isso fui a pé, me autoflagelando com a caminhada carregando um fardo maior do que eu podia carregar.

Naquela noite não dormi nada, claro. Se não dormia direito nem quando tudo estava dentro da normalidade, imagine quando algo saiu do eixo. Não era mais para ir trabalhar, fui dispensada do aviso-prévio. Eu tinha de esperar que me ligassem para a homologação e exame médico.

Passei o dia de camisola e limpando a casa. Limpei cantos que nem sabia da existência, cada milímetro foi esfregado com força, mesmo com o braço doendo da dor de sempre e do acréscimo de dor pelas sacolas pesadas. Limpei dentro de armários, tirei roupas que não usava mais, sapatos, bolsas, fiz umas dez sacolas para doação. Ou seria melhor vender? Como tudo aquilo cabia naquele lugar minúsculo onde eu morava?

Na hora de fazer comida, fiz só um pingo. Era a economia de novo. Nunca fui de desperdício e jamais jogava comida fora, mas agora precisava fazer menos ainda. Ia aprender a comer menos. O pior é que sempre fui de ter fome o tempo todo, além da ansiedade que me fazia comer mais. O medo da fome ia fazer eu não ter tanta fome.

Depois de um dia de faxina exaustiva, deitei e fiquei olhando para o teto. Enxerguei umas manchas escuras de bolor e lá fui eu pegar a escada e, vencendo o cansaço, esfreguei e tirei todas as manchas que encontrei pelo caminho. Por fim, tomei banho e desmaiei.

O Zeus em cima de mim me acordando e o despertador tocando me fizeram abrir os olhos e, lembrando-me da realidade em que me encontrava, senti um aperto no peito como se fosse morrer. Não tinha para onde ir, quero dizer, não tinha o trabalho para ir. O que eu ia fazer? E como ia ganhar dinheiro?

A casa estava limpa, já havia feito a cata nos armários, não queria ler nem ver TV. Também não queria sair. Vai que me desse uma vontade súbita de comprar algo de que não precisava. Nada de gastar. Foi quando resolvi matutar e pensar nas coisas que eu sabia fazer. Aprendi confeccionar uns tapetes peludos com uma tia, havia muitos anos. Eram tapetes bacanas, costurados na máquina. Deixei essa ideia ir amadurecendo e certa esperança alegre me invadiu e eu sorri, o que não fazia há tempos.

Comprei uma máquina de costura com o dinheiro da rescisão e comecei a costurar tapete e mais tapete. Mal parava para comer e ir ao banheiro. Sou compulsiva com certas coisas que começo a fazer e faço sem parar até enjoar. Por exemplo, uma vez comecei a fazer sapatos de lã e não parava nunca mais. Doei setenta pares para uma casa de repouso.

Como venderia os tapetes? Sempre fui péssima vendedora. E vender em feira de artesanato não daria certo. Sempre que ia a uma dessas feiras, ficava com pena dos artesãos-vendedores, sempre com olhos de esperança que seus produtos fossem comprados e, com as pessoas apenas passando e não comprando nada, viravam olhos tristes. Era capaz de eu ficar com olhos tristes o tempo todo e espantar possíveis fregueses.

Costurei dezenas de tapetes e parei só quando não havia mais espaço para colocar um sequer. Com essa pausa, pensei que poderia vender pela internet, fazendo uma boa estratégia de marketing.

Daquele dia em que acordei terrivelmente pesarosa até hoje se passaram dez anos. A frase que ouvi na época "Você está despedida!" e que, no momento, pareceu-me a mais terrível e portadora de um futuro terrível e sombrio, foi a melhor fala que alguém podia dirigir a mim em todos os tempos. Hoje sou empresária de tapetes peludos e eles são vendidos em vários países da América Latina. Não costuro mais e tenho vários funcionários para cuidar da confecção e de outras áreas da empresa. A empresa vai muito bem e nunca mais ouvirei "Você está despedida!". Aliás, essa frase nunca foi dita por mim a nenhum funcionário. Nunca foi necessário e até hoje só saiu quem quis.

http://cyricci.blogspot.com/

Os traços e os cigarros

Wilson Carvalho
Itapororoca/PB

- Está pronto? - Perguntou o senhor mais uma vez enquanto o jovem Eddie preparava os dedos e ajeitava o cabelo que caia sobre a testa.

- Estou - Disse o jovem mordendo a bochecha um tanto indiferente. -, como disse antes de trazer seu café e acender seu cigarro, senhor Alec.

O mais velho ficou um tanto indignado pela clara afirmação de que estava sendo cansativo para o jovem fazer parte daquilo.

- Escuta, Edward Clement, eu não estou te obrigando a me ajudar. Sabe muito bem que eu faria isso sozinho se pudesse, e...

- Tudo bem, tudo bem - Ele disse agitando as mãos e suspirando. - Me desculpe, vamos começar, se estiver pronto. Não precisamos fazer disso algo cansativo.

O senhor Alec Burdiniss assentiu em silêncio e soprou um pouco de fumaça do cigarro no ar. Nesse simples gesto, lembrou de quando soprava várias vezes e via a fumaça a se dissipar no ar. Lembrou de fazer isso enquanto sentava-se só a varanda, observando os patos que criava, os quais também se foram assim como sua visão. Observava o mundo, as pessoas que passavam por sua porta e buscava inspiração para novas estórias. Lembrava-se até hoje da jovem que lhe inspirou a criar a personagem que agora estava prestes a contar para Eddie. Lembrou de parecer aflita, de suas roupas desajustadas e da bengala que carregava. Tão jovem e já precisava daquele instrumento para se apoiar. Decerto que fora algum acidente sofrido ou falha de nascença...

- Vamos lá, senhor Alec? - Pediu o jovem Eddie o libertando de suas lembranças que fluíam.

- Vou começar, está mesmo pronto, não está? - Perguntou o senhor ainda com certo receio, afinal era a primeira vez que faziam aquilo.

- Com toda a certeza - Disse Eddie forçando um sorriso, por mais que o senhor não pudesse vê-lo, e um ar amistoso.

Ainda respirou fundo com certa dificuldade e deixou o cigarro de lado enquanto se preparava para começar. Já sabia o começo daquela narrativa havia tempos, não poderia ser tão complicado para ele colocá-la em ditado.

- No inverno de 2004, muita coisa aconteceu na diminuta Sondale...

- Espere um minuto só - Pediu Eddie ainda digitando as últimas palavras. - Soletre essa palavra, a última.

O senhor Alec demonstrou-se claramente aborrecido, mas afinal era uma cidade fictícia, Eddie precisava saber exatamente o que colocar.

- S-O-N-D-A-L-E - Disse o senhor friamente. Eddie terminou de digitar e fez um gesto para que ele continuasse, lembrando em seguida de sua deficiência e então expressando o pedido verbalmente. - Para a jovem e nada condizente com sua realidade Silvia Brokst, foi definitivamente o ano mais importante de sua vida...

- Espere, temos o mesmo problema de antes... Quando for falar nomes de pessoas ou lugares soletre pra que seja perfeito, ok?

- Seus irmãos e seus pais já não lhe davam atenção, era dedicada às pesquisas e isso bastava para criar a ilusão de que era feliz - Prosseguiu o senhor Alec sem dar muita importância ao último comentário.

E assim se seguiu, naquela tarde tortuosa, o discurso de incontáveis palavras e sentenças, descrevendo cada vez mais a jovem Silvia e seus sentimentos, sua vida da qual ninguém mudaria uma ponta mas na qual ela própria não se sentia segura.

Eddie tentava ao máximo não interromper o senhor Alec durante suas sentenças, mas aquilo não era igual ao que estava habituado nas reuniões do escritório em que trabalhava. Era preciso se adequar aquele novo trabalho, cooperar com o velho já abatido e tentar facilitar ao máximo as coisas. Estava trabalhando sua paciência mais do que nunca.

O senhor Alec se sentia plenamente disposto, afinal não contava uma estória havia muito tempo. Lembra-se dos dias que passava de frente para o computador finalizando uma trama, ou começando outras... Sentia falta disso, e agora não era mais do mesmo modo. Ainda assim poder fazer isso era gratificante, se pelo menos Eddie não fosse tão jovial e apressado, pensava ele...

Ao final da tarde, lá pelas seis, o sol já se despedia da cidade e cobria o cômodo sem luz artificial da sala de um alaranjado aconchegante.

- E é isso por hoje, certo? - Perguntou Eddie estalando os dedos e torcendo para que o senhor Alec não pedisse que ficasse mais um pouco.

- Sim, já pode ir, garoto - Disse ele se levantando duramente da poltrona. - Pelo menos temos o começo.

Eddie sorriu e salvou o arquivo no computador.

- Sabe... - Disse pegando sua pasta e as demais coisas que trouxe. - Não foi tão ruim, conseguimos duas páginas. Pra um primeiro dia deve ser ótimo.

O senhor Alec nada disse. Resmungou um pouco e pegou sua bengala, depois vasculhou a mesinha de apoio ao lado da poltrona à procura da xícara vazia de café.

- Volte amanhã - Foi só o que disse.

Edward Clement deixou a sala e bateu a porta talvez um pouco forte demais.

- Nem um "obrigado" - Disse resmungando pra si.

- Eu ouvi isso, garoto - Gritou o senhor Alec de dentro. - Sou cego, não surdo.

Eddie sacudiu a cabeça e pegou sua bicicleta. Logo saiu a pedalar pela cidade, cruzando com vários rostos de desconhecidos e encarando alguns. Pensava em todas as histórias que aquelas pessoas carregavam, e em como escritores rabugentos como o senhor Alec podiam criar tantas coisas a partir da realidade, e ainda soar tudo tão verossímil.

Seguiu tentando não pensar muito sobre isso, iria se encontrar com Ully no apartamento e queria ter uma noite sossegada ao lado da namorada. Sentiu então um brilho a bater no canto do olho. Achou que talvez fosse apenas a luz do poste, mas quando virou a cabeça viu se tratar de um carro. Estava quase o alcançando e ele teve de se jogar da bicicleta para não ser atingido.

O carro buzinou e seguiu direto, enquanto o seu braço ardia por ter ralado na calçada e a bicicleta felizmente só estava caída. Não fora atingida. Respirando fundo, pegou o meio de locomoção do meio fio e seguiu tremendo um tanto de volta para o apartamento. Quando entrou, logo viu o rosto da namorada apreensiva por ter ouvido a porta abrindo, mas mais calma por ter o visto ali. Logo o recebeu com um beijo.

- Como foi? - Perguntou durante o jantar. Não haviam trocado quase nenhuma palavra até então. Eddie deu de ombros, escondendo o arranhão no braço por vergonha.

- Foi legal. Vou voltar amanhã, então está dando certo - Disse sem muita animação. Depois que terminaram o jantar e lavaram a louça, Ully disse que iria passar um programa de comédia na TV e que seria legal verem juntos, pra variar. - Tudo bem, ainda não tá tarde - Disse ele com um meio sorriso. - Vou só trocar as pilhas do aparelho.

Ela assentiu e sorriu passando a mão pelo rosto dele enquanto sussurrava um “tudo bem”.

Eddie pegou no armário pilhas novas e olhou de relance para a sala, certificando-se de que Ully não estava olhando, e só então pegou também um curativo para o braço ralado.

Com destreza foi até a sala colocando o aparelho auditivo de volta e sentou-se ao lado de Ully, sem conseguir sorrir muito por mais que as piadas do programa fossem engraçadas. Mas amanhã estaria de volta, insistindo no que agora fazia, e seria mais um dia habitual, apenas com uma nova rotina a se estabilizar.

Paixão

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

para Katherine Mansfield

Os botões agitavam-se e a blusa farfalhava ao vento.
Da janela para a varanda, o ar brilhante e a lua prateada
atiçavam o fogo da lareira da sala, em meio à penumbra,
por entre as chamas reluzentes do suspenso candelabro.

Centelhas irradiavam como se queimassem o peito.
Uma sensação de ardência espalhava o esplendor
do recomeço daquele desabrochar da primavera.
A emoção fervilhava com as badaladas do coração.

De repente, os vermelhos lábios crisparam,
quando a taça transbordada derramou o tinto,
engolfando o branco na mesa ornamentada,
entre dois arranjos de formas arredondadas.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Pedaços de Palavras

(Declaração de amor poética)

Luiz Pereira da Costa
Brasília - DF

Já faz tempo que eu te amo,
Com um enorme bem querer!
Algum pode amar alguém no mundo...
Com um bem querer profundo...
Mas não como eu amo você.

Já faz tempo que eu te quero...
Como quero o meu viver.
Mas não existe no mundo...
Alguém com um querer mais profundo...
Do quanto eu quero você.

Já faz tempo que te desejo,
Que desejo te beijar.
E esse desejo me aquece,
A alma como uma prece...
Pois nasci só pra te amar.

@poeta.luiz

https://www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=32334

Pena perpétua

Pat Andrade
Macapá/AP

o poeta aprisiona
não precisa
de corda,
grade ou algema...
o poeta prende
pela palavra
e sua pena.

Preces e promessas

Nathália Hernandes

São José do Rio Preto/SP

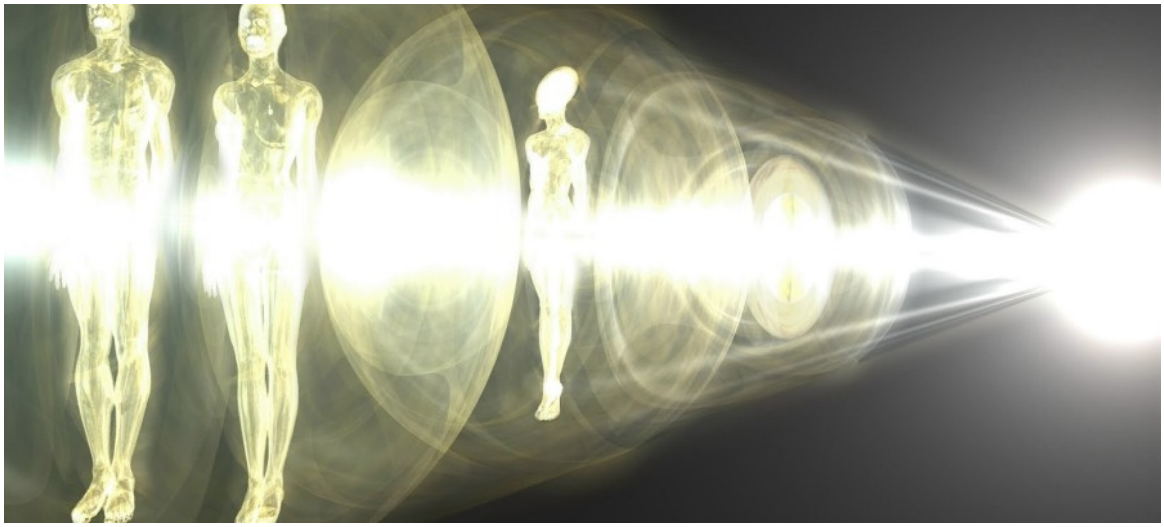
Enquanto cravava o punhal no peito adormecido do marido ela pensava em todas as humilhações que ele lhe impusera pelo simples prazer de feri-la .

Em cada surra ela repetia baixinho: "Um dia eu vou te matar enquanto você dorme".

Agora que cumpria enfim a sua promessa se sentia muito melhor. O sangue que esvaía do ferimento do monstro era até bonito, seria mais belo ainda, se não pertencesse a ele.

Suas mãos delicadas de mulher descansavam no lençol púrpura do sangue dele. Novamente em voz baixa, tão característica daquele ser feminino, ela sussurrava uma prece: "não deixe que o espírito dele retorne para me atormentar".

https://www.facebook.com/nathalia.hernandes.9



Que idade tem sua alma?

Gedeane Costa
Recife/PE

Que idade tem sua alma
não valoriza o amigo que lhe abraça...
não se curva ao pequenino que chora...
não vê graça na chuva que o chão molha...
não se encanta com a melodia da criança...

Que gotas tem na represa da esperança?
Será que qualquer coisa te cansa?
Que idade tem sua alma?
A noite é longa, esperando um novo dia...

Quantas pétalas de alegria tem no bem-me-quer?
enfrenta as barreiras, venha o que vier...
nas batalhas, você está de pé...
em silêncio, você ama a quem lhe fez raiva...

Que idade tem sua alma?
não importa os dias que se passam...
as coisas belas estão na simplicidade
e não importa a cronológica idade.

Aproveita enquanto é tempo a sua juventude
em sua plenitude!
Que idade tem sua alma?

Que Palavrão É Esse?

Milton Xavier
Fortaleza/CE

Existem palavras cujo uso só faz sentido em determinados lugares e situações e, mesmo assim, devem ser usadas com moderação.
É o caso de "procrastinar". Nada contra seu uso, quero deixar claro, mas, além de pouco utilizada, me traz à lembrança algumas histórias contadas por amigos:
Rosecler e Astolfo formavam um jovem e apaixonado casal. Namoravam já há oito anos e sempre sob a supervisão da mãe.

— Estou sentindo você tão ausente, Rosecler, o que está acontecendo? — disse Astolfo já meio cansado de ver a namorada pensativa.

— Nada não, amor. Deixa pra lá.

— Ei, pode contar comigo — falou Astolfo visivelmente preocupado e continuou daquele jeito apaixonado como se falasse com uma criança, e que já incomodava Rosecler. — Quem é que ama você? Quem ama você? Quem? Euuuuuu! — Astolfo abriu um sorriso de orelha a orelha e completou: — Diz pra mim o que te afligi.

— Estou procrastinando — respondeu Rosecler de cabeça baixa, depois olhou para Astolfo com olhos tristes e continuou: — E faz tempo. Desculpe, mas é a verdade.

Astolfo ficou pensativo por um longo tempo.

— Nunca imaginei que faria isso. Nunca mesmo! — disse o rapaz com amargura na voz, e continuou: — Quem é ele?

— Ele quem? — respondeu Rosecler.

— Com quem está procrastinando? Vamos, diga!

Diante da reação de Rosecler, ou seja, nenhuma reação exceto espanto, Astolfo corre para a porta e antes de sair diz:

— Acabou! Continue a procrastinar com o outro! — e saiu apressado batendo a porta.

Sua mãe entra apressada na sala ainda com o pano de prato na mão. Encontra Rosecler ainda sentada olhando para a porta fechada, boca aberta e olhos esbugalhados.

— Quando seu pai chegar vou ter uma conversa séria com ele. Você vai para um colégio interno! — virou as costas e voltou apressada para a cozinha.

Rosecler não respondeu, continuou sentada. Continuava de boca aberta. Continuava com os olhos esbugalhados, mas agora acompanhava os passos da mãe que ainda resmungava coisas ininteligíveis.
Durante os anos de convento — foi a opção do pai para parar, de vez, com a vida lasciva da filha —, Rosecler escreveu e publicou três livros, mas nunca casou.
Outro caso, este contado por um amigo — prefiro não revelar seu nome —, cujo casamento andava meio complicado, dizia mais ou menos o seguinte:
Atende o telefone. Sua mulher levanta a sobrancelha. Não tira os olhos da TV, mas não vê mais nada, todos os sentidos direcionados exclusivamente à audição, potencializando-a. Já desconfiava do marido fazia tempo.

— Hum, sei... É mesmo? Que coisa chata... Certo... Não esquenta a cabeça, isso passa e tudo voltará ao normal.

Desliga o telefone. Fica pensativo por alguns instantes.

— Quem era? — pergunta a mulher.

— O Acrísio.

Silêncio.

— E...? – continua a mulher.

— A Soraia! — faz uma pausa. — Está procrastinando. Ele não sabe mais o que fazer para acabar com isso.

— Eu sabia! — diz a mulher levantando-se bruscamente. — Eu sabia! Aquela sirigaita. E você, fique longe dela! — enquanto falava apontava e balançava o dedo indicador para o marido.

Casos como esses são mais comuns do que imaginamos.
Tempos atrás um amigo levou exatos três minutos para pronunciar "procrastinar". O fato de ele ser gago não tira minha responsabilidade em não tê-lo ajudado naquele triste momento emendando a continuação da palavra. Eu confesso, chegando em casa corri ao dicionário para saber que palavrão era aquele, preocupado em conhecer a doença que afligia meu amigo.
Desafio os poucos que, pacientemente, leram este texto até seu quase fenecimento a repetir três vezes seguidas, em voz alta e rapidamente:

— Procrastinar! Procrastinar! Procrastinar!

Eu não consigo. Já tentei.
Vou além, alguém já o chamou de pacóvio? Você já correu para um homizio? Já ficou rubicundo? Já defenestrou alguém?
Sobre este último, não resisto, tenho que comentar. Se você atira alguém pela janela o que acha mais coerente dizer ao delegado:

— Confesso, defenestrei Clotilde.
ou
— Confesso, atirei Clotilde pela janela.

Quem optar pela primeira alternativa, creio que sua pena será aumentada em alguns anos.

https://www.facebook.com\osmestresuniversais

Saudade Foice

Paulo Florindo
Alegrete/RS

Ser Idoso

Joana Maria Vilela de Simoni
Jaboticabal/SP

Ser idoso,
É ter orgulho,
É guardar na memória
Experiências vividas,
Não se importar com as marcas
Do tempo,
Dos fios brancos em seus cabelos,
Das rugas em sua pele,
Das falhas em sua memória,
É perder a lucidez alguma hora,
É suportar o inesperado,
É deixar o seu legado,
É compreender que tem defeitos,
Exigir os seus direitos!
E ser cidadão de respeito.
É ter dignidade,
É ser feliz na sociedade!

Silêncio

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba-MG

Jane levantou-se animada naquela manhã, já planejando a sua aula e lembrando-se do rostinho de cada aluno seu. Como ela gostava de crianças e como ela desempenhava seu papel de professora com prazer. Estar com eles a fazia esquecer todos os outros problemas; os dissabores com o marido, as dificuldade que enfrentava com seu filho adolescente. Naquele momento tudo era alegria; preparava muitas dinâmicas, gostava de conversar, cantar, brincar com seus meninos em sala de aula. Fazia o que realmente gostava e eles adoravam-na por isso. Enxergavam-na muito além que uma simples professora.

Da mesma forma que ela ansiava em estar com eles, estes também não viam a hora de ir à escola. Eram crianças que tinham entre 5 e 7 anos de idade.Muitos não tinham atenção em casa, os pais estavam sempre ocupados, trabalhando ou simplesmente não tinham tempo para perder com os filhos; outros eram hostilizados em casa e necessitando de carinho, cuidado, alguém que pelo menos os escutassem, desejavam estar logo com a tia Jane..

Jane sempre os tratava com individualidade, conversando com aquele aluno mais quietinho, reprimido, que parecia triste, mas querendo se abrir e deixando de lado por alguns momentos aquele que, sentado no fundo da sala, com muita rebeldia e agressividade, tratava mal aos colegas e à professora, quando esta tentava aproximar-se. Para esses ela usava uma metodologia diferenciada, e conhecia o momento oportuno de se aproximar; ouvia com atenção os alunos queixosos, reclamando de algum problema em casa e sempre tentava minimizar a situação, explicando da forma que fosse menos traumática para a idade da criança.

E assim as aulas eram sempre prazerosas e rendiam. Jane conseguia fazer com quem seus alunos aprendessem brincando, sem que nada fosse imposto como obrigação. Sentira como se tivesse nascido pra isso e a cada aula era uma surpresa diferente, conforme a espontaneidade de cada um.E ela adorava isso.

- Tia, hoje meu pai brigou com minha mãe, falando que ela tinha um amante, o que é um amante?

- Gabi, às vezes, as pessoas adultas têm momentos de raiva e não pensam antes de falar as coisas. Certamente, seu pai deveria estar chateado com algum problema no trabalho ou em casa e acabou falando coisas que não deveria ter falado. E sendo sua mãe a pessoa mais próxima dele, acaba sobrando pra ela. Mas não dê importância, são assuntos de gente grande e todos nós temos problemas, você também não fica chateada com algum colega às vezes, e fala

coisas das quais você precisa se desculpar depois? Então, assim também acontece com seus pais e com todos nós.

- Tia, o meu pai bateu muito forte no meu irmão ontem, falando que queria que ele não tivesse nascido.

- Valéria, em situações em que a pessoa fica com muito ódio no coração, elas falam coisas que não são verdadeiras, e depois se arrependem. Tente pensar que seu pai vai pedir desculpas pro seu irmão, dizendo que o que falou foi somente besteiras e que o ama.

Coisas eram ditas durante dinâmicas em aula e também em momentos inesperados. Apesar de ensinar tudo o que precisava, Jane dava a seus alunos liberdade para se expressarem. Gostava de conhecer a realidade em que viviam para poder ajudá-los, não só a desenvolverem as atividades em sala de aula, como também a se tornarem cidadãos responsáveis e conscientes.

Batia o sinal e as crianças saíam tristes da sala, sempre achando que foi rápido demais, e a professora preparava-se para estar de volta à realidade, encarar seu marido que andava cada dia mais agressivo, encarar seu filho, que ela se perguntava a todo instante onde é que ela tinha falhado. Era um rapaz de 17 anos, rebelde, não a respeitava e ela soubera a alguns dias pouco do seu envolvimento com drogas. Não sabia como agir, era mais fácil lidar com crianças, pois elas aceitavam carinho, colo e até as mais revoltadas sempre cediam quando ela, com jeitinho, chegava até elas . Mas seu filho não, ele era diferente, quando tentava aproximar-se dele, mesmo com cautela, ele já vinha com arrogância, cheio de si, dizendo para ela desistir de tentar conversar pois ele não gostava dela. E,deixando-a falar sozinha, saía, batendo a porta.

Perdia noites de sono, preocupada com o filho, mas mesmo assim, acordava animada. Seu refúgio era seus alunos e lá a realidade era outra. Ela dominava a sala e todos a ouviam com atenção e,muitas vezes, devoção.

As coisas eram bem mais fáceis ali. Apesar de saber que a realidade a qual seus alunos enfrentavam nem sempre era simples, ela conseguia conversar com eles, ser ouvida, coisa que não conseguia em casa.

- Tia, hoje minha mãe falou que tô tão gorda que vou ter que sair do balé e quando crescer ninguém vai querer namorar comigo.

- Meu bem, não leve tão a sério. Sua mãe só quer te ajudar e incentivar a comer alimentos mais saudáveis pra evitar que você tenha problemas de saúde quando crescer.

- Mas e se eu não conseguir arrumar um namorado?

- Ah, você é muito nova pra se preocupar ainda e saiba que as pessoas vão gostar de você por outros motivos também, além de você ser linda, é meiga, simpática e inteligente Terão mil motivos para gostar de você.

E lá se ia a professora pra casa, preocupada com as perguntas que ouvia em sala, mas feliz em ser-lhes útil.

Chegando em casa, Túlio, seu filho, já a esperava;furioso, agitado, queria dinheiro para sair e como ela questionava o motivo, ele a afrontava, agredindo-a verbalmente e, sozinha, perguntava-se por onde andava o marido. Temendo uma atitude mais agressiva do filho,dava o dinheiro, mesmo sabendo que serviria para sua destruição.

No outro dia, chegara cansada à escola, mas, mesmo assim, carinhosa e atenciosa com seus alunos. Hoje daria a eles produção de texto, mandá-los-ia fazer uma redação sobre suas férias e depois pedi-los-ia para ler ao o restante da classe, assim poderiam interagir com os colegas e ao mesmo tempo desenvolverem a leitura.

Em geral, as redações ficaram parecidas, contavam sobre suas viagens, suas diversões, mas uma, em especial, chamara sua atenção. Era a redação de João Vitor, em que retratava que suas férias foram, basicamente, acompanhando toda semana sua mãe à delegacia. Aparentemente, seu irmão mais velho estava tendo problemas com tráfico de drogas, homicídio e algumas outras denúncias, ainda não comprovadas, acerca de estupro. Ele já tinha várias passagens na polícia.

João Vitor observava, vergonhosamente, que a sala o encarava, assustados, e perguntou á professora:

- O que você acha que deve acontecer com meu irmão, em sua opinião, tia? Pois vejo minha mãe chorar noites e noites, implorando para que não prendessem meu irmão, que ele era uma boa pessoa.

- Olha João, acredito muito na justiça e acredito que tudo que a gente faz de errado com as pessoas, a gente tem que pagar, assim deve ser. Se não aprende em casa, que vá aprender na cadeia então, da pior forma e os pais têm que compreender isso. Fez mal aos outros, existe a lei para puni-los por isso.

- Mas, tia, e se meu irmão fosse seu filho?

Silêncio.

Silêncios

Rose Paz
Niterói/RJ

Olhos maduros escondem crianças
que choram por um colo.
Os silêncios, assim como as lágrimas,
precisam ter para onde ir.
São órfãos ansiando ser recolhidos.
Querem um lar, não apenas abrigo.

Nos abraços encontrariam casa,
para o cansaço que lentamente os apaga.
A invisibilidade é atributo dos que não tem morada.
Solidão é roupa apertada, de colarinho estreito.
Sufoca.
Esmaga.

Assim como o céu escurece,
Os sonhos também se turvam.
E as certezas que porventura resistem,
Fenecem solitárias nas madrugadas.

É quando orações não ultrapassam o teto,
que impiedoso nos olha de volta, mudo.
Um observador constante de suspiros e soluços.
Alguém sabe para onde vão os silêncios que berram das almas torturadas?

Içadas de seus labirintos,
por mais que tenham medo,
as cobaias também tem fome.
Chocolates com licor entorpecem,
mas não são como um beijo de amor.
Gostaria de ter engarrafado meu último.
Sequer lembro seu nome.

https://www.facebook.com/Coisasrelevantesparamente/

Sinal de Bondade

Eni Ilis

Campinas/SP

Talvez a corcunda daquele que ali segue, seja a asa que encravou. Cresceu para dentro o quanto pode, o quanto conseguiu. Não conheceu o espaço e brisa. Enrodilhou, petrificou. Como pesa o fardo daquele que ali segue. A asa cresceu, mas não nasceu! Segue corcunda. Sombra de anjo.

Singeleza

Paulo Vasconcellos
Capanema/PA

Quão singelo é o amor
Que ante a tantos percalços
Supera os anseios da emoção
Pactua com o afago e o sentimento
Refrigera e massageia o coração
Curando as mágoas e amenizando os flagelos
O amor é consistente e benéfico
Implementa a fluência da satisfação
Tornando-se o ápice da ternura
Recheada por efêmera razão
Tão grande é a força do amor
Energizada por anuência voraz
Materializada com sentimento profundo
Sofisticada e tênue fórmula eficaz
Sensatez e protagonismo coerentes
De quem ama e quer ser amado
Para ternas e plausíveis conclusões
Um verdadeiro amor
Amor mais do que perfeito
Que parece não acabar
Tornando-se até purificado
Não como uma forma jocosa de amar.

Solitário

Lusandro Oliveira Leite

Santa Inês/PB

As crianças brincam na minha rua – à alegria é um teste de aptidão absoluta. A realidade é segura e a dúvida parece não existir. Os adultos fazem ócios. Loucos vivem em bando. Um terremoto de ilusões...

Felizes? Jamais! Apenas engano. Falhos, imprecisos, descrentes, crentes, políticos e não políticos, amam o amor e amam o ódio – um verdadeiro pessimismo filosófico. E eu que moro na terra de nome Santo. Vou negar todas as vulgaridades?

Eu, tão solitário preso na engrenagem das multidões, sem capital, saúde, teto, direito. E o direito que tenho não é dito direito em linha reta e perfeita. Com as mãos vazias metidas na obscuridade das misérias, minhas calças rasgadas, meu chapéu de couro não possui mais couro, meus chinelos acabados, minha carne seca e dolorida e meu estômago absurdamente vazio. Com as lágrimas lavo o rosto e não consigo descansar durante a noite. Já em outro dia acordo sem esperança e tudo se repete novamente. E minha memória é triste e minha Santa Inês sufocava em lama seus moradores abandonados... eu continuo perdidamente solitário...

Tem alguém aí?

Manoel Alves Calixto

São Paulo/SP

Acordo cedo
Mas é dia da Independência do Brasil
E o meu também.
Arrumo a cama. .
Coloco o travesseiro na janela: Cadê o sol que você me prometeu ?
Abro o novo testamento .
Agora tenho 2 óculos :
Um para longe
Outro para perto .
Com os óculos de perto
Consigo olhar para dentro de mim
Com os óculos de longe
Consigo ver os outros .
Mas tudo bem
Nem tudo está perdido :
É o dia da Independência do Brasil
E o meu também .
Tem alguém aí ?

www.facebook.com/manoel.calixto.7

livrosdedeusatos4.12@gmail.com

Tic, tac na parede

Gabriel José
Recife/PE

Ele está lá na parede olhando pra mim (Tic). Eu nem aí pra ele lá pendurado (Tac). É preciso sair correndo pra trabalhar (Tic).Pois hoje me dei folga (tac). Está uma correria só (Tic). Folga é bom pra matar o tempo com besteira (Tac). Tem muitas pendências acumuladas (Tic) Dar atenção às crianças, brincar (Tac).

Mas ainda tenho que parar na esquina e pedir um fast food (Tic). Gosto de começar o dia com um café reforçado: macaxeira, raízes (Tac). Dar uma golada no refri (Tic). Depois aproveitar as crianças e o rio (Tac). E Partir então de vez! Chegar logo no oceano de papeladas que me espera (Tic). Lá vai o mergulho meninos! Como é bom (Tac). A água molhou até os papéis (Tic). A água tá boa, geladinha (Tac). Esqueci de tomar, bati com o cotovelo e derramou tudo (Tic). Quero muito dessa água e ver os peixinhos nadando lá em baixo (Tac). Cadê o rapaz da limpeza? Pede pra ele vim logo enxugar isso aqui (Tic).

Depois um soninho após o almoço (Tac). Não tenho dormido ultimamente, muita preocupação (Tic).

Lá vem as crianças me acordando, junto com a mulher e um bolo (Tac). Tem algo estranho acontecendo (Tic). Que emoção! Meu coração dispara de alegria (Tac). O coração tá doendo como se fosse estourar (Tic). Começam a cantar parabéns pra mim (Tac). A voz de alguém diz: "Meu jovem, está bem?" Tinha que está (tic). Tem até um cartaz:"Parabéns pelos seus 80 anos vovô!" Lindo (Tac). Todos na sala correm para me acudir (Tic). As crianças ensaiam uma batucada para acompanhar a cantiga (Tac, Tatac,Tac, Tatac,Tac, Tatac). Já sei que minha certidão de óbito será emitida naquelas impressoras antigas (Tic, Titic, Tic,Titic, Tic, Titic).

Ele continua lá na parede olhando pra mim (Tic, Tac, Tic, Tac, Tic, Tac, Tic, Tac, Tac, Tic, Tac, Tic, Tac, Tic, Tac).

Tribunal Virtual

Luciano Caettano
Araguari/MG

Eu, magistrado virtual sem Juízo,
e longe de qualquer ameaça física,
deixo extravasar o usuário-julgador
que a democracia tornou-me empoderado.

No meu tribunal virtual, ajo feito um
voyeur-tarado do comportamento alheio;
vigio a tudo e a todos com olhar policialesco.
E passo horas a fio nesse meu vão ofício.

Nele, sou um semideus,
um democrata reacionário,
uma espécie de pode-tudo,
com poderes de censor e de libertário.

E sou prático: leio apenas a manchete,
vejo uma imagem isolada,
um comentário fora de contexto
e mesmo assim os julgo. Sou intransigente!

Esses dias fiz uma postagem
e algumas pessoas discordaram de mim.
Achei estranho. Será que estão me julgando?!
Preciso deletar essa gente!

https://lucianocaettano.blogspot.com

Tudo muito calmo

Odirlei Lopes
Valente/BA

Vento
A todo tempo
Nunca falta vento
Se faltar
Assopro, eu vento

Pela boca
Levanto a poeira do silêncio
Migalhinhas do barulho
Que não faço

Espalham-se pelo ar

Voam leves,
Sem pressa,
Sem conversa

Hoje tem vento
Não converso
Até que a poesia
Me arranque do silêncio.

http://instagram.com/odirlei.lopes

Ultramarino

D. Kurebayashi
Aveiro/Portugal

(...)A sua casa tinha um aspeto rústico, a fachada era coberta por um amável alpendre apoiado em pilares de pedra em granito onde, nele trepavam flores lilases que pareciam querer espreitar pelas janelas do rés-do-chão e primeiro andar. Subiu os três degraus e da sua mala tiracolo procurou as chaves com os dedos molhados do suor. O som da porta abriu com a aragem fresca do ar-condicionado a acariciar-lhe o rosto e os cabelos fê-la fechar os olhos com deleite, observou a sua reconfortante sala de estar com saudade de se sentar no sofá a ver filmes com o seu amado entre pipocas e beijos, ainda com este pensamento levou o cesto de compras pelo corredor, sem reparar nas várias molduras com fotografias do seu casamento, das suas viagens, dos seus pais, do

passado num país tão exuberante e misterioso onde nasceu. Na cozinha arrumou as suas coisas e olhou o seu quintal pela janela panorâmica. Ali dentro estava demasiado silencioso, antes que a solidão se revelasse sua inimiga encheu a casa com música, sons suaves de violoncelo e piano tornavam-se como ondas frescas do mar, naquele momento a ardência do exterior fora esquecida. Antes de chegar à casa de banho despira o macacão molhado, este caiu-lhe pelo corpo até ao chão, arrepiando-a. Completamente despida passeou pela casa à procura do quarto.

A cama ainda estava por fazer, a janela aberta deixava o sol invadir com atrevimento o seu refúgio. Mais valia fechar a janela, estava mais quente no exterior. De seguida abriu o armário espelhado, sem contemplar o quanto era magra, de feições delicadas como uma flor de cerejeira que pintava os céus e as ruas deixando um rasto inesquecível da sua graciosidade e beleza. Não era muito alta, os ombros magros com as clavículas salientes preparavam o deslumbre dos seios simétricos, pequenos de onde se destacava os rosados mamilos, a barriga lisa desenhava suaves traços de musculação definida pelas horas de exercício que fazia diariamente, as coxas finas e tão desejáveis enriqueciam a aparência jovial das pernas e os pés arqueados sempre ligados ao mundo terreno. O pescoço alto e fino como o de uma garça a escutar o riacho despreocupado florescia para um rosto oval, de olhos amendoados decorados pelas claras sobrancelhas, nariz pequeno como um floco de neve tinha suaves sardas e os seus lábios carnudos sempre pintados lembravam os morangos frescos e apetitosos da exuberante primavera. O tom do mel dos seus olhos encararam as roupas do seu marido e instintivamente procurou abraçá-lo por entre as peças penduradas em cabides. Fora o primeiro homem que alguma vez amou, que doloroso era esse sentimento. Perto dele a vida era mais colorida, mas longe era como uma criança à procura do colo e da segurança durante a tempestade. Amar um piloto era como uma prisão numa gaiola apesar de ele voar como uma andorinha migratória nenhum dos dois tinha liberdade, estavam presos aos laços de um sentimento maior que a vida. Imaginava o seu amor como um eclipse, de três em três meses o sol e a lua juntavam-se e amavam-se para depois se separarem de novo com o universo

estrelado entre eles. Beijou as mangas da camisa que ele mais gostava, era do tom bordô com um padrão de pontos brancos, usava-a quando a conheceu na feira da lã de Tenjin-San no templo de Kitano Tenmangu, relembrou o primeiro olhar, ele fotografava-a desprevenida a saborear um dango caramelizado. O azul-céu sorridente fê-la tropeçar sobre uma pequena banca de venda de acessórios como luvas, pantufas e gorros, uma vez que estava frio haviam clientes interessados que foram interrompidos pela queda. Rapidamente prestaram auxílio, mas fora aquele ocidental de olhos claros que mais se preocupou pela sua condição. Com um ar tímido e um inglês forçado tentou afastá-lo, mas ele sabia que o destino o levara àquele momento por um desígnio e por isso e precisava manter a atenção dela. Mostrou-lhe a fotografia que lhe tirou enquanto comia o doce tradicional. Corada pediu que apagasse, mas foi submersa pela pergunta ousada do jovem alto, com o cabelo da cor do trigo "Porque estás tão triste e sozinha neste lugar?".

Ali iniciou-se uma história de amor que lhe salvou a vida. Fechou o armário, já segurava no braço o que precisava. Ao som da música parecia dançar até à casa de banho, entretanto soltou os longos cabelos negros como o carvão e suaves como o cetim. Lavou todo o corpo com água fria e imaginou-se numa cascata ruidosa com rochas por toda a parte, uma sensação de alívio fê-la mordiscar o lábio, as mãos procuravam desfazer a espuma da sua pele e os cabelos pesavam escorridos pelas suas costas. Não tardou a sentir os dedos engelhados e a dar por terminado aquele momento de tranquilidade. Depois de se secar, vestiu as cuecas rendadas em tom lilás e usou um vestido de alças branco de linho fino, suave e em corte de trapézio. Cantarolou a sinfonia que ouvia, o terceiro movimento da tempestade de Ludwig Van Beethoven e preparou o seu almoço, uma omeleta feita com os deliciosos ovos da dona Laurinda com queijo de búfala e uma salada de rúcula e figos, devorou por completo e saciada procurou uma caixa de madeira na sala, e carregou-a até ao seu quintal cujo acesso era pela porta da cozinha e dirigiu-se para o único lugar com sombra. Era ali que passava maior parte dos seus dias. Ao seu redor via cores tão instigantes, das folhas verde-escuras lanceoladas com um pouco de avermelhado como se

fosse possível alguém tê-las pintado com uma camada aguarela, o tom castanho dos troncos e galhos que auxiliavam os passeios dos insetos e pássaros, o tom das flores tudo sobrepunha-se ao neutro granito daquele espaço.

Sempre se sentava no banquinho de pedra com o alto cavalete de cedro à sua frente. Este fora uma das relíquias que não conseguiu abandonar no seu país. Ainda sem qualquer tela, através da sua armação podia ouvir a voz do seu pai:

- Kaori, pinta com toda a tua essência. Deixa que o corpo seja comandado como uma marioneta do destino. Nós, artistas, somos instrumentos de uma força mística e devemos sempre oferecer um pedaço da nossa alma em cada obra.

Preservara as tintas dele, muitas delas feitas pelas suas mãos trémulas. Segurou a que menos usava, o azul ultramarino, aquele que mais lhe recordava a sua infância. Cheirou-o, as memórias calorosas obtidas por aquele odor eram a sua musa. Quando tinha sete anos, sua mãe Yumeko faleceu vítima de um derrame vascular cerebral. Despedira-se dela com um beijo antes de ir para a escola e nunca mais a viu. Durante meses chorou a saudade e adoeceu, um dia, sentada no chão da sala recuperava da febre e dos vómitos da noite anterior quando o pai chegara com uma caixa de bamboo na mão. Sentou-se à sua frente, procurava a atenção da pequena que era tudo o que lhe restava. Abriu a caixa revelando uma pedra preciosa com um tom azul que parecia saído de uma fábula de tão surreal e mágico que era:

- Isto é Lápis-lazúli. – Sorria o pai – Uma pedra preciosa vinda do norte do Afeganistão, juntos vamos transformar esta preciosidade num pigmento para lá de belo.

Foi a primeira vez que entrou na oficina do pai, o cheiro a óleo e diluentes ondulavam pelo ar, haviam telas por todo o lado, algumas terminadas outras com apenas pequenos traços de tinta que se formariam em algo concreto e brilhante. Do lado direito da oficina tinha algumas máquinas velhas e descoloridas. À frente da grande janela estava uma secretária, sobre ela vários pincéis gastos, garrafas de diluentes, aguarrás, óleos e tintas de várias modalidades e características. Sentia-se hesitante a entrar naquele mundo tão desconhecido para ela, mas ao

mesmo tempo especial por poder fazer parte dele. Com a grande mão do pai sobre o seu ombro delicado guiou-a gentilmente até à secretária e ajudou-a a sentar-se num banco, ao lado estava o cavalete de cedro que ele próprio construiu e sobre ele uma tela de grande dimensão. Ao canto, perto dos pincéis estavam folhas soltas de papel de arroz com imagens monocromáticas de castelos, montanhas e árvores de flor de cerejeira. Os seus dedos procuravam sentir aquela textura quando fora interrompida pelo entusiasmo do pai que pousou a pedra na madeira. Falou que já tinha algumas numa máquina para as quebrar até ficarem grãos de cinco milímetros. Endireitou os óculos redondos com um sorriso. Aquele sorriso que único, carinhoso e sonhador procurava uma saída para um mundo colorido, onde o luto eram apenas lágrimas secas. Absorvidas pela terra e transformadas em flores, belas e alegres, como a sua falecida amada (…).

https://behance.net/dkurebayashi

Uma luz para um sentimento reprimido

Venâncio Amaral

Sorocaba/SP

Uma luz diferente, com uma claridade que ilumina sentimentos guardados em uma sala pequena e escura do coração. Não sei explicar ao certo como essa luz encontrou a direção, até porque, a porta desse coração já não se encontrava enfeitada e muito menos com um tapetinho escrito: "seja bem-vindo".

Pelo contrário, há poeira e uma porta rangendo, sem fechadura, logo, também não há chave. É observado um grande desgaste, sendo acelerado em função do tempo, deixando evidente o abandono.

Lembro vagamente que ocorreu um pulso intenso, que abalou a estrutura dessa moradia, após esse acontecimento, a luz surgiu...

Mas de onde vem?

Se não existe uma entrada, nem um caminho a ser trilhado... Porém, a luz surgiu, tentando adentrar no espaço sombrio e frio, por uma pequena fresta nos momentos em que a porta ziguezagueava, rangendo em uma melodia clássica dos filmes de terror.

Em um dado momento a porta iria parar de ziguezaguear, e assim, impediria que a luz adentrasse no espaço, no entanto, um pulso ainda maior ocorreu, com o abalo a porta se abriu por completo e a luz se expandiu.

Devido a refrações luminosas, os demais cômodos dessa moradia foram aos poucos iluminados, chegando a uma sala pequena e ainda escura, porém, bem ao canto havia um baú, sendo observado em sua estrutura junções reluzentes.

Um grande contraponto, o coração cercado por escuridão foi reprimindo a própria luz do sentimento, por receio, começou a recuar e encontrou abrigo dentro de um baú.

E por ali ficou esperando a escuridão passar, porém, necessitava de luz para combater, o tempo passava e de dentro do baú, erguia-se a tampa e só enxergava escuridão, a luz própria do sentimento não encontrava a coragem para se impor.

Quando a luz se omite, a escuridão governa!

Um reinado sombrio e frio se instalou, permanecendo por tempo indeterminado, no entanto, determinada era a luz que agora dissipava a escuridão e com sentimento aquecia o coração.

O tempo gélido de outrora adormeceu a estrutura e a onda luminosa de calor presente gerou uma contração, por medo da dor a porta velozmente se fechou! Retornando a escuridão...

Um fluxo luminoso toca a porta novamente, esperando por uma reação, mas o esforço parece ser em vão. Em virtude do desespero, a intensidade luminosa envolve toda a porta, encontrando um furinho que permitiu adentrar, um ponto de luz começou a dissipar a escuridão, cada refração transmitia a luz em direção a pequena sala, por fim o ponto de luz tocou o baú, porém, inalterado permaneceu.

A luz não se esgotou, persistiu, pois havia sentimento.

Com o passar do tempo o calor emitido pelo pequeno ponto de luz chegou ao interior do baú, a luz do sentimento de forma recíproca reagiu, e muito mais rápido que um piscar de olhos foi o momento em que o baú se abriu e as luzes se encontraram. E por menos de 299 792 458 m/s, a luz do sentimento conjugado ocupou todo o espaço e a dor outrora adormecida com o frio não mais incomodava.

Versos Versados

Roselena de Fátima Nunes Fagundes
Camaçari/BA

Nos versos que verso
são simples versos
que versam o inverso
de tudo que é universo!

Verso belos versos
que são versados
em tão diversos
versos conversados!

Dos versos que verso
tem os versos vividos,
também tem o reverso,
são versos inventados!

Lançamento das coletâneas da Elemental Editoração

Em nossa 13ª edição, anunciamos a convocatória para a Antologia "A Arte do Terror – Volume 6 – Apocalipse" e o sucesso foi tamanho, que a Elemental editoração resolveu ampliar o número de selecionados e lançar 2 antologias: "A Arte do Terror – Volume 6 – Apocalipse" e "Apocali-se: Outros contos sobre o Fim".

Parabéns aos selecionados:

Façam o download gratuito no link abaixo:

https://seloee.com.br/eeloja/home/71-a-arte-do-terror-volume-6-9780463791707.html

https://seloee.com.br/eeloja/home/74-apocali-se-outros-contos-sobre-o-fim-9780463509012.html

V Antologia Mulheres Pela Paz

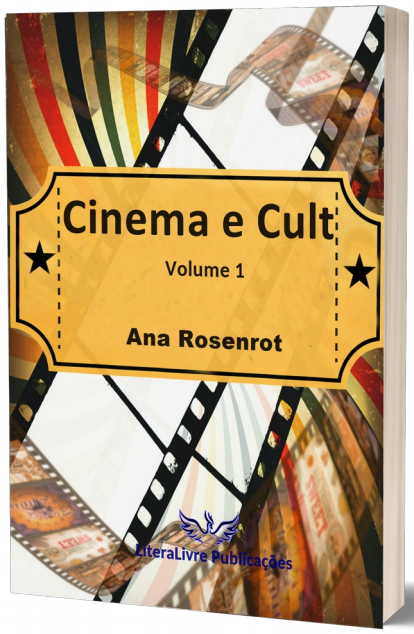
Confiram a Lista de Selecionados para a "V Antologia Mulheres Pela Paz", organizada por Alexandra M. Zeiner & Ivone Assis e promovida pela Ong alemã Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden.
Esse ano, a antologia homenageia os poetas portugueses Carmo Vasconcelos e Henrique L.Ramalho, grandes artistas e ativistas culturais.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

Cinema e Cult – venha se apaixonar pela sétima arte!!

Um livro sobre cinema, feito por quem ama cinema!!

Sinopse:



Para conhecer e compreender melhor o mundo mágico da sétima arte, este livro traz os textos atualizados de todas as edições da Coluna CULTíssimo, criada pela escritora e cineasta Ana Rosenrot e publicados originalmente na Revista Suíça Varal do Brasil (ISSN 1664-5243) entre 2014 e 2016.
Com linguagem acessível para o público em geral e também para estudantes de cinema, Cinema e Cult aborda a importância do cinema como ferramenta histórica e cultural e sua capacidade de transgredir, acompanhar e modificar conceitos, quebrar tabus e incentivar o livre pensamento e a reflexão.

Recanto das Letras (Versão Digital Gratuita):

https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6514745

Amazon Kindle(ebook):

https://www.amazon.com.br/Cinema-Cult-1-Ana-Rosenrot-ebook/dp/B07KSN5Y95

Clube de Autores (Versão Impressa):

https://www.clubedeautores.com.br/ptbr/book/267359--Cinema_e_Cult_vol_1#.W_2M-FrPzIU

Academia Independente de Letras abre inscrição para novos membros

Buscando novos integrantes, a Academia independente de Letras – AIL, sediada em Pernambuco, lança edital de convocação para preencher 50 vagas.
Os escritores interessados em concorrer a uma vaga devem baixar o Regimento Interno e a Ficha de Qualificação.

Para mais informações e procedimentos, acesse:

https://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/p/venha-voce-tambem-fazer-parte.html

Seleção de livros da autora Renata Soltanovitch para baixar gratuitamente

A escritora e advogada paulista Renata Soltanovitch, está disponibilizado toda a sua obra para download gratuito, são e-books de ficção, romances espíritas e orientação jurídica.

Acessem o link para os títulos sugeridos e encontre outros no site:

"Como divulgar de forma ética: publicidade, redes sociais e marketing ético"

Ética. Direito. Publicidade.

http://www.vicentevieirasoltanovitch.adv.br/livro/seu-nome-sua-marca-seu-negocio

"Seu nome. Sua marca. Seu negócio."

A escolha da marca é fundamental para o sucesso do negócio.

http://www.vicentevieirasoltanovitch.adv.br/livro/manual-de-sobrevivencia-dos-pequenos-negocios

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

***"Blog Concursos Literários"* -** Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

https://concursos-literarios.blogspot.com.br/

CONCURSOS

LITERÁRIOS

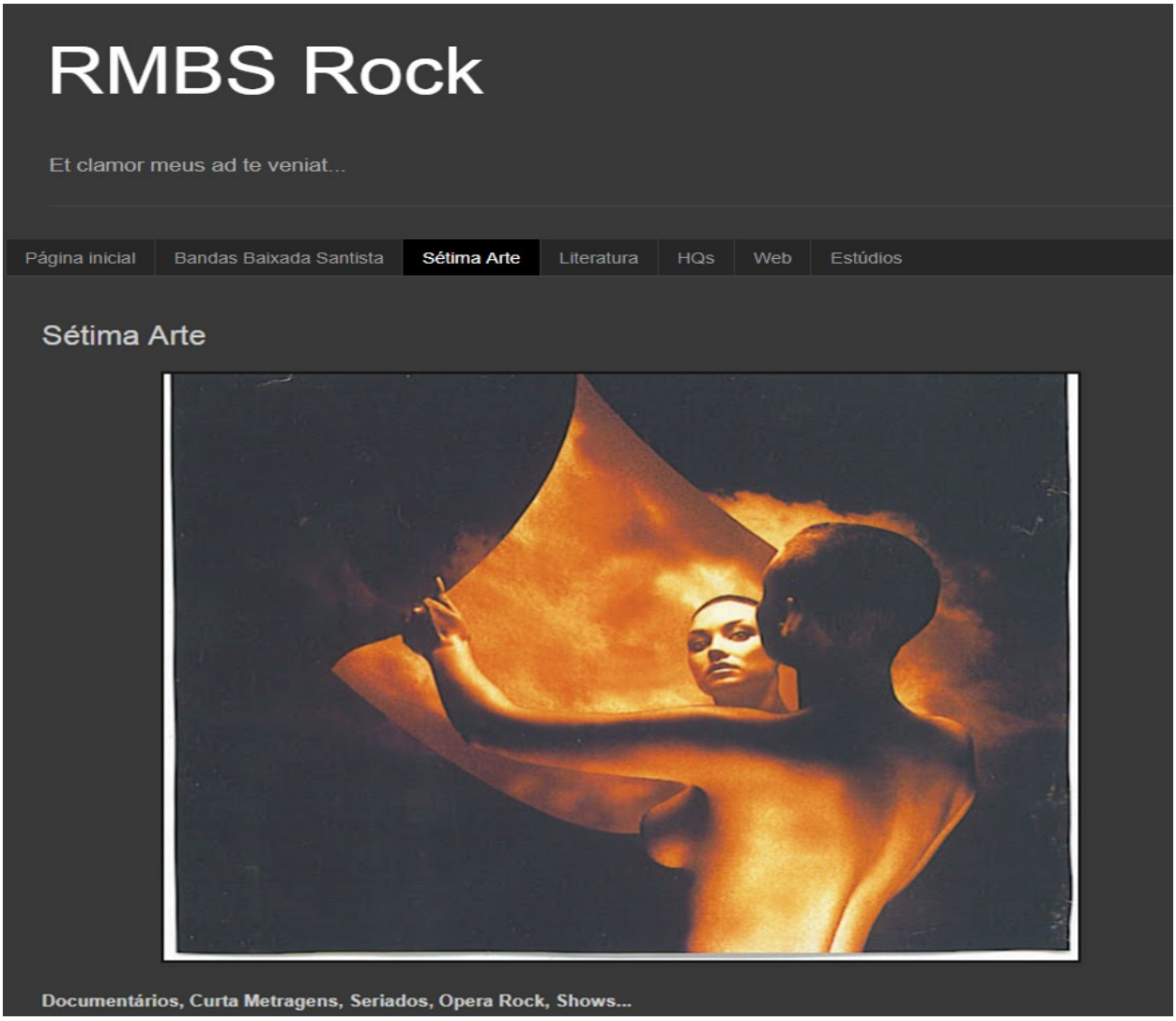
Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

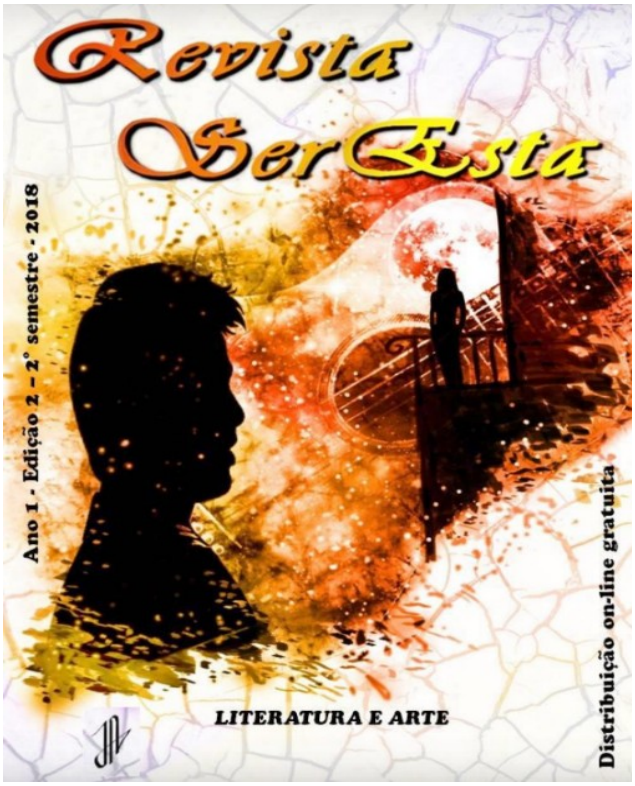
https://rmbsrock.blogspot.com/

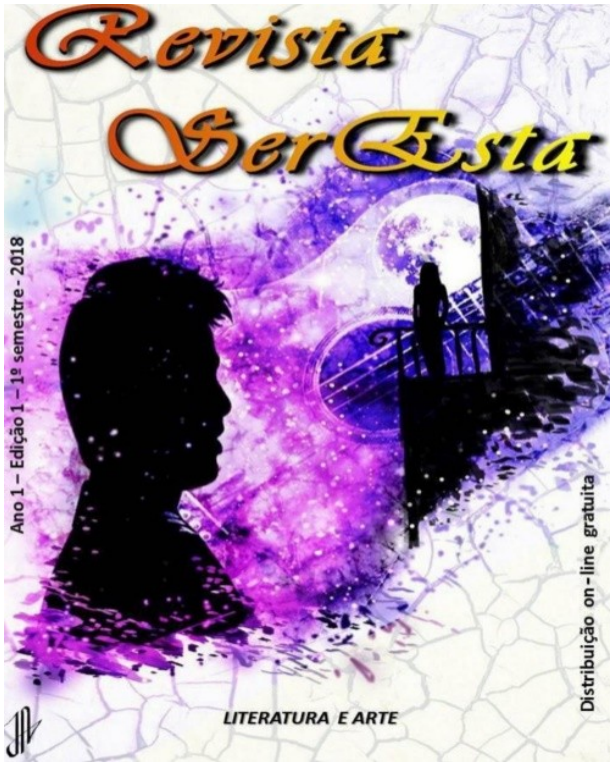


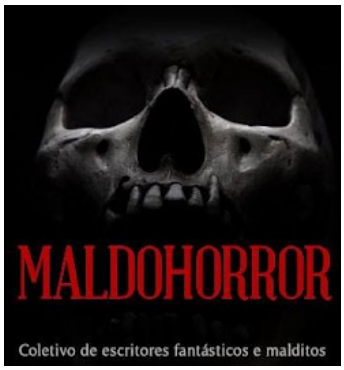
Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A segunda edição traz uma entrevista com Claudia Brino e Vieira Vivo e homenageia o grande artista ZIRALDO.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html







Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Diário da Poesia

Criado por um grupo de artistas de São Gonçalo, Rio de Janeiro, o Diário da Poesia divulga a arte em todas as suas formas.
Convido os amigos para conhecer e participar do site e ler o jornal.
Site do Diário da Poesia:

http://diariodapoesia.com.br/

"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/

"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/

Revista LiteraLivre
ISSN: 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)